VIAGEM

A UM

PAIZ DE SELVAGENS

POR

OSCAR LEAL

Membro correspondente das Sociedades de Geographia de Lisboa e Rio de Janeiro, da Academia de Historia Natural de Madrid, Socio honorario de varias corporações scientificas, etc., etc.

Adornada com varias gravuras de Pastor, segundo os desenhos do auctor

LISBOA

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52—*Rua Augusta*—52, 54

1895

LISBOA — Typ. e Stereotypia Moderna — Apostolos, 11, 1.º



Oscar Leal

A traducção franceza d'esta obra pertence ao auctor e a M. W. Battemberg.

Amiens, 28 — 9 — 93.

Ami monsieur O. Leal.

. . . .

Je vous envoie mes meilleurs compliments de confraternitè litteraire et d'estime personnelle.

Votre bien devouè

Jules Verne.

EXPLICAÇÃO

Indubitavelmente o leitor reflectido e cordato não irá á primeira vista crer que tivesse em mente, ao adoptar o titulo d'esta obra, deprimir a importancia das localidades onde a civilisação hoje predomina, manifestando-se progressivamente e que visitei durante esta viagem, cujo fim é que justifica perfeitamente tal titulo.

Todavia ahi fica a explicação.

O auctor.

«L'histoire des voyages a toujours été pour moi l'object d'une passion dominante, enfin les relations de Cook et Levaillant remplaçaient entre mes mains les contes de fées; jeune homme mon sommeil etait sans cesse troublé par la pensée des aventures lointaines et des merveilles que nous présentent les grandes scènes de la nature.

Castelnau.»

AO LEITOR



Não tenho outra pretensão mais do que mostrar ao leitor que, viajando, todos os dias, todas as horas, todos os minutos são por mim aproveitados sob risonha concepção — a reunião do util ao agradavel.

Excursionista comedido, semi-observador, fugaz e ligeiro, não me abarroto em estudos profundos, nem me emociono nos meandros da paixão pela mania descriptiva, a ponto de transmittir aos meus amigos pseudas informações e nem

tão pouco deixar-me arrastar pela influencia dos floreios litterarios ou dos adornos de elocução. Não. As minhas observações são tão favorecidas pela despretenciosidade como primam pela sua parte sincera e veridica.

Ao correr da penna, sentindo-me affeito ás luctas d'esta natureza, percorro o meu caminho que embora sinuoso e cheio de obstaculos, é solido e seguro.

São paginas essas que ahi vão correr mundo, talvez como já disse um distincto amigo, escriptas *à la diable* — simile de ruidosa palestra de café entre bohemios, na mutação de impressões palpitantes onde o bom humor se acotovela com o scintillar das ideias» . . .

O que é o Brazil?

Um paiz vastissimo, mal povoado pouco conhecido, cheio de riquezas innumeras. E que se ha escripto sobre elle? Nada, para não dizer muito pouco.

E' raro o viajante brasileiro que se anima a publicar as impressões das suas viagens, e a causa d'isto está na inveja de que logo se vê cercado ao dar os primeiros passos.

Em primeiro logar embargam-lhos a modestia e o medo, em segundo o receio e o temor da critica mesquinha e cruel, que no Brazil é uma arma egoistica manejada quasi sempre pelos pretenciosos e invejosos de todo o genero.

Por este motivo é que os livros escaceiam ao passo que as traducções de obras estrangeiras se contam aos milhares.

«O systema de deprimir é muito brasileiro, disse já o illustrado dr. Moreira Pinto. Os criticos irrompem como cogumellos e o pobre do auctor que sacrificou annos e annos de sua vida em estudar, em *crear o que não existia*, é vilipendiado coberto de apodos.»

Nada d'isso temo, nem temi até hoje.

Castelnau quando visitou o Brazil queixou-se sempre da falta de livros e de livrarias por toda a parte, lamentando que os brasileiros sejam pouco dados á leitura e ao estudo.

Na sua obra sobre a America do Sul elle escreveu mesmo o seguinte, com relação á sua estada na capital do Amazonas:

«Lá nous fûmes encore frappés du manque de livres que l'on remarque dans toutes les villes bresiliennes; sous ce rapport les pays espagnols sont beaucoup plus avancés.»

Esta informação não póde triumphar. No Brazil pódem existir de facto egoistas, invejosos e destruidores das obras alheias mas não faltam livros, embora as edições sejam pequenas e raramente novas.

Na nossa epocha de progresso falta-nos tempo até mesmo para ler, por isso o que entendo é que o escriptor deve ser desataviado mas

fluente, rapido mas conciso, porque como bem disse R. Ortigão «lê-se de pé, rapidamente, procurando ler com frenesi em grandes boccados como nos restaurants dos caminhos de ferro, ao *buffete*, a tempo fixo, nos dez minutos de parada que dá o trem para almoçar.»

N'esta obra despretenciosa não vai o leitor encontrar primores de estylo mas sim descripções verdadeiras a que talvez já o acostumei.

Que ninguem pense que me cega a vaidade ou que desejo occupar um logar saliente no grande mundo litterario da nossa epocha.

Bastam-me as saudações e os comprimentos encomiasticos que tenho recebido do estrangeiro e os elogios que obsequiosamente me tem sido feitos pela imprensa do Brazil e Portugal, conhecedora em maioria das minhas patrioticas intenções, para que não deponha a penna e depois d'esta continue a dar que fazer aos typographos e a tentar divertir os leitores com as minhas novas e despretenciosas descripções.

Ainda ha pouco foi preciso ir da Allemanha o senhor Dr. Von Stein e internar-se nos confins de Matto Grosso, para saber-se que no coração do Brazil se encontram ainda povos que ignoram a existencia da civilisação e vivem na edade da pedra!

Que areopago de revelações em um futuro menos remoto, não nos trarão novas explo-

rações e novos estudos na investigação do ignoto?

Conheçamos pois o Tocantins essa immensa arteria que banha uma das mais lindas regiões do mundo.

....

«E' na verdade preciso ter abnegação e desinteresse, como me disse em uma das suas cartas o meu saudoso amigo e audaz explorador Lopes Mendes, para n'aquelles calidos climas, sem elementos materiaes e sem os auxiliares indispensaveis a boa exploração scientifica poder realisal-a com muito trabalho e sacrificio.»

E quem póde avaliar, senão um entendido, as grandes difficuldades que foi preciso superar, para colligir os dados que servem de base a trabalhos d'esta ordem?

Disse ainda aquelle cavalheiro na sua carta:

«Muito faz v.... e, portanto, mui digno é pelo relevante serviço prestado á sua patria pelas felicitações de quem por experiencia propria sabe quanto custam e difficeis são de desempenhar trabalhos de semelhante ordem, mormente n'esse abençoado paiz onde o espectaculo da creação apura os sentimentos varonís do homem, a alma, enrugada pelos ventos frios da sociedade, se expande, reverdece e fortifica e os illustrados e intrepidos viajantes que teem

percorrido os trilhos do sertão brasileiro se sentem muitas vezes pequenos e singularmente humilhados perante as maravilhas da natureza.

. . . .

E' esta com franqueza a minha impressão sobre o seu ultimo trabalho no qual v.... revela aptidão e de sobra para nos dar novas obras, de genero identico, se porventura lhe fôr possivel consagrar mais tempo a estudos d'esta ordem.»

. . . .

Como o leitor acaba de ver isto é a expressão ou a obra posthuma de um amigo que para, me ser agradavel, me dirigiu essas palavras animadoras e sinceras, mas infelizmente reconheço e confesso que são fracas as minhas forças e parcos os meus conhecimentos.

Ufano-me apenas de ser um trabalhador e nada mais.

Servir o Brazil — eis o meu fim.

Oscar Leal

PRIMEIRA PARTE

I

A bordo do Xingú



EM Agosto de 1886, deixando saudosamente o Tejo e a formosa Lisboa, partia com destino ao Pará, n'um dos vapores da Red Cross Line, que em carreira directa para alli seguem quinzenalmente.

Os primeiros dias de viagem foram máus e tormentosos. Na altura da Madeira, impetuoso temporal amedrontou os passageiros menos affoutos durante algum tempo, e momentos houve em que a agua,

invadindo o convez, chegou a causar sustos e prejuizos.

Vencidos os maus effeitos originados pelos incommodos dos primeiros momentos, terminava felizmente a viagem alegremente e, treze dias apóz a nossa partida de Lisboa, o paquete ancorava em frente da rica e graciosa capital paraense na Bahiá de Guajará.

Recem-chegado e não desejando, a bem da saude, aventurar-me durante os grandes calores, e permanecer por muito tempo n'essa cidade, a conselho de varias pessoas, ás quaes fora recommendado, resolvi visitar algumas das localidades do prospero estado.

Para isso, tomando logar a bordo do vapor *Xingú*, em um dos primeiros dias do mez de Setembro parti com passagem até Cametá.

Nada conhecia então dos usos e costumes do povo que habita as regiões amazonicas; mas, animado pelo meu espirito investigador e alimentando cada vez mais o desejo do estudo sob a forma pratica, seguia para o ponto do meu destino como sempre alegre e tranquillo.

A bordo logo encontrei entre os passageiros alguns cavalheiros amaveis, com os quaes me foi facil travar conhecimento, manifestando-se todos com franqueza, o que bastante me regosijou.

A' meia noite em ponto, o *Xingú*, já carregado, largava, sulcando vagarosamente as aguas da formosa Guajará que n'esta occasião reflectiam a pureza da abobada celeste. Senti como que um allivio no encontro de uma atmosphera mais confortavel e oxygenada de que careciam os meus pulmões.

Dir-se-ha que n'esta zona equatorial o reino das trévas contém mais brilhantismo e limpidez que o reino da luz.

Aos dias escuros e chuvosos succedem-se noites esplendidas, de brilhante luar e immensa harmonia.

Pela madrugada, passámos em frente ao canal natural de Tagy-purú, que fórma o vasto archipelago de Marajó, situado entre os grandes rios Amazonas e Tocantins.

Mais algumas horas decorridas e o ar delgado e subtil da manhã fresca, saturado das emanações perfumadas dos arvoredos, veiu despertar-me.

O vapor acabava de parar em face da villa de Abaeté no ygarapé Maratauira, cujos fundos das casas debruçados para o rio, tiram toda a vista que se possa disfructar de bordo.

Esta villa é pequena e sem edificação alguma notavel e o seu aspecto é triste e sombrio. Sentiu-se ahi um tremor de terra a 4 de Agosto de 1885.

N'outros tempos houve alli uma typographia onde era publicado o *Abaetense*.

A população da villa é de 700 habitantes.

Nos termos reunidos de Abaeté e Igarapé-mirim ha boas lavouras de canna, mandioca, milho e alguns engenhos de assucar.

A palavra *Abaeté* significa pessoa notavel.

Feita a respectiva descarga de mercadorias e desembarque de passageiros, partiu novamente o *Xingú* um pouco mais alliviado do pezo que pouco antes supportava.

D'ahi em deante são incriveis as voltas que dá o vapor, atracando de hora a hora nos trapiches



O vapor continuava a tocar em varios pontos

de quanto negociante é freguez da firma que representa a companhia ou empreza, pelo que é este essencialmente mercante, não offerecendo o minimo conforto ou commodidade aos passageiros.

O passadio é mau e o serviço apresenta o cunho de uma negligencia puramente nortista; os camarotes são invadidos por cargas e bagagens, sem adornos de especie alguma e só deixando ver o desmantelamento que reina a bordo. As viagens são demoradas em virtude da má direcção no serviço das descargas.

A popa da embarcação sob a tolda permanente apresenta interessante aspecto. Redes de varias côres acham-se suspensas de conveniente altura, nas quaes se balouçam os passageiros, entregues ás delicias do somno.

O espaço mais pequeno permanece quasi sempre occupado por cargas, bagagens e encommendas, machinas de costura, gaiolas e muitos outros objectos. Ao centro acha-se a meza, onde, durante o dia, são servidas as refeições e que de noite jaz completamente livre.

Foi justamente sobre ella que fiz collocar a minha cama portatil, e onde dormi algumas horas.

O vapor continuou durante o dia seguinte a tocar em varios pontos que me pareceram de nenhuma importancia, mas, n'estas voltas e passagens por ygarapés e braços de rio, tive ensejo de conhecer desde logo as bellezas naturaes de tão opulenta região.

O thermometro marcava á uma hora da tarde 28 gráos, sentindo-se excessivo calor a bordo.

De instante a instante, do parapeito de pôpa eu

deitava o binoculo para algumas habitações que orlam com grandes intervallos as margens do rio, onde mulheres, homens e creanças accudiam a vêr passar o vapor. Mais de uma vez notei que, ao assestar-lhes o binoculo, as mulheres tão somente corriam a esconder-se, ou cahiam por terra aconchegando-se umas nas outras. Intrigado com isto, procurei saber o motivo, e foi com pasmo que ouvi um passageiro affirmar ser crença entre essa gente que o binoculo nol'as faz vêr de pernas para o ar, descobrindo á vista todas as partes do corpo!

O riso que tal explicação me causou fez-me de novo entregar ao curioso passatempo, e, por causa da teima, vi-me dentro em pouco coberto de invectivas e insultos com que as mulheres de terra me mimoseavam, furiosas todas contra mim e sobretudo contra o uso de tal objecto, que, infelizmente, não possuia as famosas virtudes que lhe attribuiam.

Pelas duas horas da tarde o *Xingú* effectuava vagarosamente uma travessía ao longo do rio, em cujas margens a monotonia da agua era quebrada pela sombra desbotada das reboleiras e de exoticas gramineas pendentes dos barrancos.

Reflectia-se na limpidez do precioso liquido uma ou outra nuvem pardacenta, que se esgarçava sumindo-se nos ares. Ao longe, n'um horizonte côr de lume, ainda se divisava, como precursoras de embruscamento tardio, um montão de nuvens muito escuras.

Dentro em pouco, entravamos n'um ygarapé, onde o vapor parou, afim de receber combustivel.

Para quem, como eu, aprecia tudo o que a na-

tureza sob varios matizes apresenta n'estes desertos de terra e agua, o dia inteiro foi pouco para dar por exgotada a minha curiosidade.

Só por volta das tres horas da madrugada, ancorou o *Xingú* no ponto do meu destino.

Ao amanhecer, saltei em Cametá, hospedando-me no hotel Tocantins, unico que alli havia n'essa occasião.

II

Cametá



CAMETÁ está situada na margem esquerda do Tocantins, a 78 kilometros da sua foz e a 180 S. S. O. da capital do estado. Tem tresentas e oitenta casas melhores, sendo 16 sobrados.

O local, em que se acha edificada, foi antigamente occupado por uma aldeia de indios. A sua população é de mil e quinhentos habitantes.

Tornou-se notavel esta cidade desde 1637, por ter sido de lá que partiu n'essa epocha para o Perú o audaz Pedro Teixeira.

Cametá tem sido berço de varios homens illustres e que deixaram nome na historia patria. Todos, pelo costume do tempo formados em theologia, chegaram a salientar-se nobremente, occupando cargos dos mais elevados no paiz.

Cametá contava então quatro egrejas, trinta lojas de fazendas e molhados de primeira ordem, dois hoteis e bilhares, tres salões de barbeiro, uma officina de encadernação e outras de varias

especies. A respeito de fabricas só uma, e esta de foguetes.

O edificio da camara ou intendencia municipal acha-se collocado no centro de uma espaçosa praça, infelizmente quasi deserta.

Occupam as prisões (cadêa) o pavimento terreo d'este predio que toma lugubre aspecto, pelas grades das janellas, por onde nem podem enfiar as cabeças os infelizes prisioneiros. Estes fabricam simplesmente peneiras e outros objectos de facil e tranquillo fabrico.

Ao longo do rio corre um caes com paredão e passeio cimentado, na extensão de duzentos metros, no maximo, e cujas extremidades tocam os predios cujos fundos se debruçam para o Tocantins, destacando-se n'este espaço a frente dos que ficam do outro lado da rua.

As cazas, e principalmente as egrejas, de Cametá estão ennegrecidas pelo tempo.

Castelnau notou n'esta cidade que, se bem que sejam doces as aguas do rio, são salgadas as dos poços e cisternas a cerca de 6 metros de profundidade.

Este auctor deu a Cametá, em 1847, tres mil habitantes. Esta noticia demonstra que a rainha de Tocantins tem tido o andar de carangueijo, como tem succedido a muitas outras povoações do estado paraense.

Cametá tem uma bibliotheca, que conta tres mil e tantos volumes e foi instituida por cidadãos benemeritos.

Residiam em Cametá um medico e tres advogados. Havia alli duas pharmacias.

A imprensa éra representada por dois orgãos

de publicação hebdomadaria. — *A Reacção* e *O Commercial,* sendo o primeiro politico e o segundo neutro.

A rua denominada «Porto Real» era em parte formada por um chão estivado, sob o qual a agua provocava continuos estragos nos alicerces dos predios, o que poderia ser evitado se alli se procedesse a um aterro de uma a outra extremidade. E' bem provavel que a esta hora conte a cidade mais esse melhoramento, assim como o de melhor illuminação: a de então era má.

*

Ainda não affeito aos usos e costumes n'este estado que pouco antes pizara pela primeira vez, estranheza e de sobra me causou o modo de vida dos habitantes de Cametá que dormem mais, mesmo muito mais, do que vivem. Os velhos principalmente são uns terriveis dorminhocos. Muitas vezes ao ver as ruas desertas depois do meio dia julgava errar n'uma d'essas cidades dedicadas ao somno de que se tracta nos Contos do Oriente. Ficava pasmado quando tinha de ir a casa de qualquer cavalheiro, ao ouvir a creada responder-me:

— Meu amo está na rede dormindo.

E isto ao meio dia, á uma, duas, tres horas da tarde! Se voltava dentro em pouco, a mesma resposta obtinha ou aliás est'outra:

— Foi para o banho.

A respeito de banhos. Não são banhistas, são

patos. Os homens e as senhoras banham-se ordinariamente duas vezes ao dia, a par das marés, pela manhã e á tarde. As creanças, d'essas nem fallemos: parecem amphibios, tanto lhes apraz saltar e brincar nas ruas ou nos quintaes como dentro d'agua.

Banham-se a toda a hora do dia ou da noite, nadam e mergulham como peixes e isto não succede somente em Cametá, dá-se em toda a vasta região amazonica.

Uma cousa digna de nota de um observador — o decoro não é lá muito respeitado, se bem que manifesto respeito haja de parte a parte. Todavia não é muito admissivel a sem ceremonia e costume de homens de certa edade se banharem completamente á moda de Adão, junto de seus filhos, ás vezes rapazes crescidos embora imberbes, e até mesmo (como tive occasião de assistir) na presença de suas jovens filhas.

As familias frequentam banheiros-barracas nos quaes a agua penetra durante a preamar e que offerecem largueza e profundidade. Escusado é dizer que qualquer cametaense é perita e agil em exercicio de natação.

Convém emfim saber que no Tocantins ou mesmo no Amazonas uma pessoa não se banha sómente com o fito de lavar-se. Não são banhos propriamente ditos: são refrescos.

Sob tal clima e onde a temperatura dispõe mais a seu bello prazer do nosso corpo que nós dos proprios braços, o banho passa a ser tomado debaixo do ponto de vista simplesmente hygienico.

E como nos diz o poeta

«Uma vez um doctor disse
Estando eu muito doente,
Que quando me recolhesse
Me lavasse em aguardente.

«Mas achando ainda melhor.
Me lavar tambem por dentro,
Começo co'a receita
E a mona experimento.»

Assim fazem os cametaenses, embora haja differença de liquidos com applicações variadas.

O banhista refresca-se interna e externamente. O segundo refresco de uso interno é de Cacáo ou de *copu* e para cumulo ha um terceiro, a que não andarei errado chamando ardente. Assim é que, por effeito de tanto se refrescar o cametaense, aquece novamente o estomago com uma boa dose de calda de assahy «Euterpe edulis», bebida extravagante e sem gosto supportavel á primeira prova.

Os naturaes acham-n'a excellente e servem-se d'ella simples ou juntando-lhe farinha de mandioca ou assucar.

Entre os estrangeiros alli residentes havia o Visconde de Gerez que só doze annos depois de habitar o Tocantins conseguiu tragal-a e então creio que jamais a poude abandonar, tal e qual como o bom burguez o seu havano.

Cá para mim quer-me parecer que é toleravel, depois de vencida a repugnancia originada no modo de servir a bebida quando exposta á venda por pretas immundas, que a reteem dentro de sordidas vasilhas de barro.

Só em casa de familia capaz póde uma pessoa

escrupulosa acceitar um copo com assahy sem receio de enjôo.

. . . .

Passados alguns dias depois da nossa chegada a Cametá, senti desvanecerem-se os receios que até então nutria a respeito de molestias proprias d'esta região, continuando, graças a mil cuidados e precauções, a gozar regular saude.

Pouco conhecedor ainda dos habitos paraenses, levava uma vida algum tanto concentrada. A's vezes, aproveitando a fresca das manhãs ou das tardes, fazia pequenas excursões no perimetro da cidade e até certas horas do dia empregava-me tranquillamente em meus affazeres.

O appetite sob a influencia do clima só apparece tarde e quanto ao passadio, sempre máo e mesmo muitas vezes o dono do hotel dizia-me de manhã não saber que dar durante o dia aos seus hospedes.

Ora a carne verde que deixava de haver, por falta de gado aos fornecedores, ora o peixe que não apparecia á venda e assim tudo o mais.

Muitas vezes vi-o impaciente voltar ao hotel, depois de gastar horas e horas a percorrer todos os recantos da cidade em busca de uma gallinha ou de uma duzia de ovos, que não encontrava e quando succedia dar-se por feliz, nunca lhe custava a gallinha, embora magra e de má qualidade, menos de quatro mil réis.

D'ahi para cima sempre.

Então, para desabafo da sua indignação, banhado em suor, voltava-se para mim dizendo:

—Esta ave custou-me quatro mil réis, depois de morta e preparada dá para oito pratos (!), ven-

didos ao preço da tabella, 500 réis cada um, quanto posso vir a ganhar?

Nada... e o trabalho, o tempero...?

O pobre hoteleiro tinha carradas de rasão.

— Mas em que se emprega esta gente de baixa classe da qual devem provir as partes rudimentaes de que se fórma o pequeno commercio?

— Em cousa alguma. Toca viola, dá á lingua fala da vida alheia e dorme a maior parte do tempo.

São ociosissimos os filhos da nossa terra. Esta gente não tem ambições, alimenta-se diariamente com algum pedaço de pirarucú, assahy e bebe aguardente ou agua do rio quando não tem aquella.

Lavoura, nem pensam n'isso, e sem ella, sem o milho ou grão, não ha com que sustentar gallinhas, porcos ou outra qualquer especie de creação.

Patos ha bastantes, dão pouco trabalho, criam-se no rio, onde mariscam á vontade.

Os seringaes mais proximos estão estragadissimos e a respeito de cacáo durante as boas safras os que têm cacoaes colhem a fructa que podem, e os que não têem ou não se julgam proprietarios, vão chamando a si quanto podem e affirmando que o sol fez-se para todos e a terra tambem!

Isto é claro, como clara é a agua do Corimã.

Eu, que tenho viajado por quasi toda a America do Sul, não posso admirar-me d'este estado de cousas. Tenho visto muito melhor e muito peior.

....

O pobre hoteleiro era ainda victima de outros males, como vamos ver.

Nos telhados e quintaes das casas em Cametá estacionavam numerosos urubús (corvos), cuja presença repugna sempre a quem não está affeito a tal espectaculo.

São tão velhacos que chegam a espreitar as pessoas e, quando as apanham entretidas, entram nas cozinhas, pulam para os armarios e roubam tudo o que encontram e lhes sirva de alimento.

Ora os corvos e os gatos eram o desasocego do pobre hoteleiro e, por mais de uma vez, aquelles zombavam da paciencia d'este.

— Lá se me foi metade d'uma gallinha que ficou na prateleira!

Exclamava o cosinheiro fóra de si.

— E quem a tirou?

— Ora... foram esses maldictos, respondia. E atirava páos e pedras sobre as negras aves, que voavam espavoridas, sem obstar porém á que d'ahi a pouco voltassem a seus pontos.

Uma noite dormia eu tranquillamente no meu aposento, quando fui despertado por um ruido que se fazia nos fundos da casa. Sem atinar com a causa suppondo que fossem ladrões; peguei no revolver e, abrindo a porta, dirigi-me pé ante pé para aquelles lados.

Percebi a voz do dono do hotel que dizia:

— Mata... mata esse ladrão.

E via já os dois armados de cabos de vassouras a olharem para um angulo sem distinguirem a victima, quando repentinamente de tráz d'um caixão saltou um pobre gato que se dirigiu para o lado onde me achava, indo-se escon-

der debaixo d'uma meza. Os homens corriam esbaforidos no encalço do bichano; mas, ao veremme pararam tomando folego e aproveitando o momento gritei-lhes:

—«Quem mata gato, tem sete annos de fadario».

Triumphou a superstição e com ella salvei a vida do bichano que, desdenhando as doçuras do lar, se entregava alta noite á rapinagem, escondendo-se durante o dia nas goteiras e nos antros sombrios ou saltando ao pino do sol com os pellos eriçados e a cauda erguida por cima dos telhados. Um gato bohemio afinal de contas, um gato vagabundo e não um d'esses gatos de que nos fala Zola no seu Paraizo, mas um pobresinho magro, exhalando estranhos perfumes e escorraçado de toda a visinhança.

Com a impassibilidade de philosopho depois de ter tomado á conta o patrono do infeliz, pensava no seu futuro, em suas novas aventuras e temia não poder de novo soccorrel-o no momento do perigo.

Pois um animal de qualquer especie não tem o direito de luctar pela vida?

Se o pobre animalsito, cansado de esgaravatar os sycomoros do cisco, impellido pela fome não tem a fazer senão valer-se do nosso descuido!

O que faz o desgraçado humano, que não possue mesmo uma côdea com que mitigue a fome? Que pede em nome de Deus uma esmola e ninguem o ouve? Furta, é verdade, mas sem ser egoista muitas vezes, por crer-se racional.

Colloca-se deante d'este terrivel dilemma — a morte e o crime. O crime a aventura, e a morte o ponto final.

Se ha entes, os mais vis da sociedade, que se mostram indifferentes deante da desgraça, como se nada tivessem que ver com os males da humanidade!

Passaram-se emfim alguns dias e foi n'uma manhã, em que me levantara cedo, que, ao passar pela varanda vi de novo o bichano. O coitado tambem me lobrigou no momento em que o seu magro perfil se desenhava aos raios do sol nascente. Deitou-me um olhar triste, levantou a cauda e, cada vez mais atilado, sumiu-se rapidamente.

Fugia de mim, do seu salvador.

Que inconsciente!

Depois.... nunca mais o tornei a ver.

III

Usos e considerações

TALVEZ não ande errado em affirmar que Cametá é o emporio do Tocantins e como princeza d'estas paragens torna-se o ponto para o qual devem convergir todas as vistas.

Ahi, embora não haja largas fortunas, ha todavia dinheiro; e onde elle existe paira a abundancia.

O commercio suppre todas as faltas, fornece o necessario e o preciso e satisfaz qualquer desejo; só exige dinheiro ou aliás — borracha, cacáu, castanha e outras pequenas cousas. O que não fôr fresco é de conserva ou de salmoura e o que não fôr natural é artificial.

Em Cametá encontra-se vinho muito mais puro que no nosso Rio de Janeiro, a capital da vasta republica.

A importação directa e a pouca tendencia para o systema dos monopolios, livra os paraenses dos liquidos *fritzmarkisados*.

Talvez que nem mesmo nos melhores hoteis do Cattete ou nos restaurantes do Chiado, tenha feito

uso de vinho superior ao que encontrei no Pará.

Ha pessoas que preferem a cerveja quando faz calor, eu prefiro-a quando faz frio porque me aquece; mas faça frio ou calor antes ella que a tal calda de assahy, que é quente deveras.

Que tal, estou a ver o leitor dizer:

—Este amigo prefere esquentar a cabeça a aquecer o estomago.

Póde ser que sim e póde ser que não.

Em todo o caso, caldo de gallinha nunca fez mal a doente, mas mesmo caldo que seja, o medico deve fazel-o tomar, o necessario simplesmente.

E' preciso regularidade em tudo, segundo o dizer do avarento—conta, pezo e medida.

Fortalecer o estomago, sem provocar indigestão da mesma fórma que aquecer a cabeça sem fazel-a andar á róda e ter de affrontar epithetos e censuras do proximo.

O papel do bebado é o mais feio e degradante que uma creatura póde representar e se alguem conhece que, em estado de embriaguez, commette scenas vergonhosas e deixa sahir da bocca phrases que fazem córar as pessoas serias, esconda-se ou cohiba-se de tão triste vicio.

N'uma reunião que teve logar no hotel Tocantins e á qual concorreram amaveis cavalheiros, tive occasião de notar os effeitos do alcoolismo. Escusado é dizer que os taes ebrios eram tres individuos sem importancia, que, despeitados pela falta de convite, se collocaram em uma meza proxima n'um alarido de taberna.

Como naturalmente acontece, as pessoas educadas nem cavaco lhes davam.

Volvendo ao meu fim; vou mostrar ao leitor algo mais que lhe interesse sobre o progresso d'esta terra.

Na cidade de Cametá temos ainda cinco escolas publicas e duas particulares.

Entre estas nota-se a dirigida por uma filha do senhor coronel M., cavalheiro distinctissimo e chefe de uma familia modelo.

Ahi as meninas recebem luz e instrucção, sobretudo conselhos de civilidade, conhecimento sobre o modo de simples dicção, segundo tive ensejo de observar.

A educação religiosa parece-me que era ministrada pelo rev. parocho do logar, que encaminhava as suas ovelhas pela senda do dever sem a applicação da ideia fanatica. Durante a minha estada em Cametá, não tive ensejo de com elle me relacionar, mas sei que é homem simples e conciso.

....

Já que fallei em cousas de egreja, vou lançar uma vista d'olhos sobre alguns actos religiosos.

Cametá é a terra das procissões.

Durante o primeiro mez da minha estada alli, nada menos de quatro vi desfilar em frente do hotel. São curiosas por dois motivos. N'estas occasiões tudo que è mulher e devota de mediana estirpe, sahe á rua e no acompanhamento notam-se algumas trajando vestidos de gosto legendario e carregando sobre o peito e nos cabellos grossos cordões e ornatos de ouro macisso.

Toda a gente sabe que, quanto maior fôr a lentidão no desfilar de um prestito, tanto mais

será admirado pela ordem, disposição e brilhante perspectiva que possa apresentar.

Ora alli, dá-se justamente o contrario.

Usando do popular modo de dizer, parecia-me que aquella multidão *ia embarcar*, tal a acceleração com que caminhava.

A confusão tornava-se extraordinaria quasi sempre, e quando em certa tarde acabava de passar a procissão pela frente do hotel, vi uma velha, que, talvez por ser coxa ou rheumatica, caminhava esbaforida e bastante distanciada perdendo cada vez mais terreno. A pobre, fula de pezar, levava n'uma das mãos a vela de cera já em pedaços e com a outra segurava as roupas ou ás vezes, parando, tentava enxugar com vistoso lenço o suor que em bagas se desprendia da sua fronte bronzeada. O aspecto phisionomico e o todo comico de velha beata, teimosa e fanatica, provocava a risota no publico.

D'estas procissões, a mais importante é a que ordinariamente tem logar durante as festas da Aldêa, um logarejo situado meia legua distante da cidade, rio abaixo e que, como ponto sanitario, é procurado por um ou outro convalescente, que alli encontra tres cousas magnificas — ar, banho e socego.

A estrada que conduz á aldêa é pittorescamente orlada e sombreada por copado arvoredo. Muitas vezes durante as tardes mais frescas e agradaveis, fazia passeios em velocipede até lá, o que deleitava muitissimo os curiosos. Este exercicio sob tal temperatura não era com certeza dos mais agradaveis; todavia a distracção é uma necessidade n'esta vida e em Cametá além do jogo do bi-

lhar nada mais ha que possa distrahir o forasteiro.

Uma corporação dramatica, um theatro, um club ou ponto de reunião nada d'isso existe, e porque? Por falta de constancia e iniciativa.

O povo do logar é bom, lhano e tratavel mas não conheci alli a verdadeira união e confiança reciproca que notei em outros estados do sul.

Em algumas reuniões dansantes, para as quaes me foi dada a honra de ser convidado, tive ensejo de conhecer mais a fundo a sociedade cametaense.

As moças da cidade trajam regularmente com gosto facil, sem rigor, tem mesmo alguma desenvoltura; porém, são poucas as que frequentam reuniões. Quanto mais pobres, tanto mais pretenciosas, preferindo sempre cavalheiros que as lisongeiem.

A primeira vez que se lhes tece um elogio qualquer quanto a formosura, respondem estudadamente com alguma rigidez, fingindo-se offendidas mas deixando as mais das vezes perceber o prazer que sentem pela amabilidade e ficando alegres desde que se lhes garanta sinceridade no louvor.

Disseram-me que em outros tempos Cametá era fertil em jovens bellas e formosas. Eu, que percorri o municipio, tive ensejo de notar a fundo tudo quanto possa interessar a tal respeito. Fora da cidade vi *Mayayas* bellas e formosas, morenas de formas deslumbrantes e cujo acanhamento e modestia lhes dá, a meus olhos, maior realce, tornando-as encantadoras.

Durante as festas em Cametá, ellas são a alma

da alegria que muitas vezes se prolonga durante dias e noites seguidas.

Infelizmente em todas as reuniões notei a falta de cavalheiros. Não ha rapazes senão em pequeno numero, de fórma que nos bailes muitas das convidadas deixam de se divertir. Os filhos-familia acham-se quasi sempre longe, nos estudos; e, depois de formados, a maior parte *azula* e um ou outro que lá apparece é em simples passeio.

As duas corporações musicaes existentes preenchem dous fins completamente oppostos. Estas duas bandas fazem-se ouvir alegre e funebremente. Alegre durante as festas politicas, recreativas e religiosas; e funebremente por occasião dos enterros.

Muitas vezes fui interrogado alli sobre taes praticas no sul do paiz e respondia indifferentemente.

A morte pertence á noite e a vida ao dia. Ver um d'estes prestitos funebres desfilar pelas ruas de uma cidade durante o dia não impressiona muito. Não sou d'aquelles que desejam ter além tumulo quem os chore; que perdure a recordação de pezar sim.

Afinal de contas nada de cousas tristes e brote a lagrima como tributo do coração e echoem os sons funebres como uma manifestação de estima pelo finado.

Já que tratei d'este assumpto, lembra-me que a data de finados é alli commemorada e até certas horas da noite o cemiterio principal apresenta brilhante e significativo aspecto. O solo é juncado de flores e centenas de lumes fenecem esparsos em volta das sepulturas.

Longe de parecer uma scena lugubre, toma um caracter mais ou menos festivo.

....

As condições telluricas e climaticas do baixo Tocantins e do Amazonas são mais ou menos identicas. Na estação calmosa, o thermometro marca á sombra de vinte e seis a trinta e poucos graus.

Ha epocas, em que as febres palustres e outras de máu caracter reinam em varios pontos com certa intensidade; mas o que é certo é que nenhuma molestia apparece com feição endemica. Apesar do clima e de, em geral, os rapazes parecerem velhos, dão-se casos de longevidade. Ainda ha pouco, um jornal do Rio de Janeiro, dando noticia do fallecimento em Cametá de um velho de cento e vinte annos, accrescentava pittorescamente o seguinte — «Esticou a vida como a borracha da sua terra».

IV

Rio acima



MAIS cedo do que esperava tive que deixar Cametá com alguns companheiros e partir rio acima em agradavel excursão.

....

Estavamos a bordo do *Xingú*, que sulcava as aguas esverdeadas do Tocantins.

Tinhamos deixado poucas horas antes o porto da pequena villa do Bayão, de que me occuparei mais adeante.

Eram quatro horas de uma magnifica tarde. O calor diminuia sensivelmente e o espaço conservava uma côr de azul desmaiado. Entreviamos á nossa esquerda a terra firme, monotona, carregada de arbustos sombrios, emquanto que, para qualquer dos outros lados, um deserto d'agua semeado de ilhas cobertas de palmeiras, de matos espessos e impenetraveis.

Soprava uma brisa tibia d'uma amenidade refrigerante.

Um bando de ciganas, aves de plumagem pardacenta escura, passou pela prôa do vapor em placido vôo sem descrever a mais pequena curva.

N'este momento o tlin-tlin-tim da campainha de bordo despertava uns ultimos passageiros, que ainda jaziam entregues a suave e descuidosa sésta quebrando a paz continua em que se envolve ainda hoje a natureza n'essas alturas.

O commandante, um typo maritimo e que não parecia ter queda para navegação fluvial, alto e vigoroso, fronte empinada, representando força e coragem, acabava de tomar alguns apontamentos e ao segundo signal apparecia á ré.

A sua gravidade não era reparada senão por quem o não conhecia de perto.

Portuguez acostumado desde tenra edade aos embates da vida, sabia perfeitamente tornar-se agradavel sem a lisonja o inspirar.

A meza estava posta e todos os passageiros iam chegando a occupar os seus logares.

D'esta vez não eram poucos pelo motivo da viagem ser considerada quasi extraordinaria e ir-se muito além do Bayão, o ponto final do costume. Além do Jatahy, havia de realisar-se o embarque de uma boiada vinda do alto Tocantins (Boa Vista).

Alguns d'aquelles passageiros iam a negocio e outros unicamente por diversão.

Eu pertencia precisamente a este numero. Entre os companheiros, citarei o Dr. Fernandes Bello, Visconde de Gerez, Capitão Jacintho Moreira, José Paulino Martins, Alexandre de Castro e

Coronel Carlos Leitão, o inverneiro da Boa Vista. *

Todos optimos companheiros de viagem, bem entendido.

Pareciam em geral apossados de bastante appetite.

A refeição ia a meio quando um dos passageiros, rompendo a mudez que nos cercava, disse:

— E' deveras lamentavel que não tenhamos peixe á meza no decurso d'esta viagem, se tanto e tão saboroso existe n'este rio. Desde o vulgar mapará até o delicioso corimatan.

— Sim senhor, acudiu logo o commandante, mas o que se torna necessario é que o pesquem e esta gente não o faz porque é egoista e pouco ambiciosa. Vive bem sem dinheiro.

Os senhores sabem que o caboclo paraense passa a vida na rede, de cachimbo na bocca e tocando viola.

— A lanceada! A lanceada! disse o visconde. Cearemos peixe assado, frito, d'escabeche, ou como quizerem.

— Está dito teremos a lanceada, repetiu José Paulino, que viera prevenido com todos os petrechos. Poderemos partir á bocca da noite.

Um bravo ao auctor d'esta proposta rompeu de todos os lados.

....

O vapor chegara a S. Joaquim, atracando em seguida.

Cuidará o leitor que este S. Joaquim é algum logar ou ponto importante?

---

* D'estes são fallecidos o segundo e o quarto.



Rio aelma

Nada d'isso. S. Joaquim n'estas alturas é uma ilha coberta de cacoeiros e seringueiras, onde apenas existe uma cazinhola antiga, habitada por um preto algum tanto expansivo, e que, por conhecer perfeitamente o rio até as cachoeiras, segue no vapor occupando o logar de pratico. A elle deveremos pois não irmos a pique ou ficarmos encalhados como amiudadamente succede ás embarcações dirigidas por pessoas imprudentes.

Uma cousa digna de nota:

Havia alli um *creoulito* dos seus vinte annos, filho do mestre pratico que tinha ares de affectado e presumido. N'um momento vi-o saltar em terra sobraçando um pacote de jornaes e perguntei-lhe curiosamente:

— Quem assigna esses jornaes por aqui meu rapaz?

— Eu, sim senhor, respondeu presumpçosamente o gamenho.

Não podendo deixar de o experimentar melhor, accrescentei:

— E sabes tu quem morreu ha pouco em Cametá?

— Não senhor.

— O Neves.

Como se vê, isto era uma redonda mentira mas o rapaz pareceu mostrar-se immensamente sentido e tão pronunciada era a sua dôr, que não poude deixar de manifestal-a.

—*Sinhô* Neves morreu, dizia elle, aquelle homem tão bom...

O capitão Moreira, que ouvia a um lado, conteve um sorriso e dirigiu-lhe a palavra:

— Então, tambem conhecias o Neves, hein?

—Muito, muito. Era um bom homem, queria-me muito bem e todas as vezes que eu ia a Cametá a negociar e vender o nosso cacáo, offerecia-me sempre a sua casa, os seus serviços...

— Está bem, voltei. Se me não engano és um dos herdeiros. Creio que o Neves não se esqueceu de ti.

—Qual! Isso era muita bondade.

E deixando-o, voltei para bordo mais o capitão exclamando:

—Que refinado patife!

A's seis da tarde, estava tudo prompto. A tripulação do vapor na maior parte havia obtido licença e seguia no escaler maior, onde José Paulino mandara acondicionar redes e cordas.

Eu, o capitão Moreira, o visconde e outros occupámos uma ygarité. E pozemos-nos ao largo.

Dentro em poucos minutos, ajudados em parte pela corrente, estavamos a algumas centenas de braças do *Xingú*.

A noite approximava-se, e a atmosphera tinha uma diaphaneidade soberba...

Era completa a mudez que nos rodeava. Na immensidade d'essas aguas tudo se tornava a nossos olhos sereno e bello.

Ao viajante as impressões são sempre profundas e o nosso espirito perde-se na placidez d'estes paramos enormes, d'estes desertos d'agua, cuja magestade é sempre resplandecente.

Aqui, alli, além, muito longe ainda continua o aspecto selvagem d'estes recantos virgens, onde talvez estão occultas riquezas de toda a especie.

Tudo é mysterioso, vasto, melancolico e sublime. E como imitando evidentemente a mono-

tonia que ahi reina, esta gente em vez de modular uma canção, ou entoar um canto, nada diz, nem canta, como se lhe faltasse sentimento.

Corpos que se assimilham a cadaveres ambulantes, sem vida, sem acção. Estatuas de papel, que só se agitam e balançam quando fustigadas pelos cyclones.

Triste, muito triste.

Estavamos já n'um ponto cercado de ilhotas e areiaes, segundo me affirmaram, e a luz longiqua, que ainda pouco antes se descobria a bordo do *Xingú*, desapparecera de nossas vistas.

N'este momento, a lua surgia illuminando-nos com a sua fulgentissima claridade e o ar continuava mais ou menos quente.

Repentinamente uma exclamação de susto rompeu o silencio d'aquellas paragens.

—Que é isto, perguntei erguendo-me com rapidez ao sentir o choque que abalava a fragil embarcação.

—Cahimos n'um baixo. Estamos encalhados.

O escaler que levava os companheiros tinha feito a sua entrada n'aquelle ygarapé por um furo mais espaçoso e profundo.

Estava muito adeante de nós.

Tornava-se forçoso safar a caidiça ygarité d'aquelle acérvo de areias alli reunidas.

—A' agua, ordenou o capitão Moreira, o mais rochunchudo de todos e o que portanto maior prazer devia sentir por ter de tomar mais um banho n'essa noite, afóra dois ou tres que tomara durante o dia.

E saltamos todos n'agua não sem receio de

pizar o fundo por causa das arraias e piranhas que ahi abundam.

Confesso que n'este momento senti vontade de mandar ao diabo a tal lanceada.

—Se me vejo livre d'esta, n'outra não cahirei tão cedo; dizia sem saber como safar-me de tão melindrosa situação.

O visconde ria-se despropositadamente.

Meia hora depois de immenso trabalho, conseguimos entrar no verdadeiro canal e a ygarité sulcava mansamente aquellas aguas prateadas pelo esplendido luar.

Um grito retumbou além.

Era a voz de José Paulino, que nos chamava d'uma praia proxima.

A luz de um facho servia-nos de pharol e em poucos momentos achámos-nos todos reunidos.

Os caboclos passavam de mão em mão o frasco de aguardente de canna e cada qual tomava um trago com o fim de não esmorecer, talvez mais do que de costume.

V

A lanceada



A-SE dar começo á grande pescaria.

A enorme rede era lançada á agua por vinte e tantas pessoas.

— Vamos, ordenou o chefe da festança.

Offerecia-se então a nossos olhos um espectaculo deveras curioso.

A lua argentea e linda innundava aquelles dezertos de terra e agua com uma luz fascinante e a natureza inebriada pelo perfume de uma vegetação meia aquatica, meia terrestre parecia simplesmente sublime.

Duas ou tres creanças conduziam lanternas que illuminavam sufficientemente o espaço occupado pelos *lanceadores*.

Por todos os lados se dilatava um painel bello e magestoso.

Completamente nús os rapazes moviam-se n'uma balburdia indiscriptivel. Entre elles havia tambem uma cabocla velhota, que por ser amante d'estas

scenas não tinha querido deixar de os acompanhar e ajudar.

Todos os companheiros em fraldas de camisa e descalços esforçavam-se por lograr bom exito.

Eu infelizmente é que não estava nada a gostar da brincadeira. Calça, ceroulas, meias tudo a pingar. A propria camisa que conservava no corpo achava-se no mesmo estado.

Afinal não era só o susto e a inquietação que me perseguia, eram dezenas, centenas de mosquitos, d'uma especie microscopica, que me atacavam cruelmente os pés, as pernas, o rosto e as mãos. Terrivel!

Não me deixavam tranquillo um segundo e vingava-me maldizendo a hora em que resolvera pizar fóra de bordo.

Um inferno! Um inferno!

Os companheiros esses affeitos ao martyrio nada diziam. Pareciam ter a pelle cortida.

Recommendavam-me fricções com aguardente.

Repentinamente a minha attenção foi desviada pelo alarido mais forte que soara entre os companheiros. Uma gargalhada infernal.

— Mas que será, pensei por um instante. Apanhariam algum boto?

A caboclada voltava á praia.

O estrepito das vozes afigurava-se-me medonho.

Corri de um ponto para outro, esquecendo por um instante o enxame de mosquitos que me perseguia sem cessar e ao dar com a causa de todo esse motim, soltei tambem uma risada forçosa e prolongada.

Nada mais e nada menos que o capitão Moreira

ter escorregado e cahido na rêde com grande risco de ser devorado pelas piranhas.

— Sim senhores, não está má a patuscada. Se fosse commigo estou certo que sahiria em mau estado.

— Qual, objectou o visconde. Deixe-se d'isso e venha ajudar-nos. Olhe que immensidade de peixe se apanhou de uma só vez. E que variedade?

— Antes ir atraz dos cirys ou dos caranguejos, que...

O visconde não me deixava terminar.

— Já provou este peixe ensopado?

— De fórma alguma.

— Pois prove e...

E antes de acabar o que ia a dizer, deixou um grito surdo partir-lhe da bocca ao mesmo tempo que levantava apressadamente o pé esquerdo.

Uma piranha, horrivel piranha, picara-o no calcanhar.

— Ora viva. Se tivesse sido o meu, com certeza teria ido calcanhar, pé e tudo. Ah meus amigos isto não é pescaria nem cousa que o valha, é simplesmente um supplicio.

Vamos-nos d'aqui, senão...

E n'este momento eu erguia o olhar para a abobada celeste.

A lua escondia-se sorrateiramente atravez d'um montão de nuvens pardacentas e ao longe relampejava repetidamente.

Uma tempestade em perspectiva desenhava-se no espaço.

— Safemos-nos com tempo.

Mas qual. Era malhar em ferro frio.

Nada os faria recuar ou distrahir.

O visconde permanecia a um lado, firme, nú dos pés á cabeça e apenas com a ceroula envolta na cintura em attitude de comtemplação.

Admirava-o assim como ao gorducho capitão, agoniado sempre com os malditos mosquitos.

Finalmente ouvi a voz de um dos companheiros ordenando a retirada.

A ygarité estava proxima, entramos n'ella sem demora.

Dentro em pouco estavamos ao largo, porèm Josè Paulino e os companheiros do escaler haviam desapparecido.

Mas como? Porventura não teriam partido ao mesmo tempo que nós?!

— Helás! gritou um dos nossos.

Apenas o echo retumbava ao longe e nem uma voz respondia.

— Fugiram de nós e occultam a luz afim de não partirmos no seu encalço, disse o visconde sem temer que alguma catastrophe podesse ter tido logar.

José Paulino tivera rasão de dividir a gente. Com tamanha balburdia nada era feito.

Em todo o caso já haviam apanhado peixe sufficiente para todos a bordo. Parecia-me pois mal cabida temeridade arriscarem-se para mais longe e a horas taes contando com um tempo duvidoso.

Dois caboclos munidos de *tacumãs* remavam paulatinamente sem nunca se descuidarem de tomar de quando em quando um golle de aguardente e accenderem os cachimbos.

Inquieto com o estado atmospherico não deixava de apressal-os.

Lufadas quentes que pareciam partir das aguas suffocavam-nos. A água ondulava algum tanto encapelada e rajadas desiguaes succediam-se de instante a instante.

Das florestas vizinhas nas ilhas proximas, partia um ruido estranho e atemorizador.

Uma orchestra de batrachios acompanhava o ribombo do trovão.

Eu escutava, angustiado, prevendo a todo o momento sermos arrastados pelo temporal.

A corrente não se accelerava n'este local e de espaço a espaço notei que pequenas ilhas fluctuantes desciam o rio. Eram montões de ramos, troncos de plantas, folhas etc, que se desprendiam dos barrancos rodando com a corrente.

O visconde não deixava a todo o momento de tranquilizar-me. Comtudo era em vão tentar vencer a prostação nervosa que tomara conta de mim.

A escuridão parecia cada vez mais compacta e o vento soprando agora mansamente alliviava-me os pulmões extenuados.

De repente ouviu-se o estrondo formidavel de um trovão que os echos repetiam depois que immenso clarão illuminou por dois segundos aquellas aguas.

A voz sinistra da tempestade estava impressa nas coleras da natureza.

Era quasi meia noite.

Um novo ruido chegava a nossos ouvidos e d'esta vez felizmente não nos enganavamos. Eram os latidos d'um cão de bordo, que dava pela nossa aproximação.

Mais algumas remadas e alcançariamos o vapor, livres de perigo.

Tinhamos sido felizes em acertar com o ponto de partida no meio de tão medonha escuridão. O vento apagara a luz do *Xingú.*

Chegados ao ponto final saltamos da ygarité para uma estiva, como lhe chamam, collocada horisontalmente durante a vasante, entre a margem e o vapor.

Era um enorme tronco de burity, pôdre, fraco e escorregadio.

— Maldicta pescaria, exclamava mais uma vez desesperado.

E' que tornava-se forçoso ainda executar exercicios arriscados sobre aquelle tronco de palmeira, sustentando o equilibrio e com risco de cahir no atoleiro.

Um inferno!

Contudo fui o primeiro a passar.

Quando me vi a bordo escapo, julguei ser um sonho e bradei.

— Nunca mais.

O Dr. Bello que jogava o solo com o cammandante e o Alexandre de Castro rio-se a valer.

Foram mais previdentes.

Saltando na popa o cão continuava a ladrar, quando em busca da cousa distingui um luz que parecia aproximar-se.

Era José Paulino e seus companheiros que voltavam sãos e salvos, e ainda mais ufanos, pela bella pescaria que haviam feito.

O cosinheiro tomou logo conta d'algumas cambadas de peixe escolhido e tratou de preparal-o da melhor fórma possivel, reservando o restante.

Pouco depois a meza estava posta e todos, incluindo eu proprio, se entregavam ao melhor

da festa não sem ainda contar-mos um novo accidente.

— Maldição! Esclamei ao levar á bocca um pedaço de coriman assado. Este peixe está crú, acrescentei.

—Crú e bem crú, confirmaram todos.

—Que volte ao forno, ordenou o commandante.

N'este interim imitei os outros e provava uma pescada frita, fortificando o estomago com o conteudo de meia botelha de vinho.

Estava satisfeito.

Os companheiros batiam ás portas da gastronomia e discursavam a valer, relatando as peripecias da excursão.

A tempestade amainara completamente e a noite tornou-se lindissima. O ar tornara-se mais fresco.

VI

Em casa de padre



UANDO despertei na manhã seguinte o sol levantava-se baço, illuminando novos pedaços de vista cheios de explendor.

O vapor desde muito cedo que seguira marcha e n'este momento passavamos ao largo da grande ilha de Jatahy.

Uma chusma de passaros aquaticos passava sobre nós em varias direcções.

D'ahi em diante a viagem tornou-se cada vez mais amena e agradavel. Numerosas praias iam ficando a descoberto.

Chegado ao ponto de seu destino o vapor recebeu o gado e regressou ao Bayão onde chegamos no dia immediato.

José Paulino havia-me offerecido a sua casa mas acceitando o convite que me fizera o Dr. Bello, agradeci áquelle a sua offerta, hospedan-

do-me com este na casa do seu amavel padrinho o rev. padre Miguel Fernandes.

A villa do Bayão sobre a qual fallarei adiante mais detidamente é pequena e silenciosa. Alli ha apenas quatro ou cinco estabelecimentos commerciaes regulares, uma padaria e algumas tascas. Umas vinte e cinco casas cobertas com telha e cincoenta a sessenta palhoças.

A collocação é aprazivel e pittoresca.

A minha estâda alli foi de alguns dias, mais sempre do que estava em tenção.

Ahi vão no emtanto estas notas.

O reverendo padre Miguel era um d'esses homens de estructura ferrea dominado por brilhante caracter e bondoso coração a impôr respeito e estima. Seu todo de homem sagaz, agil, possuindo um espirito apto a vencer grandes e pequenas contrariedades apesar das cãs e do peso de setenta e tantos janeiros, dava logar a que todos lhe tributassem profunda veneração.

Completamente indefferente a tudo que lhe não dizia respeito, desde que visse ser sua intervenção mal cabida, occupava-se exclusivamente com os seus affazeres religiosos.

Uma vez notei ao despertar pela madrugada que não de muito longe partia um murmurio cadenciado e abrindo a janella, afim de verificar o que se passava, tive ensejo de conhecer que o murmurio se levantava do interior da matriz fronteira.

Era o bom padre que tinha por costume durante a semana dizer a missa bem cedo, ajudado pelo menino que lhe servia de acolyto sem um unico devoto no templo.

O dia ainda estava longe de romper quando acabava de cumprir a sua primeira missão.

Extremamente nervoso, o minimo ruido, punha-o de pé e qualquer contratempo o molestava.

Foram tantas as provas de sympathia e obsequios que recebemos no Bayão, principalmente o Dr. Bello, que cada dia decorrido deixava-nos um punhado de vindouras recordações. As dansas, os jantares, os lunchs, as reuniões, os discursos e os passeios eram sempre realisados sob a pronunciada fórma de vivo passatempo.

A silenciosa povoação sahira do seu estado normal e o socego reinadio era assim quebrado em avanço talvez, para abrir caminho á proxima festa popular que alli tem annualmente logar durante o natal.

Afim de patentearmos a nossa satisfação para com algumas pessoas que nos obsequiaram, eu e o Bello, resolvemos convidal-as para uma modesta soirée que teve logar na propria residencia do padre, o qual se achava então ausente.

A pequena banda musical occupando um dos angulos da sala fez-se ouvir animando vivamente os poucos mas escolhidos pares que alli se divertiam. A's duas horas da madrugada retiravam-se os convidados deixando-nos saudosos de tão gentil reunião.

A sala onde esta se havia dado passara durante o dia por completa transformação porque nós haviamos feito d'alli mudar, mesas, redes, livros e outros objectos para um commodo proximo e adornando-a da melhor fórma possivel, afim de apresentar novo aspecto.

A propria entrada fóra transformada e isto deu logar ao seguinte acontecimento.

O reverendissimo vigario que como disse, se achava ausente, devia chegar no correr do dia immediato, mas ao inverso, sem ser esperado antes, deu-se a sua chegada pela madrugada, duas horas quando muito depois de finda a reunião.

O Dr. Bello, dormia na alcova e eu tendo feito collocar na varanda a minha rede lá me consolava a essa hora em deliciosa madorna, quando um ruido singular me despertou.

Que seria?

Eis o que se passava.

A madrugada estava escura, o tempo ameaçador e o espaço enfarruscado. Uma trovoada imminente.

O padre que acabava de chegar saltou em terra e para escapar da chuva correu direito a casa. Alli chegando notou que a porta se achava apenas entreaberta e ia a entrar quando ao transpol-a á luz de um phosphoro, julgou ter-se enganado entrando talvez na habitação de um visinho.

A transformação operada na sala e na entrada invadida por bancos e garrafas vasias, tudo dava aso ao seu supposto engano.

Assim, voltando á rua e procurando evitar ruido ou incommodos aos visinhos a horas taes, volveu a accender outro phosphoro, que o vento se incumbiu de apagar. Vivamente encavacado, sem saber onde buscar refugio, pois começava a chover, apezar da escuridão que o rodeava, tentou examinar as fachadas das casas, afim de reconhecer a sua, mas, sem adeantar cousa alguma,

resolveu-se a transpôr novamente o limiar da mesma porta. Tropeçando então nas garrafas vazias, deu logar a que o ruido produzido me despertasse e quando riscava novo phosphoro viu-me surgir pelos fundos com uma luz nas mãos.

Não soube logo que pensaria n'aquelle instante; lembra-me só que o vi fitar-me com espanto e em seguida, enrugando as feições, cahir sobre uma cadeira desfazendo-se em riso.

—Mas elle ri de mim? indagava sem saber que, tendo ido á cozinha e ignorando como, enfarruscára o rosto.

Julgaria o bom do padre por um momento que, entrando na casa d'um visinho, fôra lá dar commigo a horas taes com a face tinta de carvão? Como, se estava hospedado era em sua casa?!

O desenlace felizmente não se fizera esperar.

O Bello, despertando tambem, acabava de entrar na sala pela porta da alcova e foi sem duvida a sua presença que acabou por convencer o padre de que estava em sua propria casa.

E sem poder conter o riso:

—Vocês, rapazes, são uns pandegos. Deus os abençoe, assim dizia o padre antes de ir descansar das fadigas da viagem.

Eu voltara á rêde de dormir, depois de ter lavado o rosto e feito desapparecer as taes mascarras.

O dia immediato correu um pouco monotono para nós e apenas o caso da noite era commentado como simples equivoco.

Vinte e quatro horas depois, deixava o Bayão promettendo alli voltar dentro d'um mez por occasião das festas do Natal.

VII

Na villa de Mocajuba



Apoz rapidas visitas a varios pontos do Tocantins, aportava na noite de 7 de Dezembro á villa da Mocajuba onde era esperado.

Hospedei-me em casa do amavel negociante, capitão Moreira, de quem já hei fallado, e que, conjunctamente com seu genro Alexandre, me recebeu com agrado.

Mocajuba é um logar pouco mais populoso que o Bayão. O seu municipio é relativamente importante.

Acha-se esta villa situada á margem direita do Tocantins e cercada por espessa matta, que se extende a pouco mais de tres kilometros além da margem e forma ao redor da povoação o fundo esverdeado da paizagem.

Ha alli apenas tres casas commerciaes regulares. Uma d'estas pertence ao sr. Joaquim Sousa Franco, amavel portuguez, possuidor de uma boa vivenda proxima á povoação, em fórma de chacara, onde reside. Homem inçansavel, occupava-se nas horas vagas em dirigir o serviço de algumas plantações, com grande gaudio das formigas que alli abundam, devastando-lhe n'uma noite o trabalho de dias e mezes.

Sustentando contra ellas encarniçada lucta, matando-as aos milhões, não conseguia de fórma alguma exterminal-as completamente.

Tive occasião de o ver mandar destruir pelo fogo enormes formigueiros sem alcançar o menor exito. Em todo o caso, algumas plantas de estima floresciam brilhantemente.

Na mesma noite em que alli aportava, haviam egualmente chegado o dr. Bello e José Paulino, este de volta do alto Tocantins.

A villa de Mocajuba estava em festas e numerosas familias do municipio alli se achavam.

Musica, dansas, foguetes e sobretudo muita alegria e muita moça bonita, eis o que se nos deparou durante tres dias.

Foi uma festa vulgar, em que predominavam gostos e costumes sendo para notar a ordem que vimos sempre reinar, o que denota a indole pacifica e ordeira d'aquelles povos que, durante o anno, vivem disseminados e recolhidos a seus pe-

nates sombrios e melancolicos nas margens dos ygarapés e das ilhas.

A affluencia de visitantes e de romeiros dava logar a que a pequena villa, aliás monotona e tranquilla, apresentasse n'estes dias desusado e festivo aspecto. Um fremito de communicativo prazer, infiltrando-se em todas as fibras, originava, em cabal demonstração, o geral contentamento.

O bondoso parocho, padre Pastana, tratava com amenidade a todos, tornando-se credor de immensa sympathia.

Estas festas religiosas no Tocantins, comquanto estejam longe de apresentar o brilho e esplendor que teem no sul, despertam comtudo enthusiasmo, dando logar a que amigos, parentes, conhecidos e forasteiros se reunam e tomem parte em egual prazer. Não temos ahi os fogos de artificio, as luminarias, os jogos de flôres, nem tão pouco os coretos ornamentados, os espectaculos mimicos-equestres, nem mesmo as tradicionaes cavalhadas dos velhos tempos. Temos simplesmente as dansas, alguma musica (não classica), os leilões de prendas, as girandolas e no final de contas, para remate, á hora semi-matutina em que o gallo pela segunda vez abre as azas e solta o seu có-coró-có, um balão a subir ás immensas alturas, acompanhado pelos olhares da populaça boquiaberta, entre os vivas freneticos da pequenada, até se confundir a sua luz com os milhares de lumes da abobada celeste.

Terminada a festa, cessaram as dansas e com ellas o bulicio dos curiosos. Apenas de uma barraca, collocada a um dos angulos da praça, rom-

pe o silencio infernal sapateado, cujo rumor rouco e pesado se une aos sons de abominavel gaita de folles (sanfona).

No dia 9, Mocajuba, ao despertar da manhã, jazia sepulta em seductora paz. O porto estava quasi deserto e um pequeno numero de barcos e montarias jaziam ainda presos ás estacas do caes. Tudo se havia ido com a fresca da madrugada.

Os festeiros apenas e alguns companheiros eil-os a postos, convidando-nos ainda a um almoço, em que se trocaram animados brindes na celebração do afamado «enterro dos ossos.»

. . . .

Demorando-me alguns dias mais na pequena povoação, uma manhã, acceitando o convite do senhor A. de Castro, montamos a cavallo e partimos em recreativa excursão a visitar as visinhas e solitarias immediações. Esse passeio tinha para mim algum valor nas investigações do desconhecido.

As minhas suspeitas longe, de encerrarem uma utopia, transformavam-se agora em dura realidade.

Foi então que tive ensejo de conhecer os terrenos maus e improductivos que em alguns pontos se extendem a perder de vista, fóra da matta que esconde as margens do caudaloso rio. A' proporção que caminhavamos, a vegetação ia sensivelmente rareando e apenas grandes areiaes, mesclados de verduras exoticas e rasteiras, se mostravam a nossos olhos.

Levados pela confissão de uma grande verdade digamos com franqueza, e segundo a optica de

simples ponto de vista, que pisavamos um terreno safaro e ingrato ao lavrador, demonstrando-o evidentemente os caminhos, que, embora abandonados, não apresentavam vestigios de vegetação. A crosta productiva desapparecera ha muito sob as patas dos animaes. E' uma terra ora semi-argilosa ora semi-areienta, na qual insignificante quantidade de humus pode existir superficialmente.

A' excepção de alguns pontos, onde floresciam varios specimens, na maior parte desconhecidos, temos no resto grandes claros, nos quaes vegetam más e rachiticas pastagens, completamente abandonadas em seu estado primitivo.

Para prova, basta olhar ao abandono em que jazem.

Estavamos apenas a doze kilometros de Mocajuba, quando o senhor Alexandre me fez ver que d'ahi em deante nada mais havia que podesse interessar o simples excursionista. Comquanto a estrada tivesse n'esse ponto seu termo, soube por sua propria bocca que a unica fazenda ou habitação a encontrar-se n'esses centros, distava d'alli tres boas leguas.

—Como! exclamei. Qual é o caminho que lá conduz?

—O que temos em nossa frente, respondeu.

E reflectindo um momento.

—Pois não me disse o amigo que a estrada termina aqui?

—Certamente. Supponha que temos em nossa frente um vasto oceano.

Para chegarmos á tal fazendola, teriamos que percorrer este deserto fazendo do sol a nossa agulha de marear.

Caminha-se ao acaso, seguindo calculada direcção, atravez de pantanos e charcos ou atravessando quentes areiaes.

—Tem rasão. Voltémos pois á Mocajuba. De correr sertões, acho-me farto e só seria levado a fazel-o, guiado pelo amor á sciencia.

O amavel companheiro acabava de receber com visivel sorriso a minha resolução.

Voltar a Mocajuba era penetrar na paz e socegar o espirito, emquanto que maior demora n'aquelles campos podia occasionar o sermos apanhados pela proxima trovoada que já se desenrolava no horizonte.

Todavia na solidão d'aquelles campos notei que a atmosphera parecia pouco carregada, o ar puro e menos viciado.

Em poucos instantes, eis-nos já sob copada matta e uma ou outra choça habitada por caboclos orla o caminho estreito e rectilineo.

O suor banhava-me a fronte, que repetidas vezes enxugava, um pouco contrafeito no sellim e com as mãos picadas pelo maldito mucuim.

A marcha correu um pouco demorada; mas, duas horas depois, alcançavamos a margem do Tocantins, sobre cujas aguas o sol dardejava os seus raios de ouro.

Mocajuba estava á vista.

Em poucos minutos, eis-nos sob melhor tecto; e, taciturno como sempre, commentava intimamente tão singular passeio.

Não é que a impressão recebida me orientasse avantajadamente sobre o immenso valle, todavia era com certeza parte de um complemento a realisar, ante um juizo mais ou menos bem formado.

VIII

Estudo rapido

Nas terras firmes da outra margem, nas vizinhanças de Cametá, cousa identica se me havia deparado. Terrenos em parte maus e pouco prestaveis ás culturas continuas.

Nas ilhas sujeitas a inundações constantes durante seis ou oito mezes do anno, assim como nos terrenos mais frescos da terra firme, proximos ás ribanceiras, parece certo que a vegetação é mais ou menos luxuriosa; mas é preciso convir em que o humus da crosta tem sido formado secularmente por perenne calor alliado ao apodrecimento continuo das partes em que o periodo de vegetação findou.

A vida produz-se no seio da morte.

Vemos muitas vezes uma bella parasita erguer-se viçosa entre as fendas de um tronco de arvore pôdre e carcomido.

A fartura apresenta-se ao pé do estulto desperdicio, quem sabe se originada por este, e o bom nasce muitas vezes do mau.

Resguardadas, pois, as florestas que margeiam as grandes arterias e que são as maiores preciosidades d'esta região, o aproveitamento dos terrenos mais proximos é util desde que se adopta a cultura dos generos similares de zona torrida.

Todo o mundo sabe que a acção as mattas é forte e grandiosa na producção das chuvas. Christovam Colombo attribuia á extensão e intensidade das florestas que cobriam o cimo das montanhas a abundancia das chuvas refrigerantes, ás quaes esteve exposto durante o tempo que costeou a Jamaica.

Produzidas as chuvas, estas podem-se limitar a regar a area tão somente em que a acção das mattas se desenvolve.

«O chover muito pouco, diz-nos Zurcher nos seus «Phenomenos da atmosphera», em certos paizes quentes depende da natureza arenosa da superficie terrestre. O sol dilucida ahi uma corrente ascendente de ar quente que impede de se condensarem as vesiculas do vapor.»

Ao passo que no estado do Pará as chuvas são tantas que chegam a causar flagello, no Ceará, estado não muito ao sul, são tão escassas que a falta d'ellas espalha o terror, deante de continuas séccas que a assolam amiudadamente.

Derrubadas as florestas e gasto o adubo natural que invade a superficie, adeus decantada fecundidade, que só póde ser vista aeriamente por aquelles que deixam de consagrar algum tempo

ao estudo profundo que nos despertam as naturezas virgens.

Essa fecundidade é muitas vezes apparente.

Nas minhas excursões pelo Tocantins, notei que as fructas amadureçam antes do tempo devido ao exgotamento da seiva na planta nativa, ás chuvas e calor constantes.

Uma ou outra rara planta fructifera, alli a custo acclimada, produz fructos de gosto desegual e desenxabido. O cajú e a propria manga, fructas que no sul são bastante apreciadas, alli parecem simplesmente intoleraveis.

Os proprios habitantes as deixam cahir das arvores e apodrecer disseminadas nas praias, sem d'ellas se aproveitarem.

Temos demasiados exemplos provindos da transplantação de plantas fructiferas de uma para outra terra ou de um para outro ponto, cujos resultados excedem a toda e qualquer expectativa.

Uma fructa, seja ella de que especie fôr, é apreciada pelo seu sabor e nunca pelo seu tamanho.

A canna de assucar, que erradamente se diz ter sido transportada da Madeira para o sul do Brazil, continúa a ser cultivada tanto n'essa ilha como n'esta republica.

Provae o succo da de lá e da de cá e notae a differença. Provae na ilha da Madeira a manga, o araçá, a goiaba, a propria banana, e vereis que sabor delicioso nos arrebata o paladar, o que não podeis achar em todo o territorio brazileiro, onde existem as plantas nativas que produziram a semente transportada.

Na Europa, viajando do sul para o norte, sempre notei por exemplo que a cerveja tem melhor



Estudo rapid0

ou peior adaptação ao paladar, com sensivel differença de um para outro paiz. O boch em Berlim é optimo, em Bruxellas, Londres e Paris é bom, em Madrid e Lisboa soffrivel.

No Brazil dá-se a mesma cousa, conhecendo-o praticamente do Amazonas ao Prata.

Quereis uma prova? Eil-a.

Em todo o estado do Pará não existe uma só fabrica de cerveja; entretanto, como já disse um distincto escriptor, bebe-se alli mais cerveja que agua na Bahia.

Não duvido que isto seja um exagero de dizer, nem irei certificar-me se os bahianos bebem agua á farta, mas o certo é que o Pará consome milhões de garrafas de cerveja. Toma-se alli cerveja de manhã cedo, como na Europa se toma vermouth ou absintho. As garrafas vazias em Belem do Pará não teem valor e os hoteleiros e negociantes, para desobstruirem os depositos e os quintaes, pagam ainda em cima a quem as vá lançar ao fundo do rio.

No Maranhão e Ceará egualmente não existem fabricas de cerveja; em Pernambuco ha duas; em Maceió, Bahia e Espirito Santo, uma em cada capital. Só do Rio de Janeiro para o sul conseguem os fabricantes de cerveja nacional encontrar consumidores e se transpuzermos a fronteira do sul teremos o prazer de provar, em Buenos Aires, a famosa Quilmes.

No Rio de Janeiro abusa-se da tolerancia do publico, impingindo-lhe cerveja com a marca de allemã a que é fabricada em Petropolis, ao passo que no Pará o publico bebia como nacional a cerveja — marca Onça — provinda de Hamburgo.

Os habitantes do Tocantins tambem gostam da cerveja; mas, são menos escrupulosos, n'estas cousas de marcas.

Onça, Tenent's, Carlsberg, Bass, tudo para elles é cerveja. Preferem, em todo o caso, a agua do rio que lhes serve para todos os misteres. Apanhada de vespera e depositada em pucaros de barro ao ar livre, durante a noite, é mais ou menos tragavel e menos nociva.

A falta absoluta de rochas ou collinas não permitte o encontro de uma gruta ou de uma poetica fonte.

Os cametaenses proclamam, com alguma ufania, as virtudes da agua do Coriman; dizem sempre aos hospedes que partem saudosos de seus torrões:

—Bebeu agua do Coriman, voltará mais cedo ou mais tarde.

Isto é quasi um dizer popular em toda a parte.

—Bebeu da nossa agua, voltará á nossa terra.

Em todo o caso, o paraense proclama a sua terra d'outra forma bradando que «quem vae ao Pará, parou, e bebendo assahy ficou.»

Verdade é que quem visita uma vez esta região sentirá vontade de voltar a ella, porque nos prende a amabilidade de seus habitantes.

Um futuro prospero e não remoto a espera.

A creação de nucleos coloniaes seria de grande proveito ao baixo e alto Tocantins, mórmente hoje que está em via de realisação a construcção da estrada de ferro de Alcobaça que unirá o Pará ao norte de Goyaz?

Aproveitando os terrenos mais ferteis o bom trabalhador só terá a esperar sempre provavel

exito e brilhante recompensa dos seus cuidados e esforços.

A canna, os cereaes, o milho, a mandioca, o cacáo tudo alli se desenvolve apresentando magnifica fonte de receita desde que se tome por base—trabalho e força de vontade.

Com excepção dos terrenos visinhos ao Bayão, d'ahi para baixo, a superficie topographica é mais ou menos plana, excepto as partes accidentadas nos cursos dos rios e ygarapés.

A população actual que apresenta insignificante proporção de habitantes por kilometro quadrado, muito deixa a desejar quanto a iniciativa de trabalho. A consequente utilisação de promover o governo estadual á imitação do de S. Paulo, o povoamento d'esta zona, por estrangeiros aptos ao serviço da lavoura, seria de immenso proveito. Elles tornar-se-hiam portadores dos bons exemplos e fariam nascer entre aquelles povos a ambição e o amor ao trabalho. Pouco a pouco, a negligencia desapparecerá e todos virão a commungar no grande banquete de progresso que é a honra dos povos e a gloria das nações.

IX

Caçada aos jacarés



PARTINDO de Mocajuba em amena manhã, dirigia-me a novos pontos do Tocantins nos quaes era esperado.

Encostado á amurada da montaria punha os olhos na esteira brilhante que o barco deixa, mergulhado em vagas meditações e contemplando a variedade de paizagens, na approximação das grandes ilhas em que grupos

de floridas palmeiras sepultam em quieta placidez o solo humido das mesmas.

A natureza cheia de vida, envolta em profundo mysterio; morto só o espirito do homem, que alli domina, debil e fracamente.

Depois de duas horas de viagem, entrámos n'um soberbo ygarapé.

—Aos jacarés, disse eu a um dos remeiros, com o qual havia falado na vespera sobre tal assumpto.

—Vamos bem, seguindo esta direcção. Em menos de uma hora lá estaremos.

Tratava-se de dar uma caçada aos jacarés.

Um dos companheiros conhecia bem o logar onde elles costumam apparecer.

O barco, sob o vigoroso impulso de quatro remeiros semi-indigenas, rompia a corrente do rio, seguindo a orla do esteiro, ao passarmos de um para outro ygarapé.

O céo parecia purissimo, e estava a manhã rodeada das bellas côres tropicaes.

Uma hora depois, penetrámos n'um *furo*, para sahirmos logo, n'um vasto espaço orlado de frondoso arvoredo a sahir da agua e n'ella reflectindo, megulhando as verdejantes ramagens.

A brisa quente e embalsamada, o vago murmurio da folhagem, entre a qual raramente viamos pullular uma ou outra avesinha selvagem, o pio monotono do pavãozinho, que espreita o abiú na borda d'agua, a fórma variada e attrahente das plantas enrediças formando tunneis de verdura, tudo dava áquella paizagem tropical uma feição encantadora e deliciosa.

No emtanto, cercado por tantas bellezas natu-

raes, sentia-me como apoderado de um receio, fraco talvez, ante a sim ou não existencia de mil causas morbificas, occultas entre aquelle emmaranhado de côres e de tons.

Os remeiros pararam um momento para tomarem um grog, o que lhes agradava mais com toda a certeza do que o encontro com um bando de crocodilos.

Em todo o caso, certo era que elles não podiam estar longe, embora signal algum distinguissemos nas bordas d'agua.

— Façamos uma esmola ao diabo, que logo apparecerão, disse um dos remeiros.

— Vá lá, disse outro saccando uma moeda de vintem, que immediatamente atirou n'agua.

— Ora essa! exclamei. Deitem uma moeda de maior valor, disse a rir.

— Não caia n'essa que teriamos perdida a viagem, replicou o primeiro. Demais, iriamos ao fundo e dariam cabo de nós as piranhas e o proprio demonio. Nada, nada d'isso.

E o remeiro falava tão convictamente que eu supportei-lhe o fanatismo.

E continuaram os quatro a remar entoando á meia voz as canções plangentes da rapsodia indigena.

Quanto aos jacarés, nem sombra d'elles.

Passada uma meia hora, e quando menos esperavamos, um dos companheiros de prôa gritou:

— Lá está um. Talvez haja mais detraz d'aquellas moutas. E apontava para ellas.

— Silencio, bradou outro.

Era com effeito um jacaré que estava á vista.

— Vou laçal-o, disse um dos remeiros.

— Não, exclamei. O primeiro ha de ser morto a tiro.

Apenas a canôa chegou a conveniente distancia, eu apontei a carabina em direcção á margem areenta, onde se achava o animal e fiz fogo.

A detonação echoou fortemente no espaço, fazendo levantar desordenadamente um bando de ciganos que estava pouzado.

O bicho parecia ferido, mas, arrastou-se até a borda d'agua e n'ella sumiu-se lentamente,—ao tempo em que eu e um remeiro o presenteavamos com mais duas balas.

— Rema, gritava um e a canôa voava sobre as aguas em direcção á margem.

Do jacaré apenas o rasto se percebia na lama da praia. Perderamos o tempo.

Repentinamente percebemos ao longe um grande circulo que se formava n'agua e um rumor estranho feria-nos os ouvidos.

— Foram-se, disse então o primeiro remeiro.

Na expectativa, porém, de descobrirmos mais outro jacaré, alli permanecemos ainda cerca de meia hora até que afinal desapontadamente resolvemos retroceder.

— Ora adeus, dizia eu.

E voltavamos sem um despojo da caçada que mostrasse aos incredulos que nos tinhamos defrontado com os terriveis amphibios que tão raros hoje são no baixo Tocantins.

....

Vencida respeitavel distancia, ordenei aos remeiros para aportarmos a uma habitação que estava á vista.

Costeada a margem e soltos os remos dos toletes, foi o barco preso sob as palmas de uns assahyseiros que projectavam sobre as aguas tremula sombra.

Bem perto achava-se encostado um bote de «regatão» pertencente a dois judeus. Na popa do mesmo, resguardado por impermeavel *tamacarica* (tolda), jaziam harmonicamente dispostos fardos de fazendas, generos de varias qualidades, artigos de perfumaria, de armarinho e quanta bugiganga e teteia pode despertar a curiosidade e a cubiça dos compradores. Uma verdadeira loja fluctuante.

Ao fundo da prôa, havia grande quantidade de sementes de cacau e alguns fardos de borracha provenientes da compra e troca de mercadorias.

Via-se alli desde o mais ordinario *poaçú* até o mais fino *amanajú*.

Este systema de mascateação fluctuante é muito conhecido e usado nos grandes rios e produz quasi sempre bom exito desde que o negociante conheça a maneira de se fazer afreguezar, adquirindo estima e sympathia.

Para matar o tempo por instantes preferira entregar-me á pesca aproveitando a sombra dos assahyseiros.

Apesar do sitio, que era excellente e rodeado por altas hervas, nada mais convidava a tal distracção. O mau exito era provavel. A pesca do anzol é alli quasi impossivel e faz o mais paciente pescador encavacar seriamente.

Assim seria real o epigramma que diz: «A linha é um instrumento com duas pontas. Em uma d'ellas ha um anzol e na outra um imbecil.»

Abandonando, pois, tal lembrança, transpuz o *ygathm* da montaria pulando para uma ygarité e d'esta para cima da estiva escorregadia que levava á choupana. Enlevado pela amabilidade dos moradores, resolvi alli esperar a praia-mar afim de effectuar a travessia.

Estava lá entre outras pessoas, occupada em ligeiro serviço uma d'essas creaturas, que, apezar de jovens, parece trazerem na fronte estampado o sello da morte. Era um pobre rapaz cujo estado doentio despertara-me attenção mais uma vez, entre tantos que conhecia nas mesmas condições.

Apezar de moço, apresentava o rosto pallido, o olhar amortecido, os labios amarfinados e umas faces salientemente descoradas. A doença não era com certeza muito recente.

A' primeira vista, parecia o resultado de uma d'essas temiveis febres reinantes quasi sempre acompanhadas de inflammações do figado e do baço.

Tratava-se, no emtanto, de uma anemia embora elle acreditasse o contrario e se julgasse pthisico como debalde me tentava convencer.

A anemia é uma das doenças mais communs n'aquellas paragens, devida a sua apparição sem duvida aos meios nos quaes se desenvolve.

O empobrecimento do sangue apresenta-se evidentemente e muito teria a expor se tentasse difinir as causas que originam a molestia, talvez bem contemporaneamente.

A espanemia ou a chlorose não são mais do que a propria anemia, que ainda é conhecida perante a sciencia por outros nomes que me não acodem de momento.

Será o demasiado descanso e a descuidosa quietação em que passam aquelles habitantes os dias de vida facil, uma das causas, a que possamos attribuir a anemia? E' bem possivel e em seguida a má alimentação, na qual falham os elementos nutritivos, o clima e as aguas.

Quanto ás febres que abundam no Tocantins, atacam talvez com mais precisão os naturaes e n'elles exercem maior acção que nos estrangeiros aclimados.

A experiencia nol-o demonstra.

Assim é que n'uma d'estas excursões eu voltava a Cametá, atacado por violenta febre, seguida de crescente inflammação do baço.

Debaixo de mil cuidados e tractado desveladamente pelo senhor Agostinho Godinho em sua propria casa, apóz cinco dias de rigoroso tratamento, saltava da cama restabelecido e prompto para outra como me expresso habitualmente. Ao mesmo amigo assim como ao Dr. Philo Créon, e ao habil pharmaceutico Sequeira devia tão prompto restabelecimento.

Infelizmente ao partir na companhia de meu irmão Frederico Leal, a convalescer na capital do estado, já mais calculei que na minha volta a Cametá fosse encontrar um d'aquelles tres cavalheiros victima da molestia e justamente aquelle que me pedia mais gratidão.

Maior e mais profunda tristeza sentia quando um mez depois ao partir definitivamente d'aquella cidade, deixava prostrado ainda pela mesma doença esse amigo que durante cinco dias me servira de enfermeiro.

A applicação do quinino e do arsenico, dois

poderosos anti-febrifugos produz mais ou menos bons resultados para as febres simples. E' ainda a experiencia que me tem aconselhado o seu uso na dose de 1,0 gr. e um centigramma de acido arsenioso para dez pillulas. Viajando seja em que circumstancias fôr, já mais deixei de conduzir na minha maleta uma caixinha com as preciosas pillulas.

Escapo d'aquella molestia, nunca acreditei salvar-me das consequencia de um desastre que me succedeu no Tocantins. Os transes por que passei, as dores que soffri resultado de uma imprudencia que me pôz em risco os dias da vida jamais deixar-me-hão de servir de exemplo, ante os actos irreflectidos da mocidade.

Hospedado em casa do amavel senhor J. Costeira teve elle a satisfação de me ver livre de perigo, devendo-lhe assim como á sua gentil esposa todas as attenções e cuidados de que me rodearam.

X

O natal no Bayão

REATANDO ao ponto em que ficara antes de entrar nas considerações precedentes, tive depois de algum descanso a continuação da viagem interrompida.

Partiamos em direcção á bocca do—rio Tamanduá, onde eram estabelecidos os irmãos Veigas, dois corpos n'uma alma, os senhores Constantino e Manuel Veiga respeitaveis chefes de familia.

Pelo correr da tarde alli chegando, fui amavelmente recebido.

Infelizmente n'essa occasião mal pensava que, um anno depois, seria sabedor do fallecimento do primeiro.

As cercanias do Tamanduá são regularmente povoadas e numerosas casas e choupanas orlam as margens dos sinuosos ygarapés,

O commercio é vivo e animado principalmente durante as colheitas de cacáu, que então principiavam.

Ha alli uma escola publica, bem frequentada a cargo de intelligente professor cujo nome não me acóde á penna.

Dias depois, deixava as visinhanças do Tamunduá e do Mendaruçu, e internando-me pelo rio acima, seguia novamente em direcção ao Bayão.

São de tão pouco interesse as peripecias que occorreram n'estas excursões rio acima, ou por outra tão naturaes e extravagantes que, para não alterar a norma adequada deixo de as mencionar.

Os dias corriam magnificos e, apenas partimos, trovoadas seguidas de aguaceiros nos tolhiam ás vezes a marcha. As noites, essas continuavam a ser de uma limpidez admiravel ou de claro e excellente luar.

No dia 26 de Dezembro saltava no Bayão pela segunda vez.

Como já disse, esta villa está deleitavelmente assente n'um alto aprazivel e vistoso, á margem direita do Tocantins.

Dão accesso á povoação duas enormes escadarias, com perto de 200 degraus cada uma. No começo de uma d'ellas ha um pequeno trapiche, onde atracam os vapores das companhias Amazonas Steam Marajó e Tocantins.

A fundação d'esta povoação data de 1694, sendo o seu fundador um portuguez de nome Antonio Bayão.

Da egreja do Rosario restam apenas as ruinas.

Bayão está distante da séde da comarca 49 kilometros.

Subi rompendo o povo que se apinhava na escada.

A pequena villa apresentava um aspecto festivo e saltitante. Romeiros de diversos pontos acabavam de chegar e já se ouvia na extensa praça de folguedos o *túgu-túgum, túgu-túgum,* singular e genuina onomatopeia, cujos sons se sumiam nas vastas redondezas da villa, aliás monotona e tranquilla.

A festa do Bayão, pelo seu caracter lendario, attrahe annualmente gente de todos os pontos, e de todas as classes e posições.

D'esta vez, sentia-se alli a falta do dr. Bello; todavia a franqueza e união d'esta boa gente dava logar a que reinasse sempre alegria e cordialidade entre todos, quer conhecidos de momento, quer de longa data.

Não tomarei a peito descrever circumstanciadamente esta festa popular, pois, como de costume n'estes trabalhos, usando do meu estylo ligeiro, não me é dado embrenhar-me por cantos e recantos em busca de dados, afim de expôr aqui uma descripção completa e nem mesmo ultrapassar as proprias forças.

O Bayão é o ultimo ponto do baixo Tocantins, onde se encontram claros indicios presagos da civilisação. D'ahi para cima, ella some-se como por encanto e apenas choupanas de alguns tristres caboclos, embora mansos, mas, n'um estado semi-selvagem, margeiam o grande rio.

Esta nossa segunda visita ao Bayão havia sido levada a effeito com o fim unico de recreio.

Seria a villa por demais pequena para abrigar confortavelmente o grande numero de romeiros, se a maior parte d'elles, por seu proprio costume, se não sujeitasse aos incommodos da occasião.

A praça dos folguedos, completamente limpa e preparada, apresentava um conjuncto singular. Barracas e caramanchões haviam sido levantados em volta do largo, reinando alli alegria dia e noite.

No gyro constante que faziamos de par com senhoras e cavalheiros, o mais simples divertimento reunia mil attractivos que fruiamos com sobejado prazer.

Aqui era o *ru ru ru* da roleta, que muitas vezes deixava na *pindahyba* os mais submissos subditos da princeza jogatina; alli os sons macambuzios partidos de um realejo desafinado, e que, mesmo assim, eram ouvidos entre o bulicio e o rumor compacto da multidão; acolá, uma gritaria desenfreada, sem vias de facto, apezar das gargantas receberem repetidas fricções da endiabrada *geribita;* além, a perder-se mui longe, o infernal samba dos negros, cujo cadenciado rythmo, era apontado pelo continuo *túgu-túgum* n'um tambor em fórma de canudo, instrumento rudimentar e quasi no todo de uma só côr.

N'estas festas, a musa popular era applaudida e ás vezes confundida, apezar do ruido indescriptivel, no meio do qual, o *jiktijim* das violas, alternadamente parecia deleitar-nos os ouvidos.

De subito, uma cabocla moça e bella, carregada de fitas e adornos exquisitos, conquistando d'um salto o centro do local em que tinha logar o batuque, formava o solo, sendo o final da can-

tiga repetido como estribilho por dezenas de vozes acompanhadas de esgares e requebros, quédas e umbigadas, provocadas pelo enthusiasmo e animação. Pouco a pouco me convenci de estar, não na presença de uma estrella choreographica, mas sim, deante de uma nevrotica.

Era, na verdade, um typo imponente, de cabellos côr de onyx, tez bronzeada, corpo esbelto, cheio de graça e de agilidade.

No dansar, tinha ondulações de giboia, movimentos provocantes, requebros de estontear o homem mais serio e sizudo, que alli se achasse.

Vergando-se ás vezes, de cabeça pendida, o olhar enlanguecido, os cabellos a adejarem-lhe em volta do rosto, onde pairava um sorriso voluptuoso, lascivo, debochado, dir-se-hia que tinha deante de mim, um genio epileptico, uma Venus hysterica.

Atravéz d'estes folguedos, notava-se a mais feliz ingenuidade. A pilheria era despida de côres fatuas e a moral sempre respeitada, se bem que o rigor das modas despertasse aos intrusos raramente uma má interpretação.

Justamente á ilharga do sitio, onde se realisava este clamoroso batuque, uma gorda mulherona, em estreito repartimento coberto por um tecto de palhas, assentada junto de um brazeiro, assava no espeto postas de pirarucú, que eram logo vendidas aos foliões.

Um rapazote que lhe servia de ajudante e cujas feições se assimilhavam ás da velha matrona, servia egualmente aos freguezes, sobre um balcão improvisado, cachaça, gengibirra, assahy, bacaba e outras bebidas.

Na noite de 24 para 25 de Dezembro, o povo em massa dirigiu-se á matriz, onde se disse a conhecida missa do gallo.

A data do nascimento de Christo foi n'aquellas paragens, commemorada fielmente.

Em todos os rostos se desenhava o mais vivo regozijo e immenso respeito em face da solemnidade religiosa. A boa fé, a pura crença, tinham alli pronunciados adeptos.

Felizes os que, vivendo isolados dos grandes centros, e desconhecendo vis preconceitos, gozam de uma vida longa e tranquilla. As ridiculas affectações que se geram na sociedade portugueza e brazileira transparecem levemente n'este meio, sem obterem franca entrada.

Ao passo que, no largo da Matriz, reinava profundo silencio, rompia os ares o constante *túgu-túgum,* e uma vozeria surda, ainda partia do centro dos folguedos.

Terminada a cerimonia religiosa, dispersou-se gradualmente a multidão, sem impedir, no emtanto, que grupos esparsos em varios pontos esperassem o romper da aurora, para saudal-a ao som da musica e de radiante alegria.

No dia 25, a procissão sahiu da egreja, percorrendo todas as ruas. Precedia o prestito uma katerva de pretos exquisitamente mascarados, que cantavam e dansavam acompanhados pelo irrequieto tambor-canudo.

Senhoras e cavalheiros, pertencentes ás poucas familias alli residentes, e mesmo de fóra tomavam parte no acompanhamento, replectos todos de visivel alegria.

A' noite, na residencia do senhor Nascimento, houve uma reunião, dansando-se até tarde.

Então foi-me dado ver que o bello sexo do Bayão e suas immediações é bastante amavel e seductor, havendo alguns exemplares de soffrivel belleza, e jovens de encantadores semblantes, em que a côr morena se ostentava em maioria.

No meio do enthusiasmo que se divisava em todos os angulos da sala, notava-se comtudo, pequeno numero de dansantes.

Se a musica convidava e as moças eram muitas e formosas, que faltava pois?

Cavalheiros; não havia cavalheiros.

Assim, a festa esfriaria, se não fosse a animação de que pareciam possuidos os poucos que alli se achavam.

Como sempre hei notado, as dansas em cada estado teem uma feição especial.

Na do Pará, com especialidade, nota-se isto a fundo; porém, quanto ao uso da fórma, a critica não encontra que dizer.

Nota-se mesmo alguma graça e correcção, mas pouco *salero*.

A meu ver, o dansante deve mostrar-se acertado nos passos, dengoso no gesto, sem jámais se deixar votar pela exageração.

A suavidade encanta, ao passo que o systema accelerado cansa e fatiga.

A dansa é um exercicio util e hygienico, que não deve ser desprezado pela mocidade.

Finalmente, n'esta noite, dansou-se animadamente até de madrugada, sahindo os convidados penhorados em pezo pela attenção e delicadeza que lhes dispensaram os donos da casa.

....

Na manhã de 26, ainda eu dormia a somno solto quando uma creança me foi despertar.

O dia estava a pino, e a terra afogava-se em viva luz.

Abri os olhos a custo e relanceei um olhar em volta do apozento.

—Accorde, vamos ao banho.

—Qual banho nem meio banho, respondi entre dentes, revirando-me na rêde com vontade de continuar n'aquella agradavel madorna matutina.

Não havia, porém, remedio; a creança puchava-me pelos pés e já outra me alcunhava de preguiçoso.

Saltando da rêde, procurei uma toalha que enrolei ao pescoço e segui para o rio em companhia das creanças.

O horisonte brilhava em chammas e a natureza offerecia-nos uma variada agglomeração de tons.

Da ilha fronteira partiam pacatos bocejos, d'entre a espessura de um bosque de palmeiras e o rio em indolentes torcicollos esperava-me tranquillamente.

Julgava-me indisposto e senti talvez desejos de continuar a dormir e... a sonhar.

Em todo o caso, descia, absorto em vaga contemplação, um por um os cento e tantos degraus da enorme escadaria.

Chegado a baixo, deixei o corpo esfriar um momento e atirei-me depois á agua, nadando ao acaso. Mas tão embevecido me achava n'esta manhã que nem reparei, dentro em poucos instantes, na distancia que me ia separando da margem.

Quando dei por isso, julguei-me perdido, sentindo-me levar pela corrente.

E nem me lembrava dos jacarés, das piranhas e dos botos que alli abundam.

Que extravagancia!

Voltar, urgia voltar. Mas como, se a corrente quasi tomára conta do meu corpo ja enfraquecido?

E nem as innocentes creanças adivinhavam a imminencia do perigo que me cercava.

— Ora não é nada, disse commigo; e nadei então com todas as forças afim de alcançar a margem embora muito abaixo do ponto em que entrara n'agua.

Dentro em pouco tinha quasi ganha a batalha que travara com a corrente, quando, sentindo escoarem-se-me as forças, me extendi de costas, fluctuando á flor d'agua.

D'ahi a alguns minutos redobrando de esforços alcançava a praia quasi exhausto, sem mais pensar no descuido em que cahira.

....

Este dia, como o precedente, correu alegre e festivo.

A gente do *tugu-tugum* conservava-se firme no seu posto. Na praça principal surgiam novidades para entreter a populaça.

Tambem eu era portador d'uma d'ellas: consistia no apparecimento do meu velocipede, que provocou espanto e admiração entre os foliões.

A maior parte d'elles, habitantes d'aquelles centros, nunca havia visto um simples carro, quanto mais um velocipede.

Os homens ao verem-me sobre o engenhoso

apparelho, a descrever curvas e passar por elles em vertiginosa carreira, batiam palmas e estabeleciam considerações estapafurdias; as mulheres, mormente as velhotas, acocoravam-se benzendo-se e clamando ser aquillo obra do diabo!

As mais moças e timidas buscavam esconderse e as creanças, avistando-me, corriam em uma algazarra infernal.

Quando passava, os curiosos formavam compacto circulo e á custa d'algum mais corajoso que tentava ganhar o selim, riam a bom rir, no momento em que o chão lhe chrismava o nariz.

Entre outros attractivos assim terminava a festa do Bayão no natál de 1886.

N'essa ultima noite, folgámos ainda em animada reunião, para a qual, como em outras, me foi dada a honra do convite. Sempre o mesmo enthusiasmo e animação, fechando-se assim com chave de ouro a serie de folguedos que alli se realisaram durante dias seguidos.

Devo observar que de tal reunião conservo as mais gratas recordações.

XI

Alem das cachoeiras



PARTINDO de Bayão em saudosa madrugada, percorri as suas immediações durante alguns dias resolvendo depois subir ás cachoeiras a alcançar a fóz do magestoso Araguaya.

Para quem deixa os suburbios do Bayão, espera-o um mundo novo de desertos interminaveis e de paizagens cada vez mais arrebatadoras.

Pouco a pouco, temos visto ir diminuindo a população composta de gente semi- civilisada, mestiça e indolente, até que chegamos á praia do Tapa-pucú, quando acabamos de costear a grande ilha de Jatahy.

A' proporção que subimos vamos notando como o rio é arenoso e as praias vastas e claras. Dentro em pouco passamos pela bocca do Irucará, em cujas margens ha abundantes soutos de castanheiros. Até á fóz do Araguaya, o sitio mais ameno que se nos depara é talvez Arumatheua, aldeia ou insignificante povoado á margem esquerda do grande rio, onde se comtempla o redomoinhar das aguas do rebojo da Victa Eterna, cuja celebridade é notoria por causa das numerosas victimas que tem feito.

Ouve-se tambem d'ahi o medonho rugido do Guabirão.

Não ha viajante que deixe de affirmar ser Arumatheua o ponto mais aprazivel e pittoresco de todo o baixo Tocantins. Pela sua situação elevada, d'ahi se desfructam esplendidos panoramas e quem sobre elles espraiar a vista ha de forçosamente deleitar-se deante das innumeras bellezas naturaes antes de alcançar os topos do horizonte.

Como ponto sanitario, chega-se a considerar optimo o local, podendo-se até mesmo dizer que é bastante apreciavel a influencia prophylactica do seu clima.

Em Arumatheua é que se reunem, durante a safra da castanha, numerosos negociantes e apanhadores, por ser o ponto onde os vapores vão carregar. Casas, choupanas, e barracões tudo é construido para uso provisorio. O logar n'esse

tempo toma um aspecto festivo apresentando um conjuncto proprio de feira.

Estes terrenos são magnificos e salubres. A terra, provando á saciedade a força de uma vitalidade exuberante, como que está a pedir cultivo e trato.

Deixando Pederneiras, logarejo sem importancia á margem esquerda vamos tendo a vista á costa de Jiquira, encontrando-se novas e surprehendentes bellezas.

As margens do grande rio sempre cobertas de grandes e verdejantes castanhaes e o cumarú e a copahyba alli abundam tambem prodigiosamente.

Uma tarde, estavamos parados á margem esquerda do soberbo rio e tinhamos á vista Alcobaça, logarejo pouco habitado. Uma tempestade d'essas do costume havia-nos feito mendigar um abrigo á sombra das ramagens que em seu balouçar continuo parecem beijar constantemente o lume d'agua.

Apóz a chuva, a natureza expandia-se satisfeita e uma viração agradabilissima depois chegava até nós, como um dôce allivio apoz o immenso calor que pouco antes experimentamos.

Concentrado, triste, taciturno, extatico, absorto, reflectia, estudava, chegando a crer ir encarando tudo por um novo prisma. Era o producto da attenção que então reclamava a presença d'estas bellezas do meu paiz.

Precisava conhecer bem o ponto de que me achava proximo e de que ouvira fallar antes, muito antes.

Sem ver terminado o aguaceiro seguimos novamente. O tempo melhorou deixando antever o

cahir de uma tarde limpa e clara a preceder um crepusculo côr de ferro em braza.

Eis-nos finalmente em Alcobaça, logar onde se projecta estabelecer o ponto de partida da futura estrada de ferro, segundo me informaram pessoas com quem muito antes fallei na capital paraense e que me asseveraram ser bem pouco acertado.

Principia por ser um logar ermo e inconveniente, segundo informou o Sr. Parsondas de Carvalho.

Demora acima do travessão dos Patos (o logar de menos profundidade) sobre ripas escarpadas, contornado de praias e a margem eriçada de recifes.

Nem póde servir de ponto de partida como fim da secção encachoeirada nem para começo da estrada que, a começar d'ahi, descreveria uma grande curva para chegar a Jatobá ou Itaboca. Faria uma curva, cujo raio mediria pelo menos dez kilometros.

Tal é tambem a opinião d'aquelle entendido.

....

Luctando com mais ou menos difficuldade, assim viajámos durante alguns dias, ora por terra ora por agua.

Eram tres apenas os meus companheiros. Um d'elles, de nome Mandú, um homem indiano, de olhar feroz mas meigo no fallar e nos tratos. Dos tres, o mais obediente e mais affeito aos serviços na barco.

Pertencia a uma das tribus selvagens do Araguaya e fôra, annos atraz, preso com mais alguns

companheiros, e *vendido* por um commandante de vapor, a certo proprietario de seringaes, a cujo serviço esteve muito tempo.

Lembrava-se da sua lingua e sentia até prazer todas as vezes que via algum natural com quem falar, notando-se que muitas vezes bem mal o comprehendiam.

E' para notar que, além do seu dialecto, Mandú entendia-se soffrivelmente na lingua geral, e no portuguez.

Succedeu que uma tarde encontrámos uma canôa presa a um ramo de arvore na margem direita do rio e logo que elle a avistou, comprehendeu que era de indio.

Com effeito, pouco depois, notamos uns cinco individuos nús completamente, acocorados no alto de um barranco, espreitando-nos tranquillamente.

Affeitos já pelo costume de verem, de tempos a tempos, descerem ubás carregadas, com destino ao Pará e provenientes de Goyaz, os indios embora em estado selvagem, nada fazem aos viajantes e pelo contrario, muitas vezes os auxiliam em troca de pequenas ridicularias, como succede com os Anambès, cuja aldea se acha situada á margem esquerda, pouco acima na foz do Coripé.

Depois de insignificante hesitação, vieram á falla com Mandú, dando a entender que a sua maloca estava situada em um braço na mesma margem do rio. Andavam á caça.

Continuámos assim demoradamente a viagem, até fazermos pouzo, n'esse dia junto á margem de um pequeno tributario do grande rio e onde

nos divertimos a pescar durante as ultimas horas da tarde.

Succedeu, n'essa occasião, que um dos remeiros, tendo feito n'esse dia um arranhão no pé esquerdo, ao cahir n'agua para banhar-se, ia sendo devorado pelas piranhas, que em poucos segundos conseguiram deixal-o com uma boa falha, cortando e devorando-lhe alguma carne, o que o fez chamar pelo soccorro dos companheiros, que afflictos correram a salval-o.

As piranhas (classe dos salmonides) e as arraias são o terror dos banhistas em muitos pontos do Tocantins. Tão temivel é a piranha que a sua voracidade nos chega a causar pavor.

Quando em cardumes percebem sangue ou carne, surgem e avançam como lobos famintos. Um arranhão ou signal de sangue é o bastante para um pobre diabo em poucos momentos ficar reduzido á expressão mais simples, isto é, a esqueleto.

A origem tupy do seu nome provém dos afiadissimos dentes que cortam como navalhas. Anda de preferencia no fundo do rio, e mede ás vezes mais de um palmo no seu comprimento.

«Cuidado com as piranhas e com as arraias» tal é o aviso que dão os habitantes do Tocantins, aos viajantes inexperientes que procuram n'elle banhar-se.

No dia seguinte, logo ao continuarmos a nossa lenta subida beira rio, encontrámos uma pequena embarcação tripulada por dois caboclos que nos diziam ir em direcção a Pederneiras, logarejo sem importancia collocado á margem esquerda do Tocantins de que já demos noticia.



O ygarapé

Eram homens de tez bronzeada, deixando no falar perceber perfeitamente o pouco conhecimento da civilisação. Um d'elles, no emtanto, sympathico e meigo, dirigiu-se a mim pedindo um pedaço de fumo, que lhe mandei dar immediatamente.

Em logar de picar o fumo, notei que o indio pizava-o com uma pedra de configuração especial, e que me pareceu ser um machado. Causou-me isto grande estranheza, porque não me constava que n'estas alturas tivesse qualquer naturalista encontrado um egual e isto fez-me crer que devia ter vindo de longe, talvez do Araguaya.

Presenteou-me com o machado e, para provar-lhe o meu agradecimento, offereci-lhes um meio copo de aguardente, que ambos beberam a rir e gesticulando desmedidamente.

O machado que me havia dado o indio e que por acaso divisava em suas mãos, era bem trabalhado, comquanto de granito pardacento, achatado, ovoide, medindo $0^m,172$ de comprido sobre $0^m,76$ de largo.

Guardando-o na minha maleta, despedi-me dos taes indios e continuamos a viagem.

Mandú parecia um pouco contrariado n'este dia, e mais de uma vez o interroguei n'esse sentido, sem d'elle poder obter plausivel explicação.

Afinal comprehendi que tinha ao meu serviço, um grande supersticioso e nada mais.

Foi assim que me confessou receiosamente estar crente de ter visto essa manhã *Uauyara,* a «mãe d'agua» como dizia, esse mytho anthropomorpho tão popular no interior d'alguns rios do Brazil.

— Mas, não será isso um sonho? perguntei-lhe debaixo de uma fórma a incutir-lhe no espirito a certeza da illusão que o acabrunhava.

— Sonho, nunca, respondeu-me convictamente e accrescentando não ser a primeira vez que via o genio dos rios ou das aguas. «O que ha, continuou elle, é um grande mysterio em tudo isto. Quando a vejo, percebo sempre que o seu corpo é de gente, mas os pés nunca os vi, como nunca lhe vi o rosto.»

Crendices finalmente, e nada mais.

Em todo o caso, como a lenda da *Jaciaba* ou *Uauyara* me parece interessante, vou offerecel-a ao leitor. Os termos da lingua tupy vão escriptos segundo a arte de que usa o illustre philologo Ulysses Pennafort na «Pocêma».

Outr'ora nas soberbas ybiamas do formoso rio Gurupy tinha assentadas as suas tendas a guerreira nação dos Tymbiras. Em uma d'essas bellas tardes do verão, um joven indio, filho primogenito de um dos muribichabas, desceu em uma ygara para pescar no sitio em que hoje demora a villa do Gurupy (impropriamente chamada Vizeu!)

Era um rapaz formoso, o mais lindo e esbelto dos apiauas da sua taba.

Valente e forte como um tapir, como elle não existia outro de maior bravura e altivez.

Ninguem com maior valentia empunhava o tacape e manejava o arco e a flecha.

Raras eram as aves que nos ares não se deixassem apanhar pelas hervadas settas desferidas do seu terrivel *uirapára!*

A aracuan, o anajé, até o veloz andirá... todos fugiam ao avistar a sua enorme e alongada zarabatana.

Nas dansas e brincos com que celebravam as suas festas lunares, sempre a palma da victoria era conferida ao joven tapuio, ante quem os mesmos payés reverentes se curvavam!...

Era o encanto da taba e o orgulho dos seus avós; estava elle destinado a substituir ao velho cacique que tantas vezes fizera morder o pó da terra aos feros e indomitos Apinagés!...

E um bello dia o joven indio teve necessidade de pescar; metteu-se n'uma ygarité e seguiu com destino a ponta do Gurupy.

Era uma tarde amena e encantadora; o sol, o fulgente coaracy, que principiava a occultar-se por traz da espessa matta da serra do Piriá, espanejava os seus ultimos raios sobre as prateadas aguas que circumdam a enorme pedra encantada, que jaz na foz do Gurupy, em distancia de 5 ou 6 milhas da ponta de terra mais proxima!...

O ibake estava calmo e sereno; e no horisonte mal se lobrigavam algumas nuvensinhas purpureas que derramavam aljofres.

E a ygara em que ia o joven tapuio sulcava vagarosamente as aguas marulhosas do rio em direcção sempre áquella pedra grande, que nunca se viu coberta nem nas maiores enchentes de março e agosto!...

*

Ao avisinhar-se da pedra, sentiu o indio que se lhe fugia a intrepidez do animo.

Assim como o triste canto da oricuriá enche de susto a quem o ouve ás caladas da noite, assim o indio sentiu cortar-lhe o peito um grande pavor ao approximar-se d'aquella itá.

Cahiram-lhe bagas de suor pela fronte acobreada e as mãos callosas contrahiram-se em crispações nervosas....

Não sabendo mais a que ia, o joven indio volta de repente a ygara e desapparece veloz como raio d'aquelle logar d'encantos!

O pobre pescador chegou tarde á sua tyjupaba, amarrou a ygara no mará, e não podendo mais reconciliar o somno sentou-se no tronco do ipé, e alli permaneceu até pela manhã pesaroso, taciturno, inquieto, proferindo de vez em quando phrases desconnexas acompanhadas de gesticulações exageradas.

E a velha tapuya, que estremecia de véras aquelle seu filho querido, chorava amargamente por vel-o n'aquelle estado de allucinação.

*

—Filho, disse-lhe a india, que fero curupira te abateu o animo, aquella valentia que tanto fazia pasmar os inimigos da nossa taba?

O moço indio ergue um pouco a fronte assombreada pela tristeza, contempla o rosto lacrimoso da velha india, solta do peito um triste e magoado suspiro... e irrompe mais ou menos por estas palavras entrecortadas:

«Escuta, mãe, ouve, porque sómente a ti ouso contar o que vi e ouvi!...

«Oh! que saudades profundas agora não me acabrunham o espirito!...

«Era uma joven tão bella... tão encantadora, tão alva como jacy... entre as rubicundas filhas porangas dos valentes Timbiras ainda não conheci outra egual.

Coaracy ia-se pondo por detraz da collina do Priá, a negra pituna se approximava, mas serena e calma, e a minha ygara quasi de bobuja deslisava-se de mansinho por sobre as aguas verde-claras do Gurupy em direcção a grande itá que, oh! mãe, tu sabes se achar collocada bem no meio do rio.

«Oh pasmo! oh confusão! oh dôr! De pavor e alegria estremeci!... Parecia-me que estava a ouvir uma toada bem longe, uma voz doce, terna e harmoniosa, que sahia como de dentro da pedra grande, a qual se confundia com o borburinho das aguas do rio e ia de envolta com a suave yroiçan morrer por entre as franças dos tucumans da visinha apicón.

«E quanto mais a ygara se chegava perto da ita-açu mais forte e vibrante me feriam a alma os sons melodiosos d'aquella voz de caraibébé!

«De repente eu vi... oh! mãe! não lhe minto... eu vi uma mulher formosa... formosa como uma virgem jacyaba! Fiquei mudo e quedo como o jacaré quando se vê em frente do jaguar!...

«Oh! mãe, como era bella, porang! Estava assentada no cimo da itá-açú! Os cabellos em ondas brincavam agitados pela brisa do mar, eram louros e encaracolados como os flocos do verde abatixi... ella os trazia amarrados com lindas flores de *mumurés*... emfim a manacã cantava...

cantava... como nunca eu vi cantar assim em terras de Tupã!...

«Depois levantou-se... lançou-me uns olhares reluzentes como jacytatas, sorriu-se para mim, e atirou-me seus braços alvos como ibytunane, e fingindo querer abraçar-me desappareceu cantando por entre as frestas da grande ita, que ia como se abrindo para deixal-a passar!...

«Mãe, mãe, como era linda a joven jacyaba, que alli vi sentada n'aquella pedra... Como eram formosos os seus cabellos... *guaracyabas!*... como eram arrebatadores os accordes d'aquella voz que cantava!... Assim terminou o indio a sua triste poranduba.

A velha tapuya abaixou a cabeça e deixou rolar pelas enrugadas faces duas grossas lagrimas!

«Olha, filho da minha alma, murmurou ella, não tornes mais a passar perto d'aquelle terrivel logar... A virgem jaciaba que alli viste sentada na pedra grande é a *Uyara*, a mãe d'agua; filho, filho, foge das suas moangas... o seu sorriso é a morte! a sua voz é um encanto.»

Assim falara a india pallida de susto e de dôr.

O indio nada respondeu, e assim permaneceu triste e silencioso até o resto do dia.

*

No dia seguinte ao pôr do sol, de novo rompendo as aguas do rio Gurupy, a ygara seguia ligeira em direcção a pedra grande. N'ella ia o joven tymbira, que esquecido já dos avisos maternos, se deixava arrastar pelas correntes do rio até a bocca da pedra encantada!

O que lhe succedeu depois ninguem o sabe dizer, só sim que desappareceu para sempre por entre uma das aberturas da pedra!...

E crença vulgar é, que sob aquella enorme pedra existe um reino encantado, e diz-se que em noites claras, quando jacy prateia as limpidas aguas do Gurupy, alguns nautas mais audazes ouvem distinctamente sons harmoniosos de não sei que instrumentos desconhecidos, e outra vez descobrem ao longe vultos de homem e mulher que cantam ao luar...

E quando por ventura algum pescador mais animoso se atrevia a ir pescar á noite, nas proximidades da pedra grande, via então abrir-se as aguas do rio e n'ellas de todo mergulhar os dois vultos!...

SEGUNDA PARTE

XII

Os Apinagés

Da foz do Araguaya até Alcobaça ha uma secção verdadeiramente impraticavel por causa das grandes cachoeiras de Tocumanduba, Vita Eterna, Itaboca e Guaribas. Nas alturas da ilha do Leal ha um bello remanso e a passagem, procurando-se as margens, é franca para barcos e canôas, apezar do redomoinho que se encontra.

A navegação a vapor n'esta secção, que se extende da Praia da Rainha até Alcobaça, é impossivel para vapores e é justamente entre estes dois pontos que se planeia a construcção de uma estrada de ferro marginal.

O leito do rio n'este estirão é mais ou menos petreo e durante o tempo de vazante ou secca numerosos são os cachopos e penedos a descoberto formando perigosos redomoinhos e travessões. Taes são as informações colhidas e que julgo podem interessar a alguns leitores.

O Dr. José Feliciano, engenheiro incumbido pela *Companhia Viação Ferrea e Fluvial do Araguaya e Tocantins* de verificar os estudos do Dr. Lago feitos creio de 1872 a 1876, partiu ultimamente em 24 de Maio de 1893 do Rio de Janeiro, chegou a Belem no dia 7 de Junho, seguiu Tocantins acima a 15, chegou a Alcobaça a 18 e depois de dois mezes de estudo regressou ao Rio, sendo o seu relatorio publicado em Outubro no Diario official de onde passo a extrahir os seguintes topicos:

Logo no começo do seu trabalho, diz o mesmo engenheiro que a estrada de ferro, que deve contornar as cachoeiras, póde ter o seu ponto terminal 10 kilometros abaixo da praia da Rainha por quanto as cotas de sondagens do meio do canal variam alli entre 28 e 20^m, de profundidade, margem esquerda 5 a 9^m, margem direita 3 a 4^m. Velocidade da agua $0^m,266$ por segundo.

Descrevendo os travessões do Secco Grande, Tauiryzinho e Mãe Maria declara que os primeiros não impedem a navegação de lanchas a vapor por quanto tem canaes de 30 a 60 metros de largura, profundidade não menos de $2^m,10$ e que a maior velocidade da agua na superficie de um d'elles é de $1^m,312$ por segundo.

O ultimo travessão exige melhoramentos. Toda a secção do rio é obstruida de margem a margem por bancos de pedras. A questão reduz-se a eliminação das pedras que obstruem o canal.

Ao descambar uma tarde. fizemos pouzo na margem esquerda do rio, na foz de um pequeno braço ou affluente cujas margens eram cobertas de lindissimos castanhaes—*Bertholetia excelsa*

da familia das Lecythideas. Algumas arvores tinham seguramente mais de cem pés de altura.

Apanhamos ao acaso algumas nozes, cujo tamanho é identico ao do coco da Bahia. Conheço outra especie da mesma familia, a Sapucaieira—*Lecythis grandiflora*—cujo fructo apenas sazonado deixa a casca abrir-se espalhando-se no solo as suas sementes.

Parecia-me estar já bastante fatigado da viagem e sentia vontade de regressar.

A fóz do Araguaya devia estar a pequena distancia. Não tinhamos, porém, quem nos ministrasse informações. Nenhuma ubá haviamos encontrado n'este percurso, d'essas que costumam descer da cidade da Palma ou da Boa Vista em Goyaz.

A viagem até a Palma, segundo me informaram varios viajantes, é muito difficultosa e demorada.

Levam geralmente um anno para fazel-a, ida e volta até o Pará.

Receiava que nos viessem a faltar viveres e o nosso barco, tendo soffrido alguns choques na vespera, estava fendido, sendo forçoso de vez em quando calafetal-o o que não impedia a agua de penetrar novamente e ser alijada fóra.

Ao anoitecer d'esse dia, fomos surprehendidos pelos rugidos das onças, que vagavam nas proximidades do nosso pouso, occultas pelos mattos em um sitio elevado. Passámos a noite *à la belle etoile.*

Cardumes de botos desciam ou subiam, o rio, ferindo de instante a instante o lume d'agua, e deixando-nos contemplar de relance parte dos seus corpos.

A noite estava bellissima e na transparencia d'este céu tropical, as estrellas amontoavam-se, brilhando intensamente.

Como de costume, entreguei-me á pesca até tarde. Os melhores e mais saborosos peixes haviam cahido nos nossos anzoes e antes de dormir assámos alguns *corimatans*, armando-se depois as redes de fórma a passarmos a noite livres da visita das onças.

Decididamente esta vida agradava-me e sentia prazer toda a vez que provava um fructo desconhecido, um peixe que ainda não cahira antes na minha rêde ou no meu anzol.

Se uma ou outra fructa, uma ou outra caça não agradava ao paladar, provava no emtanto o que não vira n'outra parte e sobre o que não podia dizer—conheço melhor ou peior.

Com os productos nativos d'esta zona não podia estabelecer comparação de especie alguma. O que podia asseverar é que o *corimatan* bem preparado é tão saboroso como o salmonete do mediterraneo, o *mapará* tão apreciavel como o chicharro da Madeira, os molluscos tão appeteciveis como as ostras de Cancalle ou de Marennes.

Ao anoitecer do dia immediato, Mandú veio pezarosamente avisar-me de que o barco estava cheio d'agua e que seria uma imprudencia continuarmos a viajar n'elle subindo o rio, sem primeiro serem deveras reparadas as avarias.

Tinhamos á nossa disposição apenas uma ygarité, canoa de um só páo, que mal podia conter duas pessoas e que traziamos a reboque, para pescarias. A nossa situação era grave; mas, felizmente, no fundo do barco havia uma caixa

de ferramentas, e portanto o necessario para nos sahirmos bem de tal eventualidade.

Postas em terra as cargas que haviam, por descuido, ficado no barco, começaram logo a faina do concerto, ficando eu certo de que só d'alli a tres dias poderiamos regressar ou continuar a nossa viagem em demanda da fóz do Araguaya.

Emquanto, pois, os dois remeiros tratavam de cuidar do concerto do barco, metti-me na ygarité, ordenando ao Mandú que trouxesse tambem as suas armas e partirmos pelo tal braço ou affluente do Tocantins em cuja embocadura haviamos pernoitado.

Apenas tinhamos vencido umas duas leguas rio acima, eis que novos e surprehendentes bellezas se nos deparam. Ora mais largo, ora mais estreito o rio apresenta as suas margens cobertas de verdejante vegetação e ás vezes pequenas campinas se extendem ao longe, bordadas por lindissimos palmares.

O socego, que muitas vezes sentiamos envolver as margens do Tocantins, era agora quebrado pelo canto continuo de numerosas aves, que esvoaçavam tontamente sobre nossas cabeças. As praias cobriam-se de bandos de aves aquaticas e de pequenos jacarés extendidos sobre a areia.

Repentinamente, a nossa attenção foi despertada pela presença de um grupo de tres indias que se banhavam proximo d'uma praia e que, ao avistarem-me, pareceram inquietas sem comtudo fugirem ou tratarem de se occultar. Immediatamente Mandú approximando-se com a ygarité dirigiu-se-lhes participando que andavamos caçando *u iucá che miara,* e que tinhamos deixado

os companheiros na barra do grande rio e ellas responderam logo distinctamente... *natai kini* demonstrando assim que estavam possuidas de alegria e fazendo um signal que esperassemos, sumiram-se a correr pelo bosque a dentro.

—São provavelmente mansas essas indias, disse a Mandú, sendo elle de opinião que se tratava com certeza de uma tribu aldeada a pequena distancia d'aquelle ponto e cujos individuos, comquanto em estado selvagem, teem raramente entrado em contacto com os viajantes que sobem e descem o Tocantins.

Sem mais demora encalhámos a nossa ygarité na areia fofa da praia e saltámos em terra. Galgando uma pequena elevação, divisámos um longo charco coberto de plantas aquaticas, que parecia por sua vez communicar com o rio por um estreito canal, fechado por uma arcada verdejante e florida.

Certos quasi de que não havia perigo em nos afastarmos d'aquelle sitio, descemos a pequena elevação e penetramos na floresta á nossa esquerda.

Poucos passos tinhamos dado, quando subitamente vimos erguer-se do solo e detraz das arvores, uma fila de robustos indios, destacando-se no fundo esverdeado da paizagem.

N'aquelle momento, senti-me apossado de mudo terror, e ouvi Mandú sem perda de tempo gritar: [1]

---

[1] O auctor escreve como melhor lhe parece ter ouvido pronunciar as palavras, desviando-se o mais possivel das alterações produzidas pela phonetica do portuguez americano.

Veja *Notas* no fim do glossario.

Teen curi penhê se quihi chima yanê monha nen maã penhê arama.

Isto é: que não tivessem medo, porque não lhes iamos fazer mal.

Immediatamente, um indio novo e curpolento se destacou do grupo e disse-nos, batendo com as mãos nos peitos e demonstrando nada haver comprehendido :

— *Apinagê cramatú.*

E logo todos se foram acercando principalmente de mim, curiosamente.

Apenas quatro dos mais idosos estavam armados de arcos e flechas.

Pouco a pouco, foram perdendo o receio de que pareciam possuidos e chegando-se a mim, empregavam toda a sua attenção no meu *pince-nez* e examinavam a bolsa em que conduzia as munições.

Mandú, se bem que comprehendesse bem a lingua geral e os differentes dialectos, parecia luctar com difficuldades, e só depois de os ouvir trocar varias explicações, durante as quaes, o indio de ha pouco pronunciava mal uma ou outra palavra em portuguez, vim a saber que este era o filho do *Pai* (chefe) dos Apinagés, cujas malócas estavam situadas atraz d'uma pequena montanha, que tinhamos quasi á vista.

Estranhei isso, porque tinha então bem na memoria que a nação dos Apinagés fôra, a titulo de cathechisação, aldeada annos antes em um dos pontos para tal fim destinados no alto Tocantins e Araguaya.

Soube, porém, depois que se tratava apenas de um grupo de cem a duzentos indios de lá esca-

pos antes ou depois de aldeados, e que constituiram alli uma nova aldeia, que então prosperava como nação selvagem mas pacifica.

Satisfazendo o desejo que os indios manifestaram de me levar á presença do *Pai* cacique ou tuchaua, contornámos o morro, e dentro em pouco tempo entravamos na pequena aldeia. O terreno n'essa direcção elevava-se suavemente, formando pequenas collinas.

Já havia notado que o filho do tuchaua tinha uma côr bronzeada, muito mais clara que a dos outros, por isso grande admiração me causou quando, ao ver seu pae, notei que a sua côr era tal e qual a dos outros indios.

Era um velho ainda forte apezar da idade. Nos seus robustos musculos e fórmas atleticas, descobria-se um homem, que pouco havia perdido da sua juventude.

Tinha um ar grave e doce, que inspirava respeito e confiança.

Recebeu-me o *Pai* ou cacique sem grandes honras em sua palhoça, e por intermedio de Mandú fiquei sciente de que desejava elle saber o que pretendia nas suas terras.

Servia tambem de intermediario na conversa, um outro indio que mais me pareceu pelo seu aspecto ser um prisioneiro de guerra ou aliás pertencente a outra tribu que um puro Apinagé. Demais, Mandú parecia entender-se melhor com elle, que com os mais.

Confuso e commovido com o que se passava ao redor de mim, voltei-me para Mandú e fil-o informar ao cacique do que nos havia succedido e que andavamos a matar o tempo caçando.

Logrou bom exito a resposta.

O Cacique estava tão nú como todos os seus e apenas á cintura trazia um pedaço de panno mal tecido e á cabeça um bonet de soldado com o n.º 20, perfeitamente conservado e que reconheci ter pertencido a uma praça do 20 batalhão de infanteria estacionado em Goyaz.

Desejoso de o obsequiar com um metro de fumo (tabaco) e uma calça e camisa, para d'elle obter as boas graças fiz-lhe ver que necessitava regressar ao ponto onde estavam os outros dois camaradas occupados no concerto do barco.

Ia-me pois despedir quando vi aproximar-se de nós uma joven india muito clara cuja presença me deixou assombrado. Era na verdade uma rapariga selvagem como as outras que alli se achavam mas eu nunca podera antever como em uma mulher d'esta classe podessem existir tantos attractivos e tantas graças, pelo que desde logo me foi dado conhecer.

— E' minha filha, disse-me o cacique.

Ao que ella logo contestou.

— *Sim de papá.*

E comprehendia a minha lingua?!

Aygara tal era o seu nome representava contar as suas quinze primaveras se bem que o seu physico tivesse chegado a elevado grau de desenvolvimento.

Aygara approximando-se mais estendeu-me as mãos sorrindo-se como se uma satisfação enorme a abalasse profundamente.

Eu sentia então um desejo immenso de poder comprehendel-a, de conhecer a sua lingua, para ouvir a sua historia que na realidade devia ser

interessante se é que mal entendia o portuguez.

Quem seria sua mãe? Onde estaria ella?

Se existia porque se não achava alli?

Se era uma mulher quasi branca ou mestiça como pelo menos se tornava forçoso crer, porque fórma teria vindo parar entre os Apinagés?

Ora esta ancia me dilacerava e um desejo intenso de tudo conhecer me impellia para o lado de Aygara.

Mandú, olhava-me surprehendendo a minha admiração, e sorria-se maliciosamente.

Depois de alguns instantes resolvi voltar ao acampamento.

Despedi-me do cacique e de Aygara e parti para a praia acompanhado de Mandú e de um grupo de indios.

Aygara ficava triste ao lado de seu velho pae, sentada sobre um tronco de *najá* e seguindo-nos com um olhar doce de selvagem que parece ter recebido vagas noções de uma vida bem differente da que fruia.

Durante o tempo de minha curta permanencia alli pareceu-me ter comprehendido alguma coisa do respeito que todos os indios lhe tributavam.

Chegados á praia Yauay o irmão de Aygara mostrou desejos de nos acompanhar, ao que logo accedi, apesar de temer um excesso de pezo na fragil embarcação.

Accommodados o melhor possivel, partimos d'alli para o acampamento, onde chegamos sem novidade por volta das duas horas da tarde.

Os companheiros, pouco ou nada haviam feito

no concerto do barco, e apenas lhe tinham calafetado de novo e provisoriamente o fundo.

Em todo o caso, foi de grande vantagem esta lembrança, porque immediatamente tratei de mandal-o encher com as nossas cargas, afim de seguirmos em direcção á aldeia dos Apinagés.

Estava resolvido a demorar-me alli alguns dias, emquanto se fazia um concerto perfeito, de maneira que o barco nos offerecesse segurança durante o nosso regresso a Cametá ou ao Pará.

Demais, eu julgava-me immensamente feliz com o acolhimento que os indios nos haviam feito, e desejoso de permanecer entre elles, para conhecer algo da vida selvagem.

Dentro em pouco, apóz ligeira refeição, partimos todos na direcção desejada.

Mandú continuava a luctar com difficuldade, para se fazer comprehender dos Apinagés, por causa da notavel differença de dialectos.

XIII

Aygara a filha do Cacique



O irmão de Aygara mostrava-se muito sympathisado commigo, e de vez em quando, lançava uns olhares desconfiados sobre a minha bella espingarda, que jámais abandonava. Succedeu, que, ao subir o rio, avistamos um veado que atravessava a nado, de uma margem para outra.

Erguendo-me, apontei e fiz fogo, tão feliz na

pontaria, que o animal, ferido gravemente, mal podia conservar-se á superficie até que approximando-nos o prendemos pelas pontas. Yauay ficara encantado trocando algumas palavras com Mandú por intermedio de quem soube o que me desejava dizer.

—A tua arma é muito boa, porém, as nossas teem a vantagem de não espantar a caça evitando-se a detonação.

—E onde tens as tuas armas? Perguntei.

—Em minha *cricam*. Eu t'as mostrarei. Não ha *robocrori* e *hocreyuti* que escape á *crúa* de meu arco. A mais veloz *agoraty* cae quando quero da maior altura que a que tem o *burity*.

Seguiamos nós assim rio acima em admiração reciproca, quando, ao chegarmos proximos do porto dos Apinagés, um dos remeiros deu aviso de alerta, por causa do barco que parecia cada vez fender-se mais, pois a agua entrava n'elle com fartura.

Uma vez na praia, reconhecemos que a embarcação estava imprestavel e isto causou-me grande afflicção, mitigada aliás pela satisfação do desejo que sentia de poder passar alguns dias em companhia dos indios.

Era necessario fazer-se um concerto em ordem, perfeito, seguro, de fórma a tornar a embarcação capaz de sustentar todo o pezo sem perigo de novas refregas.

Os indios mostravam-se satisfeitos com a nossa presença e comprehenderam o perigo a que nos expunhamos, se continuassemos a viagem sem que fosse seriamente reconstruido o casco da embarcação.

Yauay levou-me novamente para a taba e indicou-me uma *cricam* para habitar, ficando os meus camaradas nas palhoças ou ranchos que deveriam construir em poucas horas.

Fazendo recolher as cargas e mais utensilios de viagem, extendi a minha rede de dormir e breve encontrei-me em attitude de descanso.

Dentro em pouco, veiu um indio prevenir-me por intermedio de Mandú de que o Cacique viria ver-me e saber o que desejava.

Já eu o havia mandado presentear com um metro de fumo e outros objectos, pedindo para repartir com os seus o conteúdo de duas garrafas de aguardente.

Assim não foi para admirar que o visse chegar ao meu cazebre meio cambaleante, porque já experimentara o precioso liquido e que, sentando-se a meu lado lhe ouvisse dizer:

— Irmão, sei que tens de viver comnosco o tempo preciso para concertares a tua embarcação, portanto é preciso que tu e tua gente escolham mulheres.

O caso era deveras interessante; mas o mais interessante foi quando percebi que o patife do Mandú já havia escolhido a sua, tanto que a tinha a seu lado e impellia-me a fazer outro tanto, afim de cahirmos nas boas graças do cacique e dos seus.

E' que os indios entendem que o homem não póde viver sem companheira, e isto era uma prova de franca amizade para comnosco.

— Mas não temos nós porventura, ponderei, de regressarmos ás nossas terras?

— E que importa, voltou o cacique. Porven-

tura lá não tinhas tu a tua ou tuas mulheres? E's acaso virgem?

— Pois bem, caro cacique. Não vês que ao partir teremos de as deixar?

— Parte quando quizeres. Tua mulher será de outro que a queira. Emquanto fôr tua é só tua. Tenho minha filha, posso dart'a da melhor vontade, mas quero que tu mesmo escolhas a que mais te agrade.

N'este momento eu senti alguma satisfação, porque uma curiosidade infinda me impellia para Aygara.

O Cacique parecia ter certas noções da lingua portugueza; embora mal, pronunciava algumas palavras, o que me deixava perceber que já havia convivido entre gente nossa.

— Pois bem, grande cacique, disse afinal, manda vir á minha presença todas as donzellas da tua tribu. Quero escolher a que mais me agrade.

— Sim, tornou elle, mas antes quero que me digas de onde vens, se das bordas do grande rio ou das terras alem dos grandes mares.

Que desejava o cacique dizer com isto?

Com certeza referia-se ao oceano.

Acaso algum europeu havia já convivido entre elles? Como deveria eu responder afim de ser pelo chefe dos Apinagés bem acceita a minha resposta.

— Não respondi, eu não sou d'alèm dos grandes mares. Sou d'estas mesmas terras que habitas e que se chamam americanas, separadas apenas pelos grandes rios.

Um sorriso de contentamento assomou na face

do cacique. E erguendo-se, disse-me que esperasse, que ia satisfazer a minha vontade.

Original tudo isto, pensei commigo.

Quando havia de julgar que aos vinte e cinco annos de edade, na flôr da vida, cheio de esperanças, em plena mocidade, teria de escolher noiva entre os selvagens.

Eu casar-me!

Que de milhares de apprehensões principiaram então a torturar-me o cerebro. Quem me havia de affirmar que depois a mulher me quizesse seguir, abandonar os seus, contra os usos da tribu e metter-me em grossa alhada, fazendo-me pagar com uma traição o carinho do agasalho e da hospitalidade recebida?!

Mas emfim, eu havia de encontrar sahida para tudo. A minha boa estrella não me havia de abandonar.

Demais, tratava-se como diziam os indios de— ter a sua mulher.

O que mais temia era que o patife do Mandú, meu guia de confiança, se mettesse em largas aventuras e abandonasse o meu serviço. Verdade é que elle contentara-se bem a gosto com uma mulher de cabello solto o que quer dizer que não era de primeira mão.

....

Dentro em poucos momentos a frente do meu *kiosque*, como desde logo denominei a minha habitação, era invadida por um grupo de trinta indias novas e algumas bellas, todas de côr bronzeada, destacando-se o vulto airoso e sympathico da filha do cacique.

Que situação!

Isto estava-me custando, mas afinal, decidi-me a passar no grupo uma minuciosa revista tomando a cousa por mero passatempo, porém, ao acercar-me d'ellas, agradando-lhes com uma mimica especial, fui surprehendido com o barulho que fizeram em volta de mim, buscando todas quererem examinar o meu *pincenez* e uma por uma não descansava em quanto o não sentava cada uma no seu nariz sem poder perceber qual o proveito a tirar do seu uso.

Aygara era de todas a mais inquieta e não cessava de me fustigar para preferil-a.

Decididamente acabei por gostar da brincadeira e julgava tratar d'um torneio de belleza, deante d'aquellas fórmas plasticas expostas a meus olhos e livres das barbaras confecções das mais afamadas modistas do mundo.

Finalmente, para terminar com a exposição, pedi que se retirassem, que depois eu me entenderia com o cacique sobre a *eleita do meu coração*.

— Ora esta, disse a sós commigo. Querem que escolha companheira, que me caze. Pois caso-me. E' um facto muito natural.

E como ia achando até certa graça em tudo isto disse ainda:

— Cazo-me até com dez mulheres se quizerem. Tenho coração para muito mais.

....

Apenas restavam do sol enfraquecidos raios, que vinham cobrir as formosas copas floridas das *tapyis*, quando o cacique sendo sabedor da mi-



. . . algumas indias formando roda nos collocaram ao centro . . .

nha participação de que preferira a mão de sua filha, me mandou convidar para ir até á sua grande *cricam*.

Chegado alli, convidou-me Aygara a assentarme n'um *girão*, cujas estacas eram cravadas no solo e sobre o qual estava extendida uma pelle de onça pintada. Era este o seu leito.

Então Mandú, que não me abandonava um momento afim de me orientar do que ouvia, disse-me que desejavam que eu bebesse *cauim*, bebida fermentada feita de mandioca.

Absolutamente resolvido a seguir á risca os conselhos de Mandú, respondi que sim, acceitando um *cuieté* que levei á bocca cheio da tal bebida.

Infelizmente uma ancia de vomitar fez-me devolver o presente e desejando lavar a bocca com outro liquido corri ao kiosque que estava guardado por um dos camaradas, e tirei d'um garrafão alguns goles de aguardente de canna com que lavei a bocca.

N'esta occasião, notei que o garrafão tinha já sido visitado por alguem e reprehendendo o vigia, pul-o de sobre-aviso para outra.

Era preciso todo o cuidado, não só com os indios, como com a minha gente; pois embriagando-se podiam commetter excessos de que deveriam resultar funestas consequencias.

Quando ia voltar a casa do cacique, notei que um grupo de indios se dirigia para as proximidades do kiosque, onde fizeram arder uma fogueira que dentro em pouco illuminava com seus clarões todos os angulos da pequena *taba*.

Aygara, seguida do *Paï* e de Yauay vinha tam-

bem ao meu encontro e algumas indias, formando roda, nos collocaram ao centro gritando e movendo-se sem que eu podesse perceber o que diziam.

Um indio de aspecto grave e edoso, trazendo o corpo pintado de encarnado e preto, que até então não vira, acabava de surgir e deante do grupo desenvolvia a sua mimica para mim imcomprehensivel. Ora deitava-se de bruços, ora perfilava-se de pé erguendo os braços, apontando para a lua que acabava de surgir resplandecente no espaço.

Este individuo era o *pagé* dos Apinagês, isto é aquelle que exercia as funcções de medico e talvez de sacerdote.

As indias que formavam a roda sempre em movimento executavam varios requebros e esgares, ora avançando ora retrocedendo ao som de um *corimbó*, tambor de madeira ôcca, em fórma de canudo, sendo o diapasão e o compasso marcados pela tal bebida *(cauin)* ou outra qualquer o que parecia originar a excitação dos convivas.

Mandú, para provar a sua affeição aos indios, recordava-se talvez do tempo em que vivêra com elles nos bosques e abandonando as vestes, com minha permissão entrou na festança, trazendo á cintura uma tanga feita com um pedaço de coberta encarnada cuja côr despertava a attenção de todos.

Uma das indias que mais alegremente parecia acompanhar a festança, desprendendo-se da roda pôz-se a bater os cotovellos um no outro sem difficuldade e cantou por duas vezes estes versos que Mandú me forneceu em lingua geral:

Cimirá miri pénima
Pacará miri popé
Tomara cepenima
Y cheporang inéiaué.

Eis mais ou menos o que significa

Passarinho meu pintado
Que esta prezo *pelos pés*
Quem me dera ser pintado
E ser lindo como és.

A festa continuou ainda por algum tempo até que repentinamente vi mudar de aspecto tão singular espectaculo. A lua descobria-se brilhante sobre nossas cabeças e os seus raios enchiam de luz todos os recantos da quieta aldeia. Indias e indios formando duas cerradas fileiras avançavam e retrocediam em nossa frente tendo cada um em seus braços uma creança de tenra edade que offereciam ao astro da noite.

Este movimento ceremonioso, era seguido de cantos e côros repetidos sobresahindo o ruido produzido por uma cabaça *(macará)* cheia de pedras e sementes e que um d'elles successivamente agitava.

N'esta occasião, notei que se muitos eram aquelles que tinham as orelhas deformadas com os lobulos cortados em tenra edade, outros no emtanto pareciam ter abolido tal uso ou distinctivo de tribu.

Fatigado de permanecer de pé alli no meio d'aquella gente barbara, julguei-me feliz quando Aygara me convidou a assentar sobre a grama verde que cobria o solo no centro da

praça. D'ahi, passámos para um grande rancho, especie de casa de reunião, onde, sobre uma esteira de taquara, estavam dispostos appetitosos manjares, sem duvida mais bem adequados ao paladar indiano. Tigelas e pratos de diversas fórmas, adornados de toscas figuras de flores, frutos e animaes continham differentes iguarias compostas de peixe, bananas verdes, maduras e assadas, ovos de tartaruga, mandioca, milho verde e carne de cotia e veado, tudo collocado symetricamente.

Aygara tratou de me servir os melhores petiscos, demonstrando desde logo o seu carinho com um cuidado e uma modestia que não podia absolutamente ter que esperar de si. Yauay parecia sentir prazer em acompanhar sua irmã nos cuidados que lhe inspirava. Infelizmente eu entregava-me apenas ao sacrificio de uma prova no que acreditava demonstrar a minha gratidão.

Afinal, achando por demais prolongada a festança, resolvi terminar a funcção presenteando os convivas com um pouco de aguardente.

Ao surgir com o garrafão, quiz o cacique incumbir-se da distribuição, mas quasi sempre de cada vez que o fazia provava o famoso liquido de modo que ao terminar vi-o levantar-se cambaleante, sendo preciso que dois indios o levassem aos hombros para a sua habitação.

As outras indias conduziram então Aygara para o *cu-pipi* (esteira) extendida debaixo da minha maca onde já me achava em attitude de descanso, retirando-se todas em seguida e deixando-nos em paz. Estavamos casados (segundo o uso indio bem entendido).

XIV

Vida selvagem

Quando despertei na manhã seguinte, rompia a aurora com todo o seu cortejo de esplendores.

O somno havia restabelecido minhas forças e o generoso acolhimento dos Apinagés tinha infundido em mim, certa disposição para a alegria e não pensava senão em ultimo caso disfructar tão galharda hospitalidade.

Passadas porém, as primeiras horas do dia, senti-me mais ou menos incommodado. Doiam-me as articulações, custando-me a fazer quaesquer movimentos.

Aygara percebeu isso e avisou-me de que iria buscar o *pagé* para que me curasse. Preveni-a de que o não fizesse, e abrindo uma mala, tirei d'ella a minha ambulancia, engulindo logo alguns granulos de quinina como preservativo.

Mandú acabava de chegar n'este momento, trazendo-me café de que a meiga india bebeu, achando deliciosa tal bebida.

Mostrava-se ella muito admirada dos nossos usos, mas dando a perceber que o seu espirito estava mais ou menos preparado para as impressões de todo o genero, e muitas vezes fazia esforços por se recordar de uma ou outra palavra em portuguez, afim de que melhor comprehendesse as suas intenções.

N'essa occasião julguei acertado interrogal-a, pois, desejava conhecer a sua historia, e sobretudo, do fim que levara sua mãe.

Fazendo um movimento com a cabeça que traduzi por um suspiro, Aygara inclinou-se relatando-me assim o que sabia, não, sem ter primeiramente verificado que ninguem a ouviria além de mim.

— «Houve um tempo, segundo é tradição entre nós, em que foram felizes os Apinagés, porque não conheciam outras necessidades, senão aquellas que podiam satisfazer sem distincção; porém, esse tempo passou e os frades chamando-os á civilisação, como diziam, os obrigaram a crer em um Deus, para elles antes estranho, offerecendo-lhes doutrinas que não comprehendiam, frivolidades que desconheciam, cultivando-lhes o gosto para ellas. De despretenciosos e sãos que eram, passaram a ser invejosos e maus, perdendo muitos, pouco a pouco, a sua antiga innocencia e boa fé.

Os Apinagés, que a principio se julgaram felizes, acolhendo hospitaleiramente os taes frades missionarios, filhos das terras, além dos gran-

des mares, tarde reconheceram o erro em que cahiram, e choraram de arrependimento por não terem imitado os Chavantes e Xerentes, que os repeliram por mais de uma vez defendendo a sua independencia e expulsando-os de suas terras.

O Cacique foi sempre por elles mal tratado em virtude de ter como mulher uma rapariga branca e bella, que prendeu em uma longa excursão feita com alguns companheiros até as cercanias da capital de Goyaz.

Como minha mãe era ainda nova e bonita, um dos frades, julgando os Apinagés completamente subjugados, requestou-a, fazendo-a abandonar a mim e a meu irmão, o que ella fez, certamente forçada e enganada, pois eu já era crescida e lembra-me bem de que vivia satisfeita com a sua sorte e nos dava provas de abnegação e de amor.

Por mais de uma vez os Apinagés se haviam intimamente revoltado em vista dos abusos e más praticas a que os taes frades se entregavam. As mulheres temiam o seu poder e soffriam grandes martyrios. Os meninos fugiam d'elles sempre queixosos e desconfiando da sua apparente santidade, quando lhes conheciam suas perversas e baixas intenções.[1] Assim abriam pouco a pouco o caminho de vicios antes desconhecido.

---

[1] Outros viajantes que teem convivido, não só com Apinagés mas com os Carajás, e outros indios, tiveram que noticiar taes exemplos. Basta ver o que a tal respeito nos informa o dr. Paulo Ehrenreich.

«Já reparamos que por nenhum dinheiro se desprendem dos filhos, nem mesmo para entregal-os a missionarios. Em regra, ao approximarmo-nos de qualquer aldêa, originava-se grande panico. O dr. Baggi, que trazia longo guardapó

Depois houve, afinal, uma grande revolta na aldeia e temendo novos acontecimentos, meu pae combinou com uns cem companheiros, entre homens e mulheres, a fuga, e partiu de lá trazendo a sua Aygara e Yauay e estabelecendo após longa viagem esta nova aldeia onde todos nós temos vivido alegres e satisfeitos. Trocando de novo a tal malfadada civilisação pela quieta e tranquilla vida dos bosques, os Apinagés hoje só temem um novo encontro com esses malditos filhos das terras além dos grandes mares.

Aqui não ha pobres nem ricos, todos são eguaes e a necessidade de prover a subsistencia faz que procuremos os meios para não morrermos de fome.

Resta-me dizer-te que meu pae foi escolhido para chefe, por ser de todos o mais valente e o mais prudente, e até hoje juro-te que só um tem podido provar entre tantos bravos ser igual a si — meu irmão. Tu proprio has de te convencer. Apesar de mais moço do que eu, é já um homem e sobretudo um valente e destemido Apinagé.

Terminando, Aygara tornou a sahir para verificar que mais ninguem a escutava, volveu para junto de mim e, disse-me quasi em segredo e a meia voz:

---

branco, era tido por padre, principalmente entre os indios que encontrámos abaixo da Leopoldina, e de padre receiavam elles, e com razão, attentados contra os meninos. Como rastilho divulgava-se logo a noticia e não nos custava pouco trabalho conseguir que os velhos nos trouxessem outra vez os meninos que tinham ido esconder ás pressas nas canôas.»

Excursões fluviaes — *Jornal do Commercio,* do Rio de Janeiro de 31—1—94.

— Eu não sou filha do Cacique.

Esta declaração perturbou-me, e um calafrio profundo percorreu-me o corpo.

— Que dizes tu, Aygara minha, tu não és filha do Cacique?

— Não.

— Ah, eu bem o adivinhava. Esta tua côr, estes cabellos, estes olhos... Tu és branca Aygara, eu bem o vejo e a pallidez que se distingue em ti tem sido adquirida na vida dos bosques, effeito do clima, nada mais. Yauay a quem chamas de irmão, sim, é mestiço. E' filho do Cacique. E foi tua mãe quem te ensinou o pouco que sabes da lingua que nós outros fallamos?

— Sim, foi ella, respondeu-me Aygara, porém, quasi tudo tenho esquecido, e se ainda conservo algumas palavras na memoria é porque quando quero fallar com meu irmão em particular a elle me dirijo n'este idioma, que mais ninguem aqui comprehende.

— Mas o cacique então julga que és realmente sua filha?

— Não, mas elle não quer que se diga o contrario, e ama-me como sua propria filha.

— Então, tua mãe...

— ...minha mãe pouco antes de ser por elle roubada como já te disse, havia sido amante d'um homem em Goyaz. Estava gravida e nunca vivera segundo me disse na companhia de meu pae, que até mesmo deve ignorar a minha existencia.

Os suores frios augmentavam e não me julgava seguro na posição em que estava.

Aygara olhava-me admirada do interesse que eu estava ligando á sua historia, e pondo as mãos

nos meus joelhos, percebi que um raio de luz acabava de illuminar-lhe o semblante.

E antes que eu a interrogasse, baixou os olhos, suspirou e disse-me em voz baixa e pausada:

—Talvez conheças meu pae.

E sem dar-lhe tempo a conjecturas:

—Tua mãe nunca te disse o nome d'elle?

—Disse-me sim, e eu nunca, nunca o esqueci.

—Diz-me pois como se chama teu pae?

—Antonio Caiado.

—Antonio Caiado! Tu és filha de... Não sei bem... mas parece-me conhecer pelo menos esse sobrenome.

Ao immenso pavor que esta revelação me causou, só me lembra que me ergui febrilmente e cingindo-a em um amplexo depois de a ter bruscamente repellido, exclamei:

—*Mundus mundus quam variabilises!*

Aygara pareceu arrependida de ter-me sido tão franca e temeu por um momento obter o desprezo de seu pae adoptivo.

....

....

Emquanto me entregava a ligeiras reflexões, Aygara foi e voltou trazendo-me um cabaço cheio de mel de *Mandory*. Agradeci a lembrança e, continuando a sentir-me incommodado, tornei a lançar mão da ambulancia e tomei tres pillulas assucaradas de Bristol.

Tal desejo sentiu o cacique de provar tambem uma das pillulas, que não poude deixar de o satisfazer afim de lhe ser agradavel.

Todavia, succedeu, que por descuido ficasse o vidro fóra da caixa respectiva de medicamentos.

O cacique, meio guloso, achando bom paladar na pillula e tomando aquillo por ovinhos de qualquer animalejo, enguliu todo o conteúdo do precioso frasquinho, sem que tivesse podido prever a sua leviandade.

As consequencias foram como é de prever, funestas e nem o *pagé* nem ninguem lhe poude acudir afim de o alliviar, e felizmente devi ao facto de ser *marido* de Aygara, não se revoltar toda a tribu contra mim.

Foi pois este dia, de cruel anciedade e prestando toda a attenção ao que se passava, sem largar Mandú por um momento, ordenava-lhe sempre que explicasse o acontecimento que não poude ser evitado.

Tão desconfiados são os indios que não quizeram mais approximar-se do *kiosque* e muito menos tocar em nada do que me pertencia.

Com a graça de Deus no dia immediato, o Cacique, embora muito fraco, amanheceu melhor e até me mandou convidar a ir á sua presença.

Não podia elle comprehender como sendo as taes pillulas um remedio lhe haviam feito tanto mal, apezar de lhe explicar repetidas vezes o abuso em que cahira.

Aygara, feita meu anjo da guarda, tratava sempre de me socegar e ás vezes fazia-me rir, quando, sem me comprehender repetia, mal uma ou outra palavra que eu pronunciara.

Assim é que tendo eu n'essa manhã querido por chalaça demonstrar a sympathia que lhe dedicava exclamei:



Aygára

— Meu amor!

Agora a tudo me respondia:

— Meu amor.

Nunca mais essa palavra lhe fugiu da memoria.

Se lhe pedia agua — ella dizia.

— Meu amor, se a mandava chamar Mandú, tornava a dizer — meu amor, e assim tudo o mais, dia e noite.

Voltando ao kiosque, depois de socegar o cacique sobre as suas melhoras, tratei de tirar uma navalha e espelho do estojo para fazer a barba.

Durante a tarefa, Aygara levou todo o tempo a mirar-me e, Yauay que se havia collocado ao lado d'ella, não tirava os olhos de mim e sobretudo dos utensilios de que me servia. Assim, mal havia terminado a operação, notei que Aygara segurando o espelho n'uma das mãos, movia-o repetidamente, examinando admirada, suas bellas faces e os seus inquietos olhos, na reflexão d'aquelle vidro coberto de aço.

Até aquelle dia ella só havia visto o seu rosto nas aguas do rio ou d'algum lago no meio dos bosques.

Estava encantada e pareceu-me comprehender que, ao ver-se ao espelho, sentia impetos de orgulho selvagem avassalarem-lhe a imaginação, julgando-se muito superior a todas as companheiras da tribu. Só então é que tal reconhecia, apezar de perceber em Yauay os mesmos traços quasi e a mesma côr com que a dotou a natureza.

Mirando-se sem descanso, nunca parecia estar satisfeita de o fazer e foi vivamente emocionada, que recebeu a grata noticia que lhe dei de que a presenteava com o espelho, pois possuia um se-

gundo para meu uso no nosso regresso. Offereci-lhe tambem um pente que ella conservou desde logo entre os seus cabellos negros como adorno.

De vez em quando, voltava-se para mim e pronunciava mais uma vez as palavras — meu amor, quasi sempre fora de proposito, o que me fazia rir.

Farta de ver-se ao espelho, que ella chamava *anhibobuita*, encontrava ella outra distracção pouco agradavel para mim, attento a falta que poderiamos soffrer quando tivessemos de regressar d'alli.

Descobrindo um pacote de caixas de phosphoros, entendeu que devia estar a accendel-os repetidamente e chamando assim a attenção das outras indias que não tardavam em rodear-nos para assistirem á brincadeira. Felizmente acudi a tempo de evitar a continuação do brinquedo, offertando-lhe uma caixinha que depressa consumio.

A' noite, porém, instado por ella, não poude deixar de satisfazel-a offerecendo-lhe uma outra, mas avisando-a de que seria a ultima o que não obstou de continuar a accendel-os para na sua luz mirar-se ao espelho exclamando. — *Aygára ayê echagê*, isto é que se estava vendo a si propria.

Costumavam os indios usar de umas candeias de barro endurecido onde ardia um pavio de paina ou algodão silvestre embebido em gordura de onça e de outros animaes. Aygara porém preferia a luz do phosphoro, embora fosse de pouca duração.

....

Uma tarde convidou-me Yauay para uma pescaria n'um lago a pequena distancia da aldeia. Tinhamos que atravessar um descampado sobre

o qual esvoaçavam innumeras *agoratys* (grandes aves).

Aygara teimara em acompanhar-nos e sempre gritando — Meu amor! Meu amor! quando lhe fazia o mais insignificante signal.

Depois de alguns minutos de marcha, chegámos á margem de um riacho, cuja agua era constantemente cortada em uma descida pelas rochas depositadas em seu leito.

Proximo d'aquelle sitio havia uma elevação penhascosa, onde vi assentada uma india nova e bonita e que já chamara minha attenção na aldeia, pela sua attitude sempre triste e melancolica.

Aproximando-me quiz-me parecer que entoava uma canção indigena tendo os olhos fitos no levante e pouco se importando com a nossa approximação.

Comprehendendo a minha curiosidade, explicou-me Aygara que aquella india, comquanto de outra tribu, era mulher d'um apinagé e ralada de saudades pela ausencia do marido que havia partido ha tres luas com alguns companheiros, dirigia-se a *Perudá* deus do amor, na direcção em que julgava elle estaria, cantando assim:

Perudá, rudá
Euacá pinaie
Amainé sacú
Euacá pinaié.
Aiueté cuiam
Puxiquera che aicó, etc

— Tambem, me disse Aygara, terei de chorar quando partires e quem sabe se nunca mais vol-

tarás. Bem vês que os meus não me deixarão partir comtigo.

Era este um assumpto que bem pouco me alegrava, porque temia sempre não viesse a ser victima d'alguma traição por parte dos indios, destruindo-me os meios de regressar ao Pará.

Assim consolando-a, fazia-lhe mil promessas de nova vizita á sua aldeia e de novos presentes para si e para todos os de sua tribu.

Chegados á borda de um *caapuam*, notei repentinamente que Aygara dava repetidos saltos sobre a grama, abaixando-se e fazendo uns movimentos ligeiros, como se andasse no encalço de qualquer cousa que lhe fugia das mãos.

A principio suppuz serem fructas que colhia, mas logo percebi que a maldita da minha *esposa* apanháva gafanhotos guardando-os em seguida afim de assar e comer de volta á aldeia.

Senti então vivos impetos de repugnancia e franzindo o rosto ouvi-a mais uma vez pronunciar as palavras — meu amor!

—Que te leve o demonio! disse eu.

Mandú, percebendo o meu vexame, disfarçou um sorriso e fez-lhe ver que não me agradavam por fórma alguma os seus usos, mas Aygara dissimulando o desejo que sentia de satisfazer a sua vontade, continuava pelas minhas costas a caçar gafanhotos com as mãos e a recolhel-os a uma pequena rede de palha trançada, repetindo sempre as palavras — meu amor.

Afinal de contas, se os hespanhoes comem rãs, e outros até lesmas, não era para admirar que os Apinagés gostassem de gafanhotos. Questão de paladar.

XV

Os convites de Yauay



Logo que chegamos á beira de um *impô* — (lago), cujas aguas eram claras, e formado apenas pela depressão do terreno, paramos, e a pedido de Aygara assentei-me sobre uma *kêné,* pedra para melhor assistir á pescaria.

Continuava a minha curiosidade a ser despertada pela ausencia dos instrumentos de pesca, de que não iam providos e apenas Yauay conduzia comsigo um feixe de cascas de arvore e umas pequenas varas com folhas.

Nem anzoes, nem linhas, nem redes e nem mesmo os artefactos indigenas usados em geral para tal fim.

— Mas como vão pescar por tal fórma?

— Como verás, e Aygara não o deve dizer, para assim melhor conheceres com teus proprios olhos.

E saltando na borda da lagôa, começou Yauay a bater a superficie das aguas com as varas, cujas folhas se desprendiam em fragmentos, desfazendo-se logo.

Contaminado o precioso liquido com as substancias e o succo d'aquelles vegetaes, notei que as suas propriedades narcoticas se principiavam a fazer sentir.

Numerosos peixes e até serpentes foram surgindo adormecidos sobre a agua.

Aygara acabava de encher um *samburá* com magnificos peixes, deixando ainda uma grande quantidade abandonada n'agua sem ligar a isso a menor importancia.

— Assim, me disse ella, se *okelein-techira* pesca entre nós. Não perdemos tempo, nem passamos trabalhos para apanhar esses espertos. Quanto áquelles, continuou ella apontando para os restantes, logo que despertem voltarão ao fundo, onde viverão até os prendermos tambem em outra visita.

Eu estava maravilhado, e mais alegre fiquei, quando Aygara me ensinou a distinguir a famosa planta *(Timbó)*.

Durante esta excursão, augmentei as minhas collecções com alguns insectos da especie de *Megacephala* verde.

Em caminho, quiz Yahuay mostrar-me a força e certeza de pontaria de que usava, semeando flechas nos ares e matando algumas aves que

passavam a boa altura sobre nossas cabeças, com admiravel presteza.

Para satisfazer o desejo de Aygara atirei com a minha espingarda, matando alguns patos que mariscavam n'um charco, mas ella, do segundo tiro em deante conservou as mãos nos ouvidos, para não escutar o estampido e logo depois exclamava — meu amor! — meu amor!

Como era já um pouco tarde, partimos d'alli em direcção á aldeia, quando nas suas proximidades vi assentada á oriental, junto á nascente dos Buritys, uma india bastante nova, cujas fórmas divinaes me chamaram a attenção.

Movido pela curiosidade ordenei a Mandú que lhe perguntasse como era seu nome e por elle soube que se chamava a formosa mulher — Cararay.

Esta palavra significa astucia, segundo me explicou logo Aygara, prevenindo-me de que Cararay era pouco estimada das suas companheiras por ser mais esperta do que ellas.

Mostrei desejos de ir até o sitio onde se achava e para isso fui tomando a devida direcção, mas Aygara não m'o permittiu de fórma alguma.

Succedeu, que, na manhã seguinte ao dar o meu passeio matutino, approximei-me da nascente e lá novamente a fui encontrar, como se tal encontro fosse de ante-mão combinado.

Cararay sobraçava um pucaro de argila que ia encher.

Era na verdade um esplendido typo de mulher e eu não poude resistir ao desejo de ajudal-a a encher o cantaro com as crystallinas aguas d'aquella poetica e silenciosa fonte, rodeada de pe-

quenas e copadas palmeiras, cujas copas ainda se apresentavam cobertas de reluzentes gottas de orvalho.

Como estavamos sós, tive de recorrer á mimica para que me comprehendesse.

As minhas intenções deante d'aquelle corpo esbelto e selvatico, eram todas puramente de admiração platonica.

Admirador em extremo das bellezas indigenas, julgava-me fascinado por uns olhos como os de Cararay, sombreados de espessas pestanas negras a reluzirem n'um fundo bronzeado.

Encontrava n'esta occasião mais grandiosidade nas scenas dos bosques entre o pipilar das aves e os encantos d'esta vegetação tropical, do que se me achasse nos grandes salões, onde quasi sempre reluz o que é falso e mentiroso, fructo das sociedades corrompidas.

Cararay ria-se expressivamente ao contemplal-a e passava sobre as minhas as suas mãos bronzeadas com uma meiguice puramente selvagem mas enternecedora.

Não querendo mais demorar-me alli, levei á bocca um cabaço cheio de agua fresca da fonte e bebi, bebi até fartar...

Ao erguer-me avistei Aygara, que corria em minha procura e que furiosa se mostrou por ver-me a sós com Cararay, a quem lançou uns olhares de odio e de despeito.

Regressando á aldeia, seguido de Aygara, que promettia não mais deixar-me afastar de si, durante os poucos dias da nossa permanencia entre os seus, tratei de preparar-me paru uma grande caçada de onças que devia realizar-se

n'essa tarde e para o que me havia convidado Yauay, que fôra avisado de terem sido vistas nas vesperas em um descampado proximo.

Uma vez servido o nosso *timbiú*, constante de carnes seccas e farofas, verifiquei que os garrafões de aguardente estavam vasios, porém, não haviam sido os indios que n'elles tocaram.

Era a minha propria gente que cahira em falta.

Usando de prudencia e como nenhum excesso fôra praticado, achei melhor fechar os olhos a tudo e calar-me.

O concerto do barco estava adeantado e esperava dentro em poucos dias pôr-me ao largo, debaixo de paz e tranquillidade. Afim de melhor me abrigar dos raios solares, ordenara tambem a construcção de um novo toldo de *bossú* para cobrir a pôpa da embarcação.

Reunidos seis bons indios flecheiros, incluindo Yauay, partimos em direcção ao tál descampado seguido de Aygara, que no seu fiel proposito não parecia mais querer-se desligar de mim.

Pediu-me Yauay que não fizessemos uso das nossas armas de fogo senão em ultimo caso, para não espantarmos a caça que se occultava nas immediações do sitio de nosso destino.

Para se aproveitar o tempo, os indios entravam a todo o momento nos bosques, voltando cada qual logo depois a encorporar-se á nossa columna, trazendo numerosas peças de caça escolhida; entre as quaes se destacavam veados, pacas, cotias e outros pequenos animaes mortos unicamente á flecha.

N'esta occasião, Aygara sentia prazer em me ensinar a atirar com flecha.

O cacique offerecera-me um dos seus arcos (*cutay*) e era com elle que eu me exercitava, tendo entregue a Mandú a minha espingarda, que de nada me servia.

Quando nos avizinhamos do tal descampado, ouvimos logo o rugido de uma onça que parecia estar bem proxima de nós. Ao signal de sentido caminhamos vagarosamente, e logo avistamos um enorme *robucrori* na borda de uma pequena lagoa, tendo perto de si o corpo semi-devorado de um cervo.

Talvez que outros companheiros da fera estivessem occultos alli a pequena distancia.

Yauay, como mais valente, adeantou-se de rastos mansamente seguido de varios flecheiros, emquanto nós outros, nos empoleiravamos no galho de uma copada arvore bem na borda da matta.

N'este momento, uma corça seguida d'uma cria, passou sob nossas vistas e percebida pela onça, viu-se perseguida por esta que lhe pretendeu arrebatar o filho na occasião em que Yauay esticando o seu arco lhe atravessou o corpo com uma flecha.

O feroz animal ferido principiou a dar enormes saltos, soltando estrondosos rugidos, até que novamente ferido por uma segunda flecha cahiu morto na occasião em que se atirava medonhamente contra os seus aggressores.

Descemos então do nosso esconderijo sobre a arvore, e marchamos para o lado de Yauay a quem não cessava de elogiar e louvar a coragem com que o dotara a natureza.

— Com esta, me disse elle, completo o numero de setenta que hei morto.

Extrahida a pelle da féra assim como outras partes aproveitaveis, partimos d'alli para a taba onde chegamos ao anoitecer.

N'essa occasião vi a mesma india que avistamos no alto d'um rochedo, sentada agora sobre um tronco de *sumauma* fitando o horizonte a descoberto em sua frente e fazendo uma invocação á lua, cuja lettra era esta:

Catiti, catiti
Jamara, notia
Notia tamara
Epejú... etc.

Catiti significa em portuguez lua nova, assim como *cairé*—lua cheia e *Jacy*—lua (*Ja*-vegetal *cy*-mãe).

A lua é a deusa creadora dos vegetaes, e o sol *Guaracy* é o deus que preside aos destinos do homem.

Cararay ao anoitecer passou pela frente do kiosque, e riu-se quando a saudei.

Aygara essa noite deu para me recriminar e parecia inquieta por minha causa.

Ella dormia sobre uma esteira, estendida debaixo da minha rede.

Antes de se deitar, n'essa noite buscou ver-se ao espelho, á luz da candeia d'argila e virando-se para mim disse-me:

—Acaso não sou a mais linda india d'esta aldeia?

—E quem te diz o contrario? lhe perguntei.

—E' que a tua Aygara, pensa que tu não gostas d'ella por causa de Cararay.



Aldeia dos Apinagés

— Não penses n'isso. Não te lembras que fostes a preferida?

— Sim, Aygara sabe que tu a amas, mas teme que a deixes de amar.

— Ora não penses n'isso Aygara minha. Tu és a mais formosa de todas as mulheres d'esta tribu, de todas a mais seductora. A ti, e só a ti é que eu amo e hei de voltar pelo grande rio para novamente te ver e amar.

— Pois bem, Aygara crê em ti e não estará mais triste (ismaniganca).

Tranquillisando-a, adormeci para descansar das fadigas do dia, mas ainda bem não conciliava o somno segunda e terceira vez, quando era despertado por Aygara, que muito levemente me apalpava para se certificar se eu alli estava bem por cima do seu leito.

Velava a pobre india a noite inteira como se quizesse demonstrar os seus carinhos e cuidados por mim.

De vez em quando, tambem despertava flagelado pelas dores produzidas pelas picadas do *pium*, um mosquito mui pequeno que só morde de dia. Este mosquito alimenta-se de *assacú*, pelo que é venenoso e chega a produzir chaga a sua picada.

Depois de um ultimo somno mais prolongado, despertei e puz-me de pé.

Centenas de vagalumes cruzavam os ares como estrellas cadentes, quando as primeiras colorações annunciaram o romper da aurora no horisonte.

As manhãs eram sempre frescas e o ar impregnado de mil perfumes e aromas exhalados pelas flores dos bosques vizinhos.

Aygara occupava-se no preparo do *tarubá,* coando esta magnifica bebida com que tencionava mimosear-me n'este dia.

O *tarubá* é uma bebida feita da mandioca ralada, de que fazem enormes beijús polvilhados com o pó das folhas do *curumin,* guardados durante alguns dias, no fim dos quaes são dissolvidos n'agua. Bebem-n'a depois de coada.

Aygara parecia cada vez mais triste ao approximar-se o dia da minha partida.

N'essa manhã dirigi-me para o rio, afim de verificar se as minhas ordens estavam sendo cumpridas.

Na verdade, succedia justamente o que menos eu esperava.

Mandú e seus companheiros trabalhavam com afinco e denodo na reconstrucção do barco que devia ficar totalmente prompto dentro em poucos dias.

Admirado d'esta presteza, tratei de averiguar a causa, e então soube que a falta de aguardente lhes fazia nascer a vontade de regressar. As bebidas alcoolicas eram-lhes de immensa falta e por um quartilho de aguardente,—daria qualquer d'elles tudo quanto possuisse, incluindo as proprias mulheres, que alli haviam facilmente conquistado.

Quem não gostava d'isto era Aygara, que parecia cada vez mais inconsolavel.

—Aygara te espera, me disse ella, o mais tardar até á lua de fogo (mez de Julho).

....

Durante os ultimos dias de minha estada entre os Apinagés, não faltaram distracções para o que Yauay me convidava constantemente.

Entre os presentes que o irmão de Aygara me havia feito, havia duas settas de *paxiuba* ervada (huamiri).

Antes de partir, presenteei-o com os garrafões e algumas garrafas vasias, um canivete-punhal, duas facas, com o que ficou contentissimo, assim como Aygara que, além de toda a minha roupa de cama, taes como lençoes, colchas, etc., recebeu um annel de ouro, dos que levava commigo e que difficilmente veiu a servir n'um dos seus minimos.

O *paï* ou cacique, querendo tambem retribuir-me as finezas de que o tornei alvo, brindou-me com o seu mais antigo *ru-crauati*, instrumento de guerra de que se servira com vantagem durante os combates que em sua mocidade travou com as tribus inimigas.

....

Havia já muitos dias, que eu vivia entre estes bons indios, e sentia chegar o momento de os deixar. Compartilhava de seus trabalhos, de seus prazeres, de seus soffrimentos. O cacique considerava-me já como um filho e Yauay como irmão.

Ao amanhecer de um esplendido dia, annunciava Mandú a nossa partida na aldeia e seguido da inconsolavel Aygara e de toda a tribu parti para o porto de embarque, onde se achávam os camaradas á espera com o barco carregado e prompto a cortar as aguas tranquillas do grande rio.

Despedi-me então de todos. Dos braços herculeos do Cacique passei aos de Yauay e d'estes

aos da pobre e inconsolavel Aygara e tomando-lhe uma das mãos a levei a meu peito e depois aos labios, deixando-a lentamente com uma lagrima, que não poude deixar n'este momento de verter. Depois... affectando um sorriso deixei a praia e entrei no barco.

Os remadores ergueram os remos e com elles fenderam as aguas. O barco deixou vagarosamente o porto dos Apinagés.

Extendi então, minha vista para terra, e notei Aygara que até então havia tentado resignar-se, ceder ao peso de immensa dôr. E o velho cacique, comprehendendo talvez que com palavras não se acalmam as grandes emoções, longe de tratar de consolar a sua filha adoptiva, se poz a chorar com ella, abraçados um ao outro. Depois... vi-a ainda extender-me os braços, corresponder ao meu ultimo adeus e cahir aos pés do velho chefe como possuida de tetrico desespero, emquanto todos os seus a contemplavam absortos e prezos da mesma dôr.

O barco seguindo os zig-zags da corrente descia, mansamente impellido pela ajuda dos remos.

Quando perdemos de vista o porto notei, ao approximar-me d'uma pequena elevação, sobre a margem esquerda, um vulto de india que agitava os braços, desejosa de ser vista e como despedindo-se de um de nós.

Estava ella collocada no cume da pequena elevação formada por uma alluvião de rochas sobrepostas, e em cuja base se destacava uma pequena gruta invadida pelas aguas na parte em que o seu nivel tal permittia.

Depois de fixar bem a minha attenção, verifi-

quei que aquella india era a bella Механизм Cararay, que tambem viera despedir-se de mim n'esse sitio para evitar que Aygara o percebesse.

Acenei para ella algumas vezes até que ao dobrarmos uma curva do rio a perdi de vista.

Dentro em poucas horas estavamos nós ao largo, navegando desassombradamente em pleno Tocantins.

....

Impellida pela corrente a nossa embarcação cortava as aguas com grande velocidade formando brilhante esteira que seguia com o olhar, tendo o pensamento unido ás recordações que conservava dos habitantes das nossas florestas e em cujo seio acabava de permanecer durante pouco tempo.

Haviam-me elles inspirado o estudo da sua raça e da sua origem, que se perde nas trevas da noite infinita para muitos, e cuja historia se apresenta com tanta obscuridade como a de todos os povos do mundo antigo.

XVI

Os indios da America

AFASTANDO-ME por alguns instantes do fim principal que me propuz, vou offerecer ao leitor algumas considerações que me despertaram illustres auctores, cujos juizos cito tornando meus e tanto quanto póde produzir meu espirito infelizmente pouco esclarecido e obcecado por soffrimentos de toda a especie.

Não me parece de todo impossivel, como dizem muitos, achar-se a origem das primeiras tribus que povoaram em remotas eras o Brazil e a America em geral e trazendo a questão á altura a que posso fazel-a chegar, pelas conclusões logicas e irrefutaveis que a distinguem, não tenho em mira pretenção que não seja baseada na rasão.

Trata-se de saber como appareceu o homem ná America.

D'este assumpto já tive ensejo de me occupar deante de homens eminentes, em parte de uma

conferencia que fiz em 1892, na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Pondo de parte o Brazil (se bem que ao norte do Paiz tenha existido em epochas remotas uma civilisação adeantada, como ultimamente se tem procurado demonstrar e sobre o que parece não existir duvida) e outros paizes d'America, vamos em primeiro logar ás regiões Andinas, campo mais apropriado para os primeiros estudos.

Diz a tradição, que houve uma epocha, em que algumas raças do continente americano, envoltas na mais profunda selvageria, se entregavam á guerra como occupação favorita e a actos de anthropophagia, fazendo da carne de seus inimigos appetitosos manjares, etc.

Apparecendo Manco-Capac, a vida dos naturaes tomou outro aspecto, porque elle, estabelecendo-se no valle de Cuzco, reuniu-os em habitações e ensinou-lhes a cultivar a terra.

Manco-Capac ou depois Kara-Inca-Manco-Capac e Mama Oello, irmão e irmã e ao mesmo tempo marido e mulher, atravessaram as planicies visinhas do lago Titicaca, antes de fixarem residencia, sendo acompanhados por muitos dos seus.

Uma outra tradição ou lenda conhecida ainda hoje dos indios peruanos, nos informa de que homens brancos e barbudos haviam partido das bordas d'aquelle lago e que, dizendo-se filhos do sol, exerceram depois grande poder sobre os habitantes do paiz aos quaes ensinaram o que antes elles não conheciam.

E' para notar que entre os Aztecas se trata tambem do apparecimento de Quetzalcoatle e tanto

mais curiosidade nos despertam estas tradições, ao sabermos que entre as duas nações nunca houve a menor communicação antes da conquista hespanhola.

As ruinas de Piahuanaco e as das bordas do lago Titicaca são, porém, mais antigas que a fundação da dynastia incasica por Manco-Capac e se n'uma parte houve gente inteiramente barbara a civilisar, n'outra existiam ainda, ou tinham existido, tribus bastante adeantadas que jámais poderam ser imitadas. Estas antiquissimas ruinas demonstram á saciedade quão superior foi a civilisação que alcançaram outros povos, á que attingiram mais tarde os Incas e os Aztecas ao tempo da conquista por Pizarro e Cortez.

Devo notar que Mânco-Capac quando chegou a Cusco fallava uma lingua desconhecida no paiz, mas que elle conservou sómente entre os seus ou a gente da sua côrte; ao passo que tratou de vulgarisar a outra, que é conhecida por *Kechua*. Da primeira, a official que desappareceu quasi completamente com a queda dos Incas, poucas são as palavras que se conhecem ainda.

Uma d'ellas é *Kara*, appellido que significa chefe invasor, usurpador ou conquistador, valente e destemido, tyranno, etc.

Na persuasão em que estou, de que nem todos os povos americanos são raças de uma só semente, filhos de um só berço, admitto comtudo, que da Asia central partissem os invasores da America, pela conservação da palavra Kara, conhecida lá entre os filhos do sol e das serpentes, cujas crenças foram cá perpetuadas, e sobretudo, hoje, pela luz que se tem feito em redor do mais

precioso objecto archeologico encontrado em varios pontos da America, a pedra verde, o Muyrakytã, da Jade (Nephrite) laminar verde oriundo da Asia, substancia que Barbosa Rodrigues, illustre sabio brazileiro, provou ha pouco não ter sido até agora encontrada, bruta ou naturalmente em nenhuma região do novo mundo; como admitto que em epochas prehistoricas tivessem povoadores americanos alcançado a Asia ou entrado em contacto com os seus habitantes, emprestando-lhes crenças e costumes em troca das suas, da mesma fórma que obtinham os famosos Muyrakytãs amuletos que espalharam entre os seus, de regresso aos patrios lares, uns ou outros em varias epochas.

Ao Amazonas, diz Barbosa Rodrigues, que o Muyrakytã foi levado pelos Karahibas, descendentes dos Nauhas.

Como vemos, a esse distincto investigador deve-se a luz que se fez em torno d'esse precioso objecto da archeologia americana, a mysteriosa pedra verde de La-Condamine e outros.

Attribue-se particularmente o seu uso ás Amazonas, cuja existencia tem sido negada por muitos, quando, no emtanto, outros a garantem, e eu assim penso pelo que tenho lido e ouvido dos proprios indios.

Basta o prisco uso da palavra *Ikamiaba* (mulher sem marido) que sem motivo não podia existir e que tem passado de geração a geração. Creio que se Orellana as não chegou a ver, devia pelo menos ter, na descida pelo rei dos rios, obtido noticias seguras da existencia d'ellas.

Os povos e seus descendentes que mais uso

fizeram do Muyrakytã usam da palavra *Kara.*

Muyrakytã significa nó de pau. Tal denominação provém da similhança que algumas jades tem com os nós da madeira. Geralmente significa amuleto, talisman. O amuleto, da palavra arabe *hamalet*, quer dizer estar dependurado, e partiu do Oriente para o Occidente, antes de penetrar no Christianismo.

A tradição e as virtudes de que gosa o Muyrakytã são as mesmas do amuleto asiatico.

Ninguem deixa de affirmar que entre as raças, americanas e a mongolica, existe notavel similhança, e Castelnau, por exemplo, diz que «Il est difficile encore aujourd'hui de distinguer sous le rapport physiologique quelques unes des peuplées de l'Asie avec les sauvages de l'Amerique».

Para completar este trabalho, diz Barbosa Rodrigues, faltar o estudo anthropologico. .

Não prende minha attenção a similhança que se nota em varias raças, e nem o estudo anthropologico baseado em provas, que fazem simplesmente crer, ser o individuo pertencente a uma especie.

O que quero é convencer-me de que o homem americano tem tanto direito de dizer que teve sua origem na America como o asiatico na Asia.

E porque não ser assim?

Não é a America a patria do Guariba, como a Africa o é do Gorilla? Não são estes macacos, membros de uma especie? Comtudo, tem ambos patria differente.

No mundo vegetal, temos as plantas nativas do continente americano, que nascem e medram á superficie do solo, vegetando com a aju d

do seu calor, como a terra vive fecundada pelo sol.

Com certeza, ninguem transportou de outras partes do mundo para esta o pau Brazil, o Jacarandá, etc.

E' sabido que os animaes originarios de cada paiz surgiram nos mattos e nas florestas, atravez da evolução organica, segundo Haeckel, como as monéras primitivas nasceram por geração espontanea no mar ou como os crystaes salinos nascem ainda nas aguas creadoras (eaux-meres).

A vida dá-se até no seio da morte por entre a decomposição da materia organica. Basta ver sobre que vegeta muitas vezes uma linda parasita.

E' na reunião dos principios albuminosos e anorganicos, segundo Haeckel, n'esta substancia (azoto e carbono) denominada protoplasma, que se vê como surgiu a vida sobre o nosso globo.

Ainda.

Abandonando-se ao tempo qualquer quantidade d'agua, embora limpida e crystallina, exposta em seguida aos seus rigores por alguns dias, n'esta agua estagnada vê-se surgir milhares de seres, mais do que visiveis a olho nú. E aquelles pequenos insectos surgiram na agua, como surge no corpo sujo e suorento o piolho e outros muitos asquerosos insectos.

A mesma cousa succede com a terra, quando contém em quantidade humus, calor e humidade.

O homem, ultimo e mais perfeito vivente, obra da prodigiosa perfectibilidade physica até hoje conhecida, appareceu em toda a parte sobre a terra onde os effeitos da vida se têem feito conhe-

cer n'uma escala ascensional. Esta opinião é puramente minha e filha do que a tal respeito me tem sido dado pensar.

Dizem os investigadores da sciencia, que isto se deu no periodo quaternario, e se nós ainda estamos n'elle, eis porque precisamente as transmutações em sua acção lenta e demorada, são para muitos de difficil comprehensão.

Quem me diz que dentro de alguns milhares de annos, se esse grande ser que chamamos Terra, ainda existir atravez da evolução organica, o homem cederá seu logar ao homem do futuro, dotado ainda de mais saber e perfeição que elle proprio?

Então para essa nova especie, o homem actual não será mais do que o quadrumano é ainda hoje para elle.

A lei da perfectibilidade é um axioma incontestavel.

Certamente, portanto, não é possivel que a creação tenha terminado no nosso planeta e nem o homem constitua o ultimo degrau da escala da vida.

Outro ser mais perfeito e intelligente, póde ainda substituil-o ao mesmo tempo que uma fauna e uma flóra completamente novas, surgirão tambem.

Maravilhosos, porém, naturaes são os resultados, que a natureza tem produzido desde que começaram a desenvolver-se nos lodacentos e fumegantes liquidos, que em epochas prehistoricas cobriam grande parte da terra.

Encontra-se perfeita explicação da perfectibilidade physica, a que se acham submettidos os



Cararay

corpos vegetaes e animaes, na desapparição de muitas especies e na formação de outras novas.

Se, nos bem elaborados estudos de Darwin se encontram verdades incontestaveis, é preciso affirmar que a creação não se extinguiu, e que os seus effeitos se succedem em interminaveis transformações.

Quem não entender assim, é, porque esquece que o homem actual cheio de conhecimentos e possuidor de rico cabedal scientifico, que envergonharia sem duvida os sabios da antiguidade, se os tivesse em sua presença, ainda assim é incapaz de encher-se de maiores forças, para poder estudar satisfatoriamente os multiplos movimentos progressivos da grande procreadora — natureza e conhecer a fundo as luctas organicas e biologicas, porque a existencia humana é tão curta que lhe não permitte seguir pari-passo as successivas transformações que se realisam em cada seculo, em cada mil annos.

O que é a vida de um homem em comparação com o longo periodo que a natureza leva, produzindo os seus maravilhosos resultados?

Se tem sido precisos dois mil e quinhentos milhões de annos, segundo Thompson e outros auctores, para que se operassem tantas transformações na differenciação dos typos que em nossos dias apresentam os dois reinos em suas raças, familias, especies e individualidades!

A creação continua pois, sem a menor duvida e não é por consequencia um facto consummado.

No insondavel abysmo do tempo hão-de perder-se milhares de seculos ou milhões talvez, até que o homem do futuro surja pouco a pouco, li-

vre das imperfeições que se observam na especie actual.

Desprezando-se a estulta soberbia do homem do nosso tempo é proveitoso considerar que n'este immenso periodo da vida, elle deixou de ser troglodita e canibal, deixou de ignorar os segredos de certas invenções (o que quasi só conseguiu n'estes ultimos seculos), deixou de imitar com sons rudes, os ruidos da natureza para fallar, para tornar-se sabio, eloquente e lettrado, e fruir as delicias do progresso, conquistadas pela sua intelligencia cultivada.

N'isto, se devem resumir as suas glorias.

Não será tambem demais, calcular que o homem do futuro surja liberto das duras necessidades a que está sujeita a especie actual, se possuir um mechanismo mais simplificado.

Assim o homem do futuro será sem duvida, um ser superior, desde que, como o de nossos dias não tenha que alimentar diariamente o seu organismo para a manutenção da vida, causa actual de muitos vicios e muitos crimes que se praticam na Terra.

O amor é que será sempre a sua paixão favorita, porque esse fogo brilha do Equador aos polos, porque a Natureza é a sua eterna vestal, em todos os pontos onde houver juventude, emquanto não chegar o dia em que a vida haja desapparecido da superficie da Terra, antes que esta se perca nos abysmos do immenso vacuo a gyrar á roda do sol extincto.

Esse é o dia, como diz Camillo Flammarion a pag. 459 da sua obra as *Terras do Ceu,* em que da humanidade só restará a sua historia fechada

e sellada, no qual a noite eterna envolverá o nosso antigo systema solar: E d'ahi em deante, o Tempo sem azas e sem fouce dormirá immovel sobre os mundos destruidos, como escrevia tambem o poeta Gilbert na sua ode do juizo final.

Com relação ao homem do futuro, não se deve suppor que a natureza tenha que modelar novo typo para substituir o antigo, o que é de crer é que chegará a vez de que o typo matriz soffra uma nova metamorphose.

Assim como actualmente a raça caucasiana, a mais perfeita de todas tem dominado as outras, é forçoso crer que ella propria será infallivelmente dominada pelas raças vindouras.

Tudo isto se lê no grande livro da Natureza, aberto sempre deante de todos os olhos.

A melhor argumentação é aquella que está fóra do scholio e não é fundada em deducções ideologicas.

Que se riam d'isto, que ahi fica, as pessoas que de tudo descreem á primeira prova.

Para aquelles que são adeptos da religião revelada, então sim, a verdade scientifica não passa de terrivel pesadelo, porque ambas se odeiam.

O axioma scientifico discute-se e prova-se, e a subtilidade metaphysica não se discute nem se prova.

Antes de terminar, convem ainda dizer em confirmação ao que admitti sobre o aperfeiçoamento do homem asiatico na America ou do homem americano na Asia, que isto se póde, com egual rasão ter dado, certamente devido a circumstancias casuaes e não a resultados de determinações premeditadas.

Não resta a menor duvida de que mesmo ultimamente tem vindo parar, ás costas da America do norte, juncos chinezes arrastados pelas correntes ou pelos ventos. [1] Do mesmo modo isto se podia ter dado em remotas eras, em remotos tempos, e Pizarro (Francisco), quando visitou Puna e outras ilhas do Pacifico precedendo a conquista, encontrou-as povoadas de indios, que se communicavam viajando de umas para outras ou para a costa em grandes balsas. Da mesma maneira que os juncos, estas balsas podiam ter sido em remotas epochas arrastadas pelas correntes e pelos ventos a terras estranhas de onde regressar tambem, podiam os tripulantes ou seus descendentes, casual ou aventurosamente, pelos mares fóra ou em grande volta alcançando pelas costas de Behring as patrias terras.

Calculando os grandes periodos decorridos, os seculos passados entre estes acontecimentos, vê-se que novas e successivas gerações appareceram, novos costumes surgiram, as alterações linguisticas se manifestaram e a degeneração das raças continuou a dar-se pela influencia do clima e dos habitos ou se robusteceram segundo o meio.

Quanto ás linguas originarias, não se formaram ao mesmo tempo, mas sim, tem sido effeito de um gradual processo através das edades

---

[1] Em 1850 entrou no porto de S. Francisco um junco chinez encontrado a 100 milhas do porto, por um navio americano. O an. Brooks diz que de 1782 a 1850 deram á costa da California 41 embarcações japonezas. Não podia isto dar-se antes?

que nunca, nem ainda agora, cessou completamente.

Pelos idiomas pode-se conhecer alguma coisa da vida primitiva e ir mais longe que as recordações historicas, mas não alcançar a origem do genero humano, porque como se vê, o homem só conseguiu falar, depois de balbuciar e imitar, com rudes sons, as vozes da natureza.

Muitos historiadores teem querido descobrir a origem de um povo pela similhança que se nota ordinariamente entre certos termos, significando ás vezes o mesmo objecto.

Assim é que, imitando tal exemplo, se podia tambem acreditar que os Incas fossem descendentes dos Saxonios, comparando—*Inglisman* com *Incamanco* ou entre os que falam kechua descobrindo a relação que existe entre *oasi* ou *hause-casa!*

Isto, porém, pouco importa, porque, como tenho procurado demonstrar, deve-se forçosamente admittir que em varias e distantes epochas, foi o continente americano visitado por povos de outros pontos do mundo.

O meu fim é simplesmente provar que da mesma maneira o homem puramente americano, como pretendo, pode ter visitado terras estranhas e basta a noticia abaixo sobre o *Fou-sang* para que tal facto fique talvez provado.

Fou-sang é o nome que os chinezes davam a uma planta oriunda da America conhecida no Perú por Maguey [1] e por Agave (Amaryllida-

---

[1] Em minhas recentes viagens no Perú, tive occasião de conhecer esta planta.

cea), no Mexico, transplantada para a Asia e lá conhecida por aquelle primeiro nome, denominação que esses povos entenderam dar tambem ao continente americano como nós podiamos hoje mesmo denominar o Pará, a terra da Seringa ou da Borracha, ou como Gonsalo Pizarro denominou as do centro, por terras da Canella.

Nos annaes da China conhecidos por *Nan-zú* encontra-se noticia a tal respeito e Li-yen, escriptor chinez do VII seculo da nossa era, trata do paiz denominado Fou-sang situado a uma distancia de mais de 40.000 *li* ao oriente da China[1] *(Do Muyrakitan)*.

Por isto se prova que as famosas pedras verdes da Asia vieram para a America onde fica-

---

[1] A archeologia Americana se enriquece de dia em dia. «Um jornal de Cali (Colombia) annuncia que o Dr. Ricardo Guttierrez, fazendo uma excursão ao vulcão de Puracé, que está em erupção, actualmente acaba de descobrir nas visinhanças d'aquelle vulcão uma cidade antediluviana, a julgar pelos ossos de mastodontes e craneos humanos quasi duplos das proporções ordinarias.

Esta cidade, edificada em as neves dos Andes e os fogos do vulcão, tem dimensões colossaes. M. Gattierrez encontrou alli thermes elevados sobre columnas de granito, de mais de 12 metros de altura, aqueductos, poços, construidos com argamassa e lava do vulcão, que parece haver recebido diversas applicações, como estuques, calçadas, etc; e que adquire brilho e consistencia do metal».

M. Guttierrez assegura ter contado até 3.000 pedras de moer gastas pelo uso. Achou tambem uma floresta petrificada.

O jornal *El Numero Trece*, que annuncia esta maravilhosa descoberta, diz que publicará em breve sob a responsabilidade do explorador, uma narrativa completa da sua viagem do Puracé.

....

ram, como uma planta oriunda d'este continente foi tambem levada para a Asia e lá transplantada.

Quer fossem uns, quer outros os primeiros a effectuar a travessia, pouco importa. De qualquer modo a theoria que apresento está de pé, não deixando de admittir talvez que o continente americano só em epocha muito posterior ao que succedeu na Asia, chegou a reunir as condições necessarias ao apparecimento da vida humana.

Na America, como na Asia, encontraram-se, no emtanto, os vestigios de uma civilisação prehistorica e ao archeologo talvez não fosse difficil, depois de aturados esforços e estudos continuos, fornecer ao leitor estudioso dados pelos quaes se possa francamente ser levado a proclamar em alto e bom som que a America foi habitada e conheceu as maravilhas da civilisação muito antes de o ser a Europa e assim que o novo mundo não é a America, mas sim a propria Europa.

Aqui esqueletos, ruinas e pó, alli restos de grandezas que se sumiram, porque patrias, nações, thronos, edificios, linguas, religiões, tudo desapparece no abysmo insondavel dos tempos, e se confunde com a propria terra que tudo produziu e continua a produzir, enchendo novamente de vida, de grandezas, de fausto, de miserias, os mesmos sitios onde ha pouco succedeu a tudo isto a desolação e a morte. Eis ahi a synthese suprema da vida, segundo Flammarion, na definição de Claude Bernard—*La vie c'est la mort.*

O viajante que d'aqui a trinta ou cincoenta seculos procurar as ruinas da soberba Londres ha de com certeza sentir-se tão fatigado ao tentar

encontral-as; como quem procura ainda as ruinas da antiga Babylonia, ou como se procura hoje o verdadeiro sitio onde viveram as celebres Amazonas.

Termino portanto este trabalho, quasi convicto de que o indio da America é filho nativo d'este continente, e, portanto, genuinamente americano.

XVII

O Ygapó



MEDITANDO, tarde me apercebi de que a hora habitual do descanso era chegada, e de que Mandú dirigira a embarcação para dentro de um estreito ygarapé coberto de verdura, e onde aquellas horas do dia, por serem já as de maior calma, alli iamos encontrar magnifica sombra.

A minha attenção foi despertada pela côr escura da agua, que me dava a perceber provir de uma nascente estranha, e tratar-se de um pequeno affluente do Tocantins. A falta de uma carta perfeita d'esta região, que infelizmente não existe, fazia-me immensa falta como deve fazer a todo o viajante que percorre uma zona já conhecida, mas pouco estudada em muitas das suas partes.

O mappa de Vellozo Barreto, impresso em Lisboa, em 1877, para servir de auxilio á navegação d'este rio do Pará, até perto da aldeia dos indios continua na mesma linha.

Anambês está cheio de inexactidões, como o de Amazonas e de outros rios do Brazil. No emtanto, não deixa de nos ser util na falta de outro melhor.

Subindo na ygarité o estreito rio, notei sempre que a côr da agua era a mesma e só se perdia ao confundir-se em sua foz com a da grande arteria.

Lembrei-me então de Humboldt, que deu, a respeito da côr das aguas de alguns affluentes do Orenoco e do Amazonas, numerosas informações, sem comtudo explicar a causa da coloração.

Na verdade, a agua vista em grande volume, affigurava-se-nos escura-esverdeada, mas ao tomal-a n'um vaso de crystal, notei que era a mais pura e crystalina que encontrara n'estas excursões pelo Tocantins e seus tributarios. Era egualmente agradabilissima ao paladar.

Isto me fez crer que a coloração deve ser attribuida a materia organica e a phenomenos de reflexão.

Muntz e Marçano, em nota dirigida mais tarde á Academia de Sciencias de Paris declararam ter achado a explicação de taes propriedades das aguas negras, quando em exploração no alto Orenoco, bem como a causa da coloração na sua composição chimica.

Estas aguas são encontradas geralmente em região de formação granitica coberta de luxuriante vegetação.

Frequentemente são isentas de cal e faltam-lhe completamente os nitratos.

Partindo-se d'alli com a fresca da tarde, continuámos a nossa viagem navegando ao largo e parando de quando em quando nas praias de pequenas ilhotas onde abicávamos para caçar ou em descanso á sombra dos palmares, cuja frescura encanta o viajante entre aquelle clima abrazador ao meio do dia.

Bandos de aves, librando-se nos ares, formavam alegres côros, despertando a placidez d'aquelles desertos de terra e agua.

A's vezes tudo me parecia convidar a demora em taes sitios, e então saudosas recordações eu sentia da convivencia no mundo estranho em que tenho vivido, longe da familia e da terra que me viu nascer, na patria do cosmopolitismo; ao mesmo tempo que uma saudade conscienciosa me fazia recordar da pobre Aygara e do seu amor selvagem mas puro, do seu corpo bruto, mas bello, das suas palavras meigas e sem a maldade que jámais conheceu.

Oh Aygara, Aygara! Só agora eu comprehendia a pureza da sua alma.

E eu mofára d'ella tantas vezes, quando só me merecia gratidão.

Nunca mais a havia de vêr! Nunca.

Oh, eu pensava que nunca mais tambem teria de encontrar uma mulher tão dedicada, tão fiel e tão boa como Aygara, no seio das sociedades civilisadas, mas corrompidas d'este seculo.

E pedia a Deus que a minha prophecia se não realizasse, porque sentiria nascer em mim instinctos de féra caprichosa e cruel.

....

Tinhamos já descido as cachoeiras, quando uma tarde procuravamos dirigir a embarcação para uma ilha que parecia estar á vista, afim d'ahi fazermos o nosso pouzo.

Eu havia passado para a ygarité com os dois remeiros a explorar o littoral da ilha, que estava proxima e que se apresentava coberta de luxuriante vegetação, offerecendo-nos talvez magnifico pouzo.

Mandú tomara sósinho ao leme conta da direcção do barco, que descia lentamente impellido pela corrente.

A umas dez braças na sua deanteira iamos nós tres na ygarité que mal sustentava tal peso, cortando veloz aquellas aguas agitadas por uma viração constante e impertinente.

Apezar do perigo a que estavamos expostos, eu, affeito ás vozes das vagas e do vento, contemplava distrahido a linha das aguas de um extenso horisonte, quando senti em mim um estremecimento horrivel e o som de um grito unanime em que tomara parte ao sentir a causa.

A fragil embarcação acabava de ir a pique e a frieza da agua produzia-me um enervamento completo.

Ao volver á superficie quasi tonto pela impressão recebida, ouvi a voz de Mandú, e vi apenas a certa distancia, o casco ennegrecido da ygarité, que se afastava rapidamente.

O instincto de salvação acabava de vir em meu soccorro, mas ainda hesitante, tornei a mergulhar. Ao voltar á superficie, abri desmedidamente os olhos e nadei seguindo um dos remei-

ros, que, ajudado tambem pela corrente, tentava ver se alcançava terra.

Já nas suas proximidades, estendi a vista para os lados e verifiquei, que Mandú nadava tambem. O fiel indio, abandonando o barco á mercê da corrente, atirava-se á agua para me salvar.

Depois de alguns momentos de descanso, extendido de costas sobre as aguas, notei que a ygarité se approximava de terra, ao passo que o barco abandonado descia ao largo serenamente.

E cada um por sua vez alcançava emfim os gálhos de uma arvore pendida para o rio e cujas aguas lhe lambiam o tronco.

Estavamos salvos por assim dizer, mas n'este momento, uma exclamação de surpreza e de magua pareceu partir dos nossos peitos.

Um dos companheiros desapparecera!

Estava morto com toda a certeza, porque o infeliz muitas vezes nos havia dito, que não sabia nadar.

Dois minutos de anciedade e reflexão foram passados.

A nossa situação tornava-se desesperadora.

Esta *ilha* não era mais que um medonho *ygapó* ou terreno alagado e movel, onde não podiamos permanecer senão trepados nas arvores.

A ygarité havia encalhado a pequena distancia e estava envolvida de ramos e de despojos vegetaes a pequena distancia de nós.

Mandú comprehendeu, que não havia tempo a perder, e prevenindo-me de que o esperasse, afoutamente nadou em sua direcção seguido do companheiro.

Era preciso salvar o barco.

Uma vez dentro da pequena canôa, partiram contorneando o *ygapó*, e desapparecendo de minhas vistas ciosas de um soccorro, que desde logo principiou a tardar-me.

....

Escoaram-se as horas na ampulheta do tempo e a minha posição cada vez mais me torturava.

E afinal, a noite approximava-se, e nada dos companheiros chegarem.

Examinei então bem o sitio e com pezar e desolação percebi, que o *ygapó* devia ser grande e quasi impenetravel.

Dispuz-me a alcançar pelo menos uma arvore onde encontrasse melhor abrigo, até que depois de mil exercicios perigosos, alcancei o que desejava a dezoito metros de altura sobre o nivel do rio.

As minhas vestes compunham-se de uma camisa, ceroula e calça apenas, e qual como me achava a bordo da *ygarité* na occasião do sinistro. Por casualidade uma faca de matto, que costumava trazer commigo, escapara da naufragio, e servindo-me d'ella, principiei com difficuldade a cortar alguns ramos da arvore, que me impediam descortinar folgadamente o rio.

Já havia quasi conseguido o que desejava, quando, ao partir-se um galho pôdre e oucado, notei que existia n'elle excellente colmeia de uma abelha escura e pequena, que logo se pôz em movimento formando uma nuvem ao redor de mim.

As importunas abelhas, maldizendo a inesperada visita, introduziam-se-me nos cabellos e nos



acenei durante alguns minutos...

ouvidos, mordendo-me ferozmente e sem que d'ellas me podesse livrar.

Só pela noite serenaram, deixando-me em paz n'aquelle tosco abrigo onde forçosamente tinha de aguardar os companheiros, que nem de longe me annunciavam a sua chegada.

Ao contemplar as estrellas e a lua no seu quarto minguante, alli passei horrorosas horas morto de fadiga e sem ter quem me consolasse em tão triste e pavorosa situação.

Cançado de tanto olhar para o negrume que invadia o horisonte, notei afinal, depois de muito tempo decorrido, que este se coloria pouco a pouco.

Um alivio e uma esperança surgiram então em mim, ao vêr romper a aurora, como se com a sua luz, que ia gradualmente augmentando, eu visse chegar-me um meio de salvação.

Dentro em pouco era dia claro e não tinha desgraçadamente ainda deante de mim, senão o espelho brilhante das aguas, sobre cuja superficie divisava ás vezes alguns *mururés*, ou ilhas fluctuantes, que desciam com a corrente.

A natureza permanecia muda, sepultada sempre em profundo e inquebrantavel lethargo.

As arvores, vergando sobre o espelhado aquoso, remirando suas ramagens e algumas saturando de effluvios balsamicos a fragrancia local; palmeiras, seringueiras e outras plantas realçadas nas suas cómas por uma infinidade de pequenas flores a esconderem-se nos entrelaçados de liames, de orchideas e de sycas!

Em baixo os troncos das frondosas plantas, submersos pelas aguas, por onde via claramente

de vez em quando passarem cardumes de peixes e saltitando de galho em galho um casal de *maguarys*, aves proprias d'estas regiões.

Apezar do meu estado de meio torpor, produzido pela fadiga e pela insomnia, percebia não sei que encanto enervante e difficil de definir.

Os tepidos perfumes da brisa, as esquivas caricias dos passaros reunidos entre a espessa folhagem, a graciosa indolencia da flora, tendiam a mergulhar-me a alma em enganador extasi.

De repente o meu olhar ávido de tal sensação, percebeu ao longe, uma pequena embarcação que descia o rio.

A distancia era, comtudo, grande e não permittia que me avistassem. Cruel era o meu desengano.

Na falta de um lenço ou de uma toalha, tirei a camisa do corpo, e com ella acenei durante alguns minutos, gritando com toda a força dos pulmões.

Tempo perdido.

Sumiu-se, finalmente, a embarcação, que me pareceu ser uma *ubá*, e sumiu-se tambem a esperança, que chegára a acalentar, de ser visto e soccorrido.

O sol erguia-se já bem acima do horisonte, inundando de luz e fogo o azul profundo que revestia aquelles desertos de terra e agua.

E nada de Mandú apparecer. Todavia, elle tivera tempo sufficiente de estar de volta.

Na minha mente, enfraquecida pelo cansaço, cruzavam-se conjecturas de toda a sorte.

Havia vinte e quatro horas que estava sem tomar alimento, mas, apezar de tudo isto, sentia

coragem e sangue frio, sempre resignado e disposto a esperar que, de um momento para outro, terminasse tamanho martyrio.

Profunda nostalgia se ia apoderando de mim, nostalgia que me fazia acudir á mente as mais saudosas recordações de outros tempos, de outras epochas. E lembrava-me d'aquelle rochedo, coberto com uma fertil camada de terra, sentindo a palpitação do Oceano no mais profundo dos seus recantos, onde Roberto Machin encontrou guarida e poude dar sepultura á sua Arfet, e que Zargo e Teixeira ousaram descobrir, para gloria do nome portuguez. Uma nostalgia que me fazia encher de saudades da terra onde passei a quadra infantil da minha vida, como a nostalgia da andaluza, que revê constantemente a sua formosa Sevilha; a do parisiense, que não esquece os *boulevards,* e, sobretudo, os seus Campos Elysios; a do chinez, os seus rabichos, os seus mandarins, o templo de Confucius e as grandes muralhas de Pekin; a do japonez, os seus *samourais*, as *guéchas* e a festa de *Asakusa;* a do madrileno, o seu *Alcalá* e a *Puerta del Sol*, e, finalmente, a do lisboeta, outr'ora o seu *Chiado* e hoje a Avenida.

No ygapó, dentro da floresta, reinava uma quietação, só perturbada pelo brando marulho das aguas, tornando-o insipido e horroroso.

Para cumulo da desgraça, o calor augmentava intensamente.

N'este comenos, vi adejar um bello passaro azul, de fórma graciosa, que, chegando proximo do sitio em que me achava, fechou as azas, desceu perpendicularmente e foi pousar-se sobre um

dos ramos de uma arvore baixa, alguns palmos acima d'agua.

Era uma avesinha encantadora.

Depois de alguns momentos de descanço, principiou a saltitar de ramo em ramo e a distanciar-se.

Tive vontade de seguil-a. Mas como?

No entanto, a ave revoluteava, parecendo indicar-me a direcção que devia seguir.

Talvez estivesse proxima a terra firme.

Tentei passar de uma arvore para outra. Faltavam-me forças.

O passaro sumiu-se afinal no fundo da floresta, como ainda ha pouco tinha visto sumir-se ao longe a vela alvadia da ligeira *ubá*.

E n'esta occasião lembrei-me ainda de Aygara. Ah! se ella soubesse da minha triste situação, com que furia e prazer não correria a salvar-me...

Mas eu estava isolado de tudo... e de todos.

....

Chegou, finalmente, a hora que tão anciosamente aguardava desde a vespera. Acabava de ouvir a voz de Mandú, do lado esquerdo do ygapó. Elle ahi vinha e dentro em pouco eil-o proximo do sitio em que me achava.

Notei, porém, que a canôa que tripulava, mais o companheiro, era estranha.

Perder-se-hia o barco onde conduzia os meus haveres?! Mais um momento de tortura, mas convenci-me de que antes preferivel era, que se fossem os anneis e ficassem os dedos.

Apezar de me faltarem as forças, desci nervo-

samente da arvore, onde encontrára guarida, até que alcancei a canóa.

Soube então por Mandú que só muito distante d'alli haviam alcançado o barco, que rodara na vespera rio abaixo, e que, por ser tarde, foram obrigados a pedir agasalho a um habitante d'aquellas paragens, depois de terem vagado, perdidos durante quasi toda a noite nos ygarapés e ygapós.

Emprestára-lhes elle essa canoa para mais ligeiramente virem ao meu encontro, de lá partindo ao romper do dia.

Fosse como fosse, estava salva a situação.

Dentro em poucas horas aportava ao sitio habitado pelo tal individuo que me disse chamar-se Francisco Yacarè, typo mestiço, especie de cafuz. Mostrava-se desejoso de nos servir e consolar, mas eram tão mesquinhos os seus bens, tão pobre e miseravel a sua habitação, que apenas me poude arrancar d'alma os sentimentos de commiseração.

A cinco pés do solo turfoso e molhado entre dois assahyseiros, armei a minha maca e deitei-me em paz.

Era forçoso recuperar as forças perdidas, ficar alli até o dia immediato.

Não havia outra coisa a fazer.

Agora só se tinha que lamentar a ausencia e a morte do infeliz companheiro, desapparecido no torvelinho das aguas.

XVIII

Nos ygarapés

Pouco antes do romper do dia seguinte, já o nosso barco deslisava sobre as aguas rio abaixo.

O espelho do precioso liquido reflectia a pureza do espaço celeste e uma briza meiga e refrigerante, rompendo as correntes aérias de maiores alturas, chegava até nós como doce allivio enviado por uma aurora que não tardava a surgir.

Sob a tolda semi-espherica, havia um chão estivado, onde se estendera a minha esteira de *obim*.

Foi ahi que encontrei o meu commodo estendendo-me entre uma chusma de pequenos objectos que occupavam as extremidades.

O remar pouco facilitava a descida e assim, entre um socego de ouro e uma paz magnifica, o barco deslisava-se airoso ao largo «rodando de borbulho» impellido pela corrente.

Os ultimos reflexos da lua, que se sumia no horisonte, batiam em cheio na outra margem e a natureza, sepulta em lethargico silencio, enviava-me um ar impregnado de mil deliciosos aromas.

Minh'alma, ferida pelos recentes successos, sentia comtudo motivos de expansão.

Quanto mais prazer se encontra n'estas viagens durante as noites ou com a fresca das manhã e da tarde, tanto mais penosas e insupportaveis ellas são, quando se é obrigado a fazel-as em pleno dia, sob terrivel mormaceira e um sol abrazador.

Encerram um cumulo e levam-nos ao desespero.

Ha, porém, um recurso—a sombra.

Buscando-a como benefico lenitivo, depois de termos vencido boa distancia até adeantada hora do dia, entramos n'um ygarapé como se entrassemos n'uma gruta de verdura.

Renques de palmeiras nasciam bem á beira d'agua e d'aquella abobada formada pela espessura das ramadas desprendiam-se, como satellites, innumeras parasitas, que a menor aragem fazia balouçar, atirando-se umas ás outras.

Da cupula emmaranhada, na qual as trepadeiras se dependuravam em arcos entrelaçados, cahiam numerosas florzinhas que alastravam o lume d'agua, sobre o qual pequeninos insectos zumbiam esvoaçando doidamente.

E como n'uma das longas noites de inverno, áquella hora de fogo, a natureza parecia entregue a preguiçoso espasmo, os dois elementos terra e agua uniam-se n'uma egualdade plethorica, brotando d'elles aos cardumes insectos de todas as especies.

O ygarapé encerra mil delicias, que só as sabe fruir o viajante.

Ygarapé significa propriamente passagem de canôa. E' uma especie de canal natural, formando duas grandes sebes, fechadas quasi sempre por uma arcada verdejante de plantas tropicaes.

Sem largura uniforme, o ygarapé, ora é estreito, sinuoso e sombrio, ora, alargando-se e offerecendo difficuldades para ser atravessado, toma o nome de *ygapó* ou *gapo* apresentando-nos florestas submersas pelas suas aguas.

Os ygarapés cortam e subdividem as ilhas, formando ás vezes inextrincaveis labyrinthos.

Preso o barco, afim de não ficar á mercê da corrente, saltámos sobre aquelle solo humido e coberto inteiramente por espesso arvoredo.

Deixando esfriar o corpo para tomar o banho do costume, apanhei ao acaso algumas fructas de cacau, que eram deliciosas ao paladar pela acidez.

Durante esta paragem, deu-se um facto que não devo deixar passar despercebido como tenho feito a tantos outros.

Embrenhando-me pela floresta, notei a presença de uma cobra enroscada junto ao tronco de um assahyseiro.

Lembrei-me de aproveitar a occasião para pôr em pratica uma ideia que ha muito alimentava. Seria uma experiencia.

Desejava conhecer o effeito da musica na serpente, e, buscando uma flauta, que se achava n'uma das minhas malas, volvi ao mesmo sitio.

Nunca fui, na arte de Verdi, mais do que um

mau amador, e portanto, não julgue o leitor, que cito o facto como reclame.

Levando a flauta aos labios, entoei uma aria, cujo titulo não vem ao caso dizer, e, negaceando a serpente, vi-a com pasmo erguer a cabeça, vil-a como a escutar e, depois de se desenrolar, deslisar em minha direcção.

Erguendo-me, segui em zig-zags, acompanhado sempre pela cobra e parando finalmente, veiu o ophidio até aos meus pés e só me deixou, quando, retirando o instrumento dos labios, a afugentei com um pequeno movimento.

Assim, a historia do canadaense e da serpente de Chateaubriand não é um episodio provindo da phantasia, mas sim um facto altamente scientifico.

....

Passada a maior força do calor, tratei de occupar de novo o meu logar no barco e continuámos a viagem, felizmente d'esta vez tão agradavelmente interrompida.

Um dos canoeiros, com o fim de procurar atalhos, fez-nos passar por um «furo» em cuja passagem foi necessario usarem das zingas dirigindo eu ao leme a embarcação.

Dentro em poucos minutos estavamos ao largo e, de vela içada, o barco fendia as aguas, voando sobre ellas.

A corrente foi aproveitada com a fresca da tarde, não sem algum receio do tempo mal seguro que felizmente nada produziu.

Tunantemente artificiosa é a construcção das habitações n'estes pontos, onde diariamente ti-

nhamos de pousar, agradecendo sempre reconhecidamente o agrado de seus moradores.

Uma tarde, tinhamos nós passado ao largo e deixado de vista o Bayão á nossa direita, quando, para fugirmos a uma tempestade, penetrámos n'um ygarapé pouco adeante do sitio denominado Mararià.

O nosso barco acabava de encalhar n'uma praia de lama, bastante distante da vivenda que tinhamos á vista, porque a maré estava baixa.

Verdade é que, uma vez cheia, a agua, invadindo quasi toda a superficie da ilha, penetraria nos baixos da habitação e a canôa, impellida pelos varejões, iria facilmente encostar na escada que lhe dá accesso.

Para isto era forçoso esperar a enchente, o que seria intoleravel, mórmente ao approximar-se á noite.

Para supprir tamanha falta, que é a da construcção de um caes estivado como possuem os mais abastados, collocam uns atraz de outros, troncos de enormes palmeiras, formando uma especie de pinguella mais ou menos fluctuante, pela qual o bom equilibrista ganha n'um momento a habitação.

O trànspôr o espaço d'um ponto a outro, parece á primeira vista cousa facil, mas vá um cidadão bem calçado e trajado aventurar-se a tal exercicio sem d'elle ter livre pratica.

Não ha ponto de apoio. Alguns empunham uma zinga e logram passar; porém, até que a vara seja sufficientemente enterrada em tão abundante camada de lama e ganhe mais duro terreno, o tempo que decorre no enterral-a e des-

enterral-a repetidas vezes, exgota uma pessoa paciencia e forças, até que, n'um momento infeliz, escorrega e, zás traz, atola-se até á cintura.

Ora foi justamente o que me succedeu, quando me achava apenas a uma duzia de passos da choupana.

Felizmente veiu logo em meu auxilio, n'estas emergencias, um dos camaradas que me levou em seus hombros até alli.

A culpada era a minha vista curta e este facto capacitou-me ainda uma vez de que um myope só se deve aventurar em terra firme.

Isto, porém, nada era, e uma vez recebido em paz n'aquella hospitaleira casinha, depois de haver trocado a roupa enlameada por outra enxuta, cahi na minha rede mergulhado em considerações relativas aos usos e costumes d'aquella gente esparsa n'estes desertos de terra e agua.

Este systema de habitações semi-aerias e semi-fluctuantes encerra certa curiosidade, e nos faz lembrar as vivendas lacustras da Suissa construidas como estas sobre estacas cravadas no solo.

N'ellas ha duas, tres ou quatro divisões incluindo a varanda que occupa uma grande parte da sua circumferencia; são tamparadas como disse, sendo as estacas substituidas por outras de annos a annos em consequencia de apodrecerem com a humidade continua.

Todas estas casas, até mesmo as mais ricas e maiores, contam um unico pavimento.

O tecto é coberto de palhas seccas de Merity ou Burity e de obim, as paredes compõem-se de simples ripas de palmeira, armadas em barrotes

ás quaes ajustam muitas vezes leves esteiras afim de occultar o interior.

Composto ainda com ripas escolhidas, geralmente o chão assimilha-se ao fundo de uma gaiola.

Nos mais velhos e arruinados d'estes casebres é cousa facil ficar-se com uma perna entalada.

Rodeados de agua por todos os lados de ygarapés e canaes que communicam com o rio, fazem os habitantes constante uso de suas ygarités nas pequenas excursões ou dos botes e ubás nas longas viagens.

Este systema de habitações é conhecido desde a epocha de Herodoto e ainda hoje se estende por varias partes do globo. Assim é que embora datem dos tempos ante-historicos existem na presente epocha, segundo as noticias de celebres viajantes, nas ilhas Carolinas, em Mindanáo, na Venezuela, em Nova Guiné, etc.

Erectas sobre vastas explanadas, as casas das pessoas mais abastadas de Tocantins estão rodeadas de largas varandas, onde a ventilação se dá perfeitamente, penetrando nos aposentos interiores.

O leitor não conhecedor d'esta região, e especialmente para quem escrevo com mais proveito a auferir da minha intenção, ha de, forçoso é de crer, indagar do motivo que origina estas disseminadas populações habitarem de preferencia as ilhas do Tocantins, em vez de estabelecerem seus penates na terra firme.

O facto, porém, é accidental e facil de elucidar. Nas ilhas é que se reunem todos os factores do progresso do baixo Tocantins. E' n'essas ilhas

que estão plantados grandes cacoaes e onde os productos nativos alcançam prompta sahida. A industria extractiva tem ahi vasto campo de acção.

XIX

Usos e costumes

As mulheres conservam, em geral, no fundo das habitações, occupadas em pequenas industrias caseiras e dedicam grande parte do dia na fabricação de redes, em que são peritas e habeis.

Os homens fabricam parys e tapumes, onde o peixe entra e cae durante as enchentes e marés. E' só ir retiral-o ainda vivo d'alli, de seis em seis horas, e preparal-o da maneira que se quizer.

Ha bastante tempo no anno em que escasseia sensivelmente.

As partes occupadas pelos tapumes são assignaladas nas extremidades da praia, por cada morador, á montante e a juzante d'ella.

Afóra estes curraes de peixe, vimos outros, hermeticamente fechados, de que os habitantes se servem para guardar *jabotys.*

O jaboty (especie de kagado) substitue, n'esta

região, o porco, que ahi é difficil de crear. Este animal cresce, vive e engorda assim em prisão.

A sua carne é muito apreciada pelos habitantes de Tocantins e por elles usada quotidianamente.

O jaboty creado n'estas condições, e longe dos meios em que vive, quando livre nos mattos, custa mais á desenvolver-se e a sua carne perde o sabor natural.

Este pobre animal é notavel por ter a propriedade de esconder a cabeça na carapaça.

Em muitas excursões, vi, por vezes, estreitos e acanhados curraes, litteralmente cheios de jabotys, apinhados uns sobre outros, mal podendo moverem-se, pelo pouco espaço que lhe destinavam.

Quanto ás tartarugas, tornaram-se raras no baixo Tocantins e quando apparecem, vindas de pontos distantes, são sempre vendidas por bom preço.

Só tive occasião de conhecer alguns exemplares de uma especie, cujo tamanho é regular e de carne apreciadissima.

Creio tratar das *Emys Tracaxa,* de que nos falla Wappœus e que no Araguaxa e alto Tocantins tem o nome de Caracajá. Os seus ovos são cylindricos e semi-esphericos nas pontas.

Esta especie de tartaruga não póde ser como o jaboty, conservada nos cercados.

A «Emys amazonica», tartaruga grande, ou Jurará-assú, sem duvida uma das maiores tartarugas de agua doce, é rarissima no baixo Tocantins.

Devido a sua maravilhosa fecundidade, é que

estes chelonios são ainda encontrados no Amazonas, pois contam-se por innumeras as causas de exterminio.

Uma das especies de peixe que abunda no Tocantins, é o celebre e afamado *mapará*, que não achámos muito saboroso, mas que bem preparado é supportavel. As classes menos abastadas, das quaes tratamos aqui, tiram d'elle grande proveito.

Os processos de conservação são pouco conhecidos, ou pouco usados, e se não fôra o pirarucú que para alli vae salgado do Amazonas, muito soffreria esta gente durante parte do anno.

O pirarucú substitue perfeitamente o bacalhau e como aquelle tem particular sabor. Vendem-no nas casas de seccos e molhados e nas tavernas. Tambem é encontrado, com menos abundancia, no Tocantins, onde tive occasião de assistir á sua pesca.

O pirarucú *(vastrix cuvieru)*, rival do bacalhau, é um peixe pintado de manchas encarnadas—*pira*—peixe, *urucú*—vermelho.

O pescador mette-se na montaria, ou pequena canôa, e, quando só, rema na prôa substituindo o companheiro pelo *jacuman*, remo que na ré substitue o leme. Evita fazer o menor rumor possivel na agua, para não assustar o peixe, e de pé apenas o vê, atira-lhe a haste guarnecida com o *itapuá*, especie de farpa, e larga a linha como se costuma fazer na pesca da baleia, ficando uma extremidade presa umas vezes no punho, outras na canôa.

E' necessaria toda a destreza na execução d'esta manobra.



Casas sobre estacas

Aviú é o nome que dão a um camarão muito miudo, e que abunda extraordinariamente perto de Cametá. Os banhistas, ás vezes, são victimas d'elles, porque facilmente se lhes introduzem na uretra, sujeitando-os depois a dolorosas operações.

Para que se possa avaliar do quanto mal passa o povo n'estas paragens, ahi vae uma relação dos generos principaes de que faz uso, considerando que o passadio não deixa de ser bastante mesquinho.

A alimentação consiste geralmente de peixe fresco, salgado e de salmoura, farinha de mandioca fabricada no Maranhão, calda de assahy, carne de pato, marreco, jaboty e raramente de vacca.

O pirarucú occupa sem duvida o primeiro logar na meza do pobre, que o come de preferencia assado e com farinha de mandioca.

A caça é rara.

Entre as fructas mais supportaveis de que fazem uso, temos: os bacurys, genipapos, mangabas, copús, cajús, cacau e muitas outras menos toleraveis. D'estas fructas fazem doce que prima pela acidez.

A calda de assahy, de que já tenho fallado é usada diariamente nas casas de familia, como o café no sul do Brazil.

O assahy, bebida bastante quente e substancial apresenta uma côr escura, roxo-mesclada.

A calda de bacaba é clara e mais procurada pelos estrangeiros, porque a sua côr não provoca tanto a repugnancia.

Entretanto, os naturaes preferem a primeira.

Tanto uma como outra, só me pareceram tragaveis, addicionando-lhes algumas colheres de assucar.

O assahyseiro «Euterpe oleracia» e a bacabeira «Aenocarpus bacaba» são duas especies de palmeiras naturaes d'esta região e n'ella mesma cultivadas. E' das suas fructas maceradas, que fazem as ditas bebidas.

Durante as horas de maior calor, usam tambem de uns refrescos a que erradamente dão o titulo de vinho de cacau e de copú, fructa do copuassú «deltonia lutea» inferior áquelle.

Nas ilhas de Tocantins não ha creação de especie alguma, fazendo-se quando muito, uma excepção, relativa aos patos, que ninguem cria, mas que se criam livremente.

As gallinhas são rarissimas e vendidas por preços fabulosos, assim como a carne de vacca que regula 1$200 réis o kilo e isto mesmo uma ou outra vez, quando algum negociante se resolve a mandar vir de Santarem ou da ilha de Marajó, algumas cabeças de gado, que é logo abatido por falta de pastos onde retel-o. Isto em tempo de cambio ao par. (Hoje o preço de cada kilo do carne é de 2$500 rs.)

N'estas condições, a carne de vacca é sempre de má qualidade.

Assim pois, a vida n'estas paragens, apresenta-se sob comesinha fórma deixando muito a desejar, apesar de tanta grandeza, e de tão ricos e apreciados elementos de prosperidade. Se este estado latente, se manifesta nas terras firmes e até mesmo nas ilhas como menosprezando, as riquezas virgens é todavia n'essas ilhas que existe

alguma animação e o commercio tem ahi os seus melhores representantes.

Não ha lavoura nem industria. D'estes dois factores do progresso e civilisação, existem apenas indicios.

A alma emfim d'esta zona, são os seringaes nativos e os cacaueiros existentes, ultimos representantes de uma cultura antiquissima e que tem dado fructo successivamente a varias gerações.

Os denodados servos da sciencia que abordem ás margens d'estes grandes rios e se atrevam a transpôr os sombrios atrios das florestas virgens, internando-se por ellas, terão ainda muito que devassar, apóz os lineamentos de um plano de estudos começado e não terminado.

A parte hydrographica d'esta região offerece vasto campo de acção aos investigadores da sciencia.

Sujeitos a inundações, os terrenos das ilhas na maior parte do anno apresentam particularidades notaveis.

Quantas vezes me foi dado encontrar nas minhas excursões, rio abaixo ou rio acima, baixos dos quaes se levantavam ainda pequenas extensões de terreno, alguns palmos fóra d'agua, onde pareciam vegetar uns ultimos arbustos que encobriam as ruinas de uma antiga choupana?

Eram ilhas que desappareciam com o tempo, nas degradações produzidas entre as aguas.

Nas grandes ilhas habitadas do Tocantins cultivar uma horta, vel-a florescer e chegar a um periodo de desenvolvimento aproveitavel, quasi não passa de um mytho.

Em certa occasião, durante uma visita que fiz

a casa do amavel negociante Costeira, tive ensejo de apreciar uma pequena mas linda horta que o mesmo cultivava com o maximo cuidado ao lado de sua casa. Couves, alfaces, ervilhas, pepinos e outras especies floresciam alli brilhantemente.

Qual não foi o meu espanto quando voltando lá quinze dias depois, não encontrei nem ervilhas, nem couves, nem horta, nem cousa similhante?

A agua, invadindo n'uma noite o terreno, dera cabo de tudo.

Todavia, é incrivel a rapidez com que crescem as plantas n'esta região. Em vez de couves havia arbustos de quasi um metro de altura.

XX

A vida no Tocantins

Só um anno de boa safra de cacau constitue uma felicidade para essa boa gente.

As colheitas dão-se de Janeiro a Junho, sendo as fructas apanhadas e transportadas em montarias (canôas) até as habitações onde se faz a separação da semente (amendoa) que é secca ao sol.

As cascas do precioso fructo são aproveitadas na fabricação do chamado sabão de cacau, que não é ruim mas cujo processo muito deixa a desejar.

O cacaueiro (esterculiaceas) é um d'esses singulares arbustos que floresce em varios pontos da zona torrida, mas cujos fructos não se desenvolvem pela mesma fórma.

No Tocantins e terrenos alagadiços do Amazonas, o cacaueiro prospera brilhantemente, evitando aos horticultores, amiudadas capinas ou continuos cuidados.

Isto succede sempre nas terras humidas e pantanosas, onde a planta floresce como suas irmãs nativas.

Transportado o cacaueiro para outros pontos, é simplesmente um arbusto vistoso e de pouca valia.

Em minhas excursões pelos estados da Bahia e Espirito Santo, entendi-me muitas vezes com lavradores dos municipios de Itapemirim, Cachoeira, S. Felix, Feira de Sant'Anna, Porto Seguro, Alcobaça e Caravellas, os quaes se mostravam evidentemente fatigados, pelas tentativas de que lançavam mão sem conseguirem exito nas plantações. A planta cresce, prospera de maneira esplendida, chega mesmo a florescer, mas a respeito de fructos só um ou outro consegue vingar; e como o cacaueiro, plantas ha, que, transplantadas, fenecem sem descendencia.

Entremos por um momento n'este ligeiro raciocinio, e talvez que algum dos illustres leitores, melhor que eu chegue a estabelecer o resultado.

Supponhamos que, em vista de factos identicos em outras plantas, a flor de cacaueiro é invadida por um insecto, que lhe extrahe o nectar e lhe damnifica os orgãos? Que fazer mesmo assim se o insecto, caso exista, é desconhecido?

Nas orchideas, succede que cada especie tem a sua especie de insecto para a transmissão do pollen.

A baunilha, que pertence a essa grande fami-

lia, transplantada para a Europa em 1793 pelo jardineiro Miller, prosperou desde logo, mas para que as vagens chegassem a um desenvolvimento regular, tornou-se necessario, por não se ter operado a fecundação na flôr, sujeital-a a um processo magnifico, que é o de rasgar, com um instrumento pontudo a delgada membrana.

Esta operação é, pois, de grande utilidade, e o que resta é saber se se torna ou não applicavel n'este caso.

Todo o mundo sabe, que uma planta, em geral, privada dos raios solares, apresenta as folhas amarelladas e chega mesmo a encanecer, todavia o cacaueiro prospera, onde haja sombra e humidade.

Pois bem, transportem a planta, receba ella a sombra em que se abriga a sua folhagem, enterrem-n'a n'um todo humido e lamacento, cerquem-n'a de calor, receba a sua flôr o pollen fecundo e então não mais talvez vel-a-hemos fenecer sem descendencia.

Na Bahia, a plantação do cacau é um facto consumado e ella se extende por quasi todo o baixo valle do Jequitinhonha. As terras são alli vendidas a peso de ouro, e, fóra da area que se adapta a tal cultura, perdem tanto de estima, quanto mingua o seu valor.

A borracha e o cacau em primeiro plano são os dois elementos da riqueza e prosperidade actual do baixo Tocantins.

Refiro-me a riquezas em geral, pois que pessoas verdadeiramente abastadas, dispondo de solidos capitaes, não existem.

A seringueira «syphonia elastica» de que se

extrahe o cautchuc ou a borracha é uma arvore, como muitos já sabem não só productiva como vistosa.

A habitação em que pouzámos essa noite, como todas as mais, é rodeada de espesso e frondoso arvoredo, entre o qual abundam magnificos representantes da nossa flora, sendo que muitas especies alli nativas transportadas e replantadas na terra firme deixam de viver.

Enumeral-as e dar sobre ellas desenvolvida noticia, não me é permittido, porque então esta minha obra perderia a feição que costumo dar a este genero de publicações.

Em volta d'estas modestas vivendas ha apenas alguns raros pés de arvores fructiferas cultivadas e isto mesmo ao abandono.

E n'este meio em que a vida é facil pode-se quasi dizer que o direito de propriedade é um direito torto, porque ninguem tem direito a tal direito.

Uma falta é sempre supprida, reciprocamente. Assim um limoeiro por exemplo fornece não só limões áquelle que o plantou como aquelles que nem o viram plantar.

Uma especie de communismo latente abraçado por todos, uma franqueza fruida em commum eis o que se nos depara,

Quereis, porém, saber porque isto se dá n'esta região? Dá-se pela uberdade do seu solo, porque uma simples semente lançada ao acaso em qualquer canto consegue brotar; e do embryão a plantinha, crescendo rapidamente, transforma-se n'uma planta frondosissima que vae dar sem custo milhões de fructos, que não teem dono, mas de que todos são donos.

No largo da Matriz no Bayão, lembra-me perfeitamente de que havia uma vistosa pimenteira, que fornece pimentas a centenas de pessoas. E não são só os habitantes da povoação que as colhem, pois não. Vão alli buscal-as de bem longe.

Uma vez, estando eu de passagem n'um sitio distante do Bayão tres horas de viagem, lembrame de ver a doña da casa recommendar cuidadosamente a um portador que seguia para aquella villa de que entre outras cousas não se esquecesse da levar-lhe um mólho de pimentas da pimenteira do padre, como diziam por estar a mesma plantada nos lados da egreja matriz.

E porque não cultivava essa senhora perto de sua casa alguns arbustos d'essa especie?

Nem sei o que responder.

....

No baixo Tocantins não ha um só estabelecimento movido a vapor ou servido por machinas; todo o serviço é braçal.

Todo o movimento se concentra de preferencia n'este extenso archipelago que divide quazi esta parte do baixo Tocantins em dois rios.

Os habitantes d'esta região em segundo logar colhem tambem a fructa de andiroba de que fabricam azeite, a fructa de ucuhuba de onde se extrahe magnifica cêra, o côco de burity, o marfim vegetal, a baunilha, o cumarú, oleos e resinas devar ias plantas.

Não faltam, pois, elementos de riqueza e prosperidade ao baixo Tocantins, este magestoso rio, que, segundo Castelnau, banha uma das mais bellas regiões do mundo, cuja largura media é

de 1800 metros e a corrente de 1500 metros por hora.

Quando em viagem pelas terras goyanas, mais tarde, tive occasião de conhecer as suas vertentes proximas aos picos da Serra Dourada. Na nascente do Tocantins, matei a sêde, mais de uma vez.

A bacia do Tocantins comprehende o vasto territorio que se dilata do parallelo 1° ao 19° de latitude S., isto é, desde a foz do Pará até as mais remotas origens do Araguaya — o corrego das Duas Barras, que se despenha das abas septentrionaes da serra oriental do Cayapó, que tambem conheço.

As multiplas bellezas d'esta região, a grandeza d'este rio, a sublimidade de suas florestas, onde, como temos visto, se encontram numerosos productos que teem enriquecido centenas de individuos, em summa os variadissimos ramos de cultura, commercio e riqueza publica que provirão de um solo, em grande parte productivo, mas inexplorado, e que se estende á distancia de dezenas de leguas até tocar com territorios dos visinhos estados, entre elles o de Goyaz, finalmente, tudo quanto sabia ou adivinhava saber, deu origem a esta minha viagem, a cujo termino ia chegando.

E, dirão muitos, que fui ainda uma vez singular na escolha de local para base das minhas descripções, deixando a pequena distancia o gigante de todos os rios do mundo, o grande e soberbo Amazonas.

Todavia é bom lembrar que este ultimo rio está mais que descripto relativamente, ao passo que

sobre o baixo Tocantins pouco ou nada se tem dito.

O clima de Tocantins, assim como o de todo o valle amazonico, é quente, mas não impossivel de ser supportado pelo europeu, como teem pretendido alguns, que de longe ajuizaram das condições que tal temperatura encerra em relação á vida.

Entre os que assim pensam, citarei o nome do illustrado dr. Escragnolle Taunay, que affirmou uma vez no senado brazileiro, de que não póde a existencia humana desenvolver-se alli, o que é negado pelos factos, no que diz respeito a estas paragens, de que trato, porque conheço.

Quem alli vive, ou tem vivido, sabe bem que é perfeitamente supportavel a temperatura, quer seja o natural, que não conhecendo outros climas, razão não tem para estabelecer o confronto, quer seja o estrangeiro, ou habitante do sul e do norte da America, qualquer que lá penetre indo da zona temperada.

A meu vêr, só bem avaliada e ajuizada é essa questão por quem já tenha, como disse, vivido pelo tempo necessario ahi, afim de experimentar taes condições.

Montesquieu é um d'aquelles que pensam deverem achar-se enervadas as faculdades phisicas e intellectuaes do homem, quando sob a acção do sol equatorial, servindo-lhe de argumento o pouco desenvolvimento, na ordem physica das populações do centro da Africa.

Julga ainda Montesquieu que na zona torrida deve a humanidade soffrer de estupidez, ser incapaz de cultura intellectual e de acompanhar os

mais povos nas conquistas brilhantes da civilisação.

Pelo menos com relação ao baixo Tocantins, não passa de conjectura a impossibilidade da acclimação do estrangeiro.

Já é bem soffrivel o numero de portuguezes e marroquinos que habitam o baixo Tocantins, onde vivem satisfeitos e entregues geralmente ao commercio. Nota-se tambem a existencia n'estas paragens, de individuos de outras nacionalidades e que vivem da mesma fórma bem e cercados da felicidade que lhes proporciona o trabalho.

A intensidade do calor não parece ter embotado n'elles as faculdades de espirito, enervando-lhes as do corpo, cujos resultados funestos não se fariam esperar.

Um illustre escriptor cujas apreciações servem n'esta pagina tambem de base ás minhas e cuja opinião transcrevo disse que o esquimáu, habitante da bacia polar, mal comprehende como haja homens que possam viver nos paizes que não tem como o d'elle um dia de seis mezes e uma noite egual e em cazas que não sejam edificadas com o gelo.

Uma paradoxal verdade resulta de tudo isto. E' que se a atmosphera é pesada, se suamos demasiadamente e se sentimos á primeira vista os effeitos do clima, a vida aqui no emtanto é facil, aprazivel e amena.

XXI

Uma descoberta

SERIAM quatro horas de uma formosa manhã quando, para aproveitar a enchente, deixámos o nosso ultimo pouso e nos puzemos ao largo.

Parece incrivel a mudez com que se envolve a natureza n'estes desertos de terra e aguas.

Qual a hora de maior encanto para o viajante que não seja senão a do romper da aurora? O romper da aurora em pleno deserto, onde a solidão é vagamente quebrada pelos matutinos gorgeios da passarada e que produz no espirito dos poetas e pensadores impressões replectas de variados matizes.

Se gozar é viver, o viajar é saber.

Quem nasce n'uma grande cidade e nunca d'ella se apartou durante algum tempo e ahi tem o tumulo não viveu. Assim é que a maioria dos habitantes de Londres ignora o que sejam as delicias do campo.

Ver é conhecer com os proprios olhos, ler é aprender, base de uma certa definição sem mostras de real conhecimento.

N'este momento o quadro que se nos descortinava tinha dois tons — belleza e solidão.

Apenas uma ou outra garça volteava sobre os ares, cortado tambem de tempo em tempo por algum bando de ciganos, passaros de plumagem escura e que deixam o ar impregnado pelo catinguento fetido que exhalam.

Triste seria para mim, affeito a tudo que é vida e movimento, esta e outras digressões senão fossem os constantes golpes de vista que via dilatarem-se em minha frente. A's vezes ao tomar um atalho «furo» pelo meio d'aquellas numerosas ilhas, a canoa deslizava mansamente, quasi levada pela corrente.

As horas passavam e na vastidão das aguas tive occasião de notar que alguns *mururés* e farilhões fluctuantes desciam com a correnteza. São pedaços de terra, troncos e raizes de arvores, ramos e folhas que agglomerando-se, formam volumes isolados e se desprendem com as cheias, desligando-se sobre as aguas até se sumirem no oceano.

Chegou o momento da enchente ao approximar se o meio do dia, a hora propria para a sésta e o descanso do costume.

Os canoeiros são muito bons, amigos de servir, afeitos aos contratempos e tudo suportam com uma unica excepção e essa é tradicional — não remam contra a maré como dizem.

Remar contra a maré é para elles o maior de todos os contratempos e quem intencionalmente

os quizer induzir a fazel-o espere e verá. Fogem e não voltam ao serviço.

Mandú conseguira, a meu mandado, arranjar novos remeiros, de maneira que agora tudo corria ás mil maravilhas.

Entramos no ygarapé. Era a hora como dissemos da sésta e tambem do banho e da refeição.

Mais uma vez tive ensejo de apreciar as doçuras do ygarapé.

D'aquelle conjuncto de elementos, do solo humido turfoso, da materia organica apodrecida pela acção da agua, despendia-se uma exhalação miasmatica, que se ia unir mixtosamente ao perfume agreste e suave, que envolve as copas dos arvoredos.

Atravez do silencio, que envolvia a natureza, distinguia-se comtudo um como rumor confuso, frenetico, extasiante produzido pelo roçar amoroso das arvores umas nas outras, comprimindo-se, estalando-se entre o ruido fervilhante da folhagem, dos ramos pesados, que chegam a beijar o lume d'agua em uma dansa continua.

E pelas frinchas formadas entre essa massa densa das folhagens, penetravam estilhaços de luz que se iam cravar na agua, na lama e no lodo ou nos troncos bolorentos e sediços das plantas.

E a passarada a esvoaçar á sombra dos seringaes, saltando de galho em galho, de haste em haste, parecia acompanhar vivamente o alvoroço da flóra.

Depois de ligeira refeição armei a rêde e entreguei-me como de costume, ás delicias de Morpheu.

Era a hora da sésta, cousa na verdade, obrigatoria a todo aquelle que se acha sob a acção d'este clima.

Mandú, que havia partido por terra em pequena excursão, voltou, quando já me achava em pleno somno e noticiando-me que descobrira pouco além dois jacarés.

Saltando da rede, apanhei a minha arma e segui até que, approximando-me de uma angra, divisei na verdade, dois representantes da familia *alligator* da especie *jacaré-cetinga* em repouso sobre a lama, com as boccas abertas.

Apontando a arma fiz fogo, matando um dos amphibios, que arrastamos até ao sitio onde tinhamos estabelecido o nosso pouso.

Entretido, deixara assim passar os momentos de descanso, e á hora marcada por Mandú partimos novamente. Iamos pousar d'esta vez em terra firme, na casa d'um sujeito com quem me encontrara uma vez durante estas excursões.

Lá chegados antes do anoitecer, saltamos em terra e acceitando a fineza com que logo me quiz aquelle senhor obsequiar, tomei *assahy*, voltando depois para o ar livre, afim de gozar da fresca da tarde.

Era esta uma habitação como as outras que já conhecemos, com a unica differença, que estava assente sobre o solo, tambem um pouco humido, apesar de pisarmos terra firme, a uns seis metros sobre o nivel do rio.

Em volta d'esta vivenda, notei que grande immundicie invadia todos os cantos, onde restos de insectos abundavam e n'elles haviam nascido e

se multiplicado varejas e outros dipteros, como se via pelos pontos oucos e vasios das suas chrysalidas.

Para outro mais dado á inercia, estas ultimas horas do dia correriam descuidosamente, mas eu que me prezo de deligente, encontrei logo um valioso motivo de distracção e de estudo.

Perto de alguns assahyseiros e n'um sitio disfarçadamente elevado, vegetava um arbusto á primeira vista sem valor, e cujo cultivo acabou por chamar-me a attenção.

Que nome tinha, qual o proveito que de sua cultura podia advir, foram cousas que logo tratei de indagar.

Com grande satisfação ouvi citar o nome do dito vegetal, denominado *ypadú* e que havia tempo almejava conhecer.

As propriedades narcoticas d'esta planta sobre a qual tinha já algumas informações, o tamanho do arbusto e o uso que das folhas reduzidas a pó faziam os indios nas suas longas viagens, acreditando que os alimenta, porque lhes tira o appetite reduzindo o estomago a estado de inercia; tudo isto dava logar a crer que se tratava de uma especie ainda não estudada no Brazil, similhante a coca já conhecida no Perú.

Assim resolvi informar mais tarde o ministro d'agricultura da minha descoberta e tão acertados foram os passos dados, que cumpridos pelo então presidente do Pará, as ordens d'aquelle ministro, verificou-se depois de demorado estudo e minucioso exame que o *ypadú* é nada mais nem menos que a propria cóca do Perú, «Erythroxillon cóca» cujas folhas mastigadas anesthesiam a



Avistando Cametá

mucose do estomago, sustendo as forças de quem d'ellas usa.

Em todo o baixo Tocantins é este vegetal cultivado pelos habitantes, que d'elle usam abusivamente. Segundo ouvi affirmar, esta planta existe no Amazonas, em estado selvagem.

O meu finado amigo dr. Ladislau Netto, director do Museu Nacional do Rio de Janeiro, chegou a aconselhar o cultivo d'este vegetal, nas cordilheiras dos Orgãos e Mantiqueira, antevendo optimos resultados, desde que fossem estabelecidos nos centros de cultura, laboratorios destinados a preparação do respectivo alcaloide.

A acclimação d'este vegetal n'essas paragens, caso se chegasse a dar, seria uma nova fonte de riqueza para o paiz.

Tal arbusto, que nos parece de immenso valor para a humanidade, generalisadas entre os povos cultos, as suas maravilhosas qualidades, merece que lhe consagremos mais algumas linhas.

Existindo o ypadú em estado silvestre no valle do Amazonas, bem longe estavam os viajantes de suspeitar das suas preciosas propriedades.

Esta planta conhecida no Perú, de ha muito servia de monopolio aos Incas que distribuiam as suas folhas á nobreza e aos reis estrangeiros. Consideravam-n'a sagrada, acreditando-a patrimonio dos Sacerdotes do Sol.

A superstição publica transformou-a em symbolo da divindade.

Os hespanhoes chegaram a confiscar a cultura da cóca, popularisando o consumo entre as classes pobres e entre os mineiros.

Acabamos finalmente por comprehender o immenso proveito que tira a gente pobre do baixo Tocantins do cultivo d'esta planta, principalmente quando mais falta soffre de generos alimenticios importados.

Deveras deve ser excellentemente economico um almoço ou um jantar de folhas de ypadú. E o caso é que se mascarmos algumas, como mais tarde tivemos ensejo de experimentar, nos sentiremos tão bem dispostos como se nos tivessemos levantado da meza, depois de termos ingerido certa quantidade de elementos tonicos e bebido alguns calices de vinho do Porto.

M. Gosse, naturalista genebrez, informa-nos de que os indios dos Andes e da Bolivia passam, graças á coca, dias inteiros sem comer e sem dormir; que durante algumas semanas percorrem rapidamente centenas de leguas, nutrindo-se apenas com alimentos vegetaes, sem soffrerem de cansaço, nem do frio glacial, nem da intemperie das estações.

A existencia d'esta planta, faz-nos crer que em um reduzido volume se contém grande quantidade de elementos nutritivos.

....

Em virtude da demora que tivemos n'esse ultimo pouso, só podémos partir no dia seguinte d'alli com a segunda vasante.

Em todo o caso corria esplendida a viagem.

O barco «rodava de borbulho» e os remeiros, adormecidos, extendiam-se de bôrco sobre as bagagens. Apenas Mandú velava ao leme, dirigindo a embarcação,

Eu, sob a tolda, livre dos raios solares, entre-

gava-me á leitura, devorando com a vista algumas paginas de um volume scientifico de Luiz Figuier, sem me dar cuidado um jacaré vivo que convenientemente amarrado e preso permanecia sob o estivado de popa.

O dia estava bastante quente e por esse motivo não é de costume viajar-se a taes horas, tornando-se a viagem horrivel e causando-me um mal-estar enfadonho. Mais uma vez assim exposto aos rigores do sol e protegido apenas pela tolda do barco me certifiquei de que a temperatura é supportavel e que se não morre de insolação, a não ser por gosto e falta de cuidado.

A verdade é que na parte mais baixa de Tocantins, não se eleva a média a mais de 80,7, a *temperate climate* segundo Herudon esquecendo-se os dias de cão *(dog days)* dos climas frios. O homem affeito a este clima disse ainda o mesmo auctor *is ever unwil ling to give it up for a mare bracing one!* (J. Orton. *The Andes and the Amazon*. pag. 286).

Ás quatro horas da tarde Mandú annunciou-me que dentro em pouco avistariamos Cametá.

N'este momento, um bando de palmipedes passava sobre nossas cabeças, atroando o espaço com os seus gritos, e despertando os remeiros que, antevendo o proximo termo da viagem, lançaram novamente mãos aos remos, enfiando-os nos toletes.

O barco, veloz como uma setta, rompia as aguas, deixando á superficie uma esteira de espuma alvadia e brilhante.

De repente o espaço enfarruscou-se, e uma

borrasca se fez annunciar nas horas finaes da nossa viagem.

A chuva não tardou a cahir copiosamente, e, na impossibilidade de alcançarmos a margem esquerda, a tempo de evitar-se uma catastrophe, procurámos dirigir a embarcação novamente para as ilhas, continuando no emtanto a descer o rio debaixo de medonho temporal.

A obscuridade era completa e as vagas elevavam-se como no oceano, de maneira que se tornou difficil a direcção do nosso barco mais arrastado pela força da agua.

Um raio cahiu a pouca distancia de nós, produzindo enorme estrondo e logo depois a chuva cahia em grande quantidade, causando-nos não pequenos prejuizos.

As roupas e bagagens ficaram ensopadas e algumas collecções arruinadas, o que me causou profundo desgosto.

Depois d'uma lucta viva em que nos vimos empenhados, contra os rigores do tempo, alcançámos um *furo*, onde nos demorámos algum tempo á espera que a tempestade amainasse, o que não tardou em succeder.

Finalmente, continuámos a viagem dentro em pouco e ao sahirmos d'um ygarapé, avistámos Cametá a duas leguas de distancia. Ao anoitecer saltavamos em terra.

XXII

Ultimos dias em Cametá



O aspecto que apresentava agora Cametá, era magnifico.

Por todos os lados, vida e movimento, devido á alta no preço da borracha e principalmente á safra do cacau que corria abundante.

Negociantes, que, ha dois annos a esta parte, jaziam prostrados por innumeras difficuldades commerciaes, tinham então em face uma epocha de salvação de lucros e recompensas.

Diariamente numerosos botes e montarias alli aportavam, transportando centenas de saccos com cacau e volumosos fardos de borracha.

Maior numero de vapores subiam e desciam o rio despertando a monotonia d'aquellas paragens.

As ruas de Cametá, mezes antes solitarias e sombrias, enchiam-se de vida e animação e alguns predios novos estavam a construir-se.

Tudo melhorava sensivelmente.

No meio d'aquella gente estranha provinda de varios pontos do Tocantins, destacava-se um ou outro typo verdadeiramente sertanejo do alto rio, cujas vestes de couro, enlameado e sujo pelo pó das estradas, nos fazia recordar o tropeiro goyano.

E com effeito eram estes individuos em sua maioria goyanos, embora em Cametá os chamem bahianos ou mineiros, os quaes por sua vez chamam paraseiros aos paraenses.

São habitantes do Alto Tocantins e Araguaya, e vinham ao Pará effectuar a troca de couros e fumo por sal que conduzem em grandes *ubás*.

N'este reboliço commercial em que se afogava Cametá, tudo era lembrado, e uma onda de animação envolvia as proprias artes no estado ainda embryonario em que alli jazem.

Até as lettras eram lembradas. Alguns moços, agrupando-se em busca de luz, tratavam de festejar a inauguração de um gabinete litterario, ideia que vimos coroada de exito.

O acto de installação devia celebrar-se n'uma das salas da casa em que residia o professor publico, sob a presidencia de um dos seus fundadores.

Obrigado o meu comparecimento em consequencia dos convites que recebera e ainda mais por estar o meu fraco nome no numero dos ora-

dores inscriptos, para lá me dirigi na noite marcada.

Bem illuminados e preparados, os salões regorgitavam de convidados e numerosas familias foram occupando logar na sala em que devia realisar-se a primeira sessão do club litterario Marquez de Santa Cruz.

Cametá em peso alli se achava e poucos, bem poucos, foram os que por força maior deixaram de tomar parte em tão saudosa festa.

A' direita de um estrado, sobre o qual se erguia a cadeira presidencial, havia uma tribuna preparada adrede e que ia ser occupada em ordem pelos oradores.

A' vista de todos e sobre a meza presidencial, destacava-se na parede, entre allegorias, o retrato do fallecido Marquez de Santa Cruz, em cuja memoria tinha logar esta festa, como um tributo ás lettras patrias.

A's 8 1/2 horas depois do discurso de installação proferido brilhantemente pelo dr. João de Sequeira Mendes, presidente do Club seguiram-se com a palavra os oradores inscriptos.

Se quizesse aqui expender-me a tal respeito ou mostrar qual mais brilhou, seria talvez taxado de injusto, pois que todos se esforçaram por corresponder á expectativa geral.

Não me posso porém furtar ao desejo de apontar aqui o nome do joven E. Martins, filho do professor publico, cuja intelligencia brilhante se manifestou em magnifico floreado e n'um discurso em que se exprimiu com uma calma não vulgar em moços da sua edade.

Um coração terno, apaixonado de rapaz cheio

de crenças e sonhos, ouvimol-o com silenciosa attenção discorrer sobre os moldes da virtude feminina.

O seu systema de dicção era tão doce e suave que, apesar de trahil-o a voz fraca e debil, chegava ternamente a enlevar todos os ouvintes.

N'aquellas phrases repassadas de melodia brotava a expressão sincera sobre as virtudes que engrinaldam a personalidade feminina.

E elle, o joven crente, assimilhava-se, a seu modo, ao poeta triste em excursões pelas campinas, procurando colher, d'entre tantas, a flôr por que sente mais viva predilecção, depois de cantal-a com vigor, inspirado pelo seu viço e frescura.

N'aquelle salão, onde reinava profundo silencio, havia tambem flôres; quem nos diz, pois, que este mancebo teria talvez alli a rosa da sua predilecção ?!

Depois que um gentil menino recitara uma poesia de Castro Alves, foi-nos dada a palavra.

Recebendo de surpreza o convite para aquella festa, pois que havia apenas tres dias voltara a Cametá, não tivera tempo de fazer estudos e reflexões sobre o thema que de momento adoptara.

Tratava-se da fundação de um club litterario; portanto, qualquer ponto scientifico era o bastante, para, tentando definil-o, exprimir-me sob minhas forças e muito principalmente sob minha opinião.

«A educação da mulher a par da mais pura religião» foi o ponto que escolhi despertando um acolhimento que sempre esperei de tão selecto

auditorio, mas de que me considero fraco merecedor.

Sei perfeitamente que a franca manifestação de pensamento desperta opiniões e produz, em conjuncto, affeiçoados e desafeiçoados.

Sou d'aquelles que preferem affrontar as consequencias desferidas pela critica, do que dictal-a a encoberto. Os fins beneficos que d'ella devem provir, solidificar-se-hão melhor, muito melhor, em face do original que a produz.

Se o nosso merito é mesquinho e diminuto para fazer realçar o seu valor, a nossa obra foi produzida em ceu aberto sem as côres anonymas do costume, que a empanam.

Outros mais abalisados, se assim o entenderem, estender-lhe-hão as mãos, dando-lhe appoio e incremento,

Tudo o que é anonymo nas lettras e sciencias é producto do medo e da falta de confiança, de que o auctor se sente eivado.

Assim me foi dada occasião de tratar da educação da mulher, porque para ella devem convergir as vistas de todos os bons patriotas.

E' facto sabido e notorio que, com raras excepções, a mulher no Brazil recebe uma educação rudimentar e quasi sempre demais limitada, representando um papel secundario quando a sua intelligencia lhe dá direito a vastas aspirações, impellindo-a baldadamente a grandes commettimentos. Não podem, porém, attingir o ponto a que se destinam pelos estultos preconceitos que ainda predominam nos nossos meios hypocritos e que conseguem com o applauso de muitos estorvar-lhes os passos.

A nossa sociedade é verdadeiramente estupida; vivemos cercados de um romanticismo impressionavel, n'um todo falso e deleitavel ao mesmo tempo.

Uma joven molda o seu procedimento, pelas obras romanticas que lê e lhe abrazaram a imaginação, sem lembrar-se de que cahe assim n'um mundo ficticio e que se trahe a si propria.

Depois os males advindos do *donjuanismo* introduzido na propria sociedade.

Quantas vezes vemos, na rua, nas janellas, nas reuniões, nos passeios e nos theatros, um rapaz com pretenções a galanteador e uma moça com desejos de ser amada, ou ter um namorado, porque isso é moda, entregarem-se a idylios estapafurdios, em que se descobrem gestos tolos, phrases apatetadas, passagens ridiculas tudo originado pelo romanticismo?

E uma moça casa porque julga amar o noivo e ser amada simplesmente! Casa com elle porque é um rapaz bem falador mas que só diz tolices, que veste bem mas nada possue, nem profissão, nem saber, nem meios que lhe garantam o futuro da familia e d'ahi surge a hora do desengano quasi sempre tarde.

Uma mulher emfim logo que nasce, encontra o berço alcatifado de flores e teteis; cresce, ainda menina chamam-lhe bonita por galanteio, connua a crescer, mira-se ao espelho a toda a hora e a todo o instante, certa de que na realidade é bonita e não lhe faltarão adoradores; esquece o estudo, deixa as costuras a um canto e vae para a janella namorar. A mucama, typo de perdição que invade as cazas de familia, é quem a ajuda e

lhe facilita os meios de corresponder-se com os namorados, uns toleirões que vivem nas esquinas e que lhes escrevem cartinhas replectas de asneiras e sandices.

Uma mulher emfim, o que quer é casar; mas a um homem é forçoso meditar e sobretudo estudar aquella que vae merecer os seus cuidados para então contrahir a união sem receio de arrepender-se.

A paixão póde tanto levar o homem a unir-se com uma mulher, como esse sentimento transformado em odio o póde fazer sob a obediencia de um capricho.

Installado finalmente o club litterario Marquez de Santa Cruz sob os melhores auspicios, terminou a festa animado sarau dansante, que se prolongou até o romper do dia.

Apóz o exercicio intellectual o exercicio hygienico é com certeza salutar e agradavel. Prefiro no emtanto o primeiro, mormente sob mais util ponto de vista.

Sempre dansei e nunca fui amigo de dansas

Isto de dansas
Só a creanças,
Póde agradar.

Um mez depois de pequenas e novas excursões por varios pontos do Tocantins, preparava-me para deixar a princeza d'essas paragens—Cametá.

Desejando tornar patentes a alguns amigos as saudades futuras de que me sentia possuido ao deixar aquella terra, offerecia-lhes na vespera da

partida um modesto banquete que foi servido no salão principal do hotel Tocantins.

Collocado em rigor á cabeceira da meza, tive o prazer de ver-me ao lado de um pequeno mas escolhido numero de cavalheiros, alguns dos quaes ergueram brindes animando o festim. Entre elles recorda-me os nomes dos drs. Aristides de Moraes, Themistocles de Figueiredo, promotor publico, redactor da *Reacção,* Henrique Wanzeller, etc.

Este ultimo é infelizmente já fallecido.

A todos me mostrei penhorado, tentando por minha vez agradecer-lhes as attenções de que era alvo e fazendo votos pelas prosperidades d'aquella abençoado e rico torrão.

Na mesma sala, que se achava regularmente adornada e illuminada, fez-se ouvir uma das corporações musicaes, dando assim maior realce áquella pequena festa.

XXIII

De volta ao Pará

(CONCLUSÃO)

Só no dia immediato deixava Cametá partindo a bordo do vapor Trombeta com destino á capital paraense.

Ao romper da manhã seguinte contemplava extasiado sobre o parapeito de popa as bellezas que se iam descortinando, segundo a marcha lenta e pesada do vapor.

Chegámos á denominada fóz do Tocantins.

A' esquerda o canal de Tajipurú, Marajó e innumeras ilhotas recortadas de confuso emmaranhamento por sinuosos esteiros, braços e ygarapés que se occultam á sombra de lindissimos palmeiraes, como se vegetassem á superficie das aguas.

Pela prôa a grande distancia, ainda singrando-as, approximava-se veloz vapor que não tardei

a conhecer ser um dos paquetes da Amazona's Steam Comp.

De seu bordo dirigiram-nos acenos com os lenços.

Ao longe avistam-se florestas inundadas, cujos terrenos, como temos visto, são sujeitos á influencia das marés.

Immenso ygapó cortado sempre de numerosos canaes a descoberto, por onde passam pequenas embarcações.

Sempre a mesma confusão de elementos e a côr esverdeada dos assahyseiros e *miritys*, mais ou menos carregada, em grupos ou em filas tintas pela luz do sol.

Ao longe o horisonte envolto por uma meia aureola de espuma luminosa e brilhante, lembrando-nos o oceano, de que nos vamos approximando.

E o azul da immensidade salpicado de nuvens tenues, esgarçadas n'um céo replecto de fogo e de luz.

O vapor continuava a singrar as aguas e eu sempre no meu posto de observação inclinado á sombra do toldo, no parapeito de popa, deixava o meu pensamento fixar-se nos segredos da natureza.

Realmente alguma cousa de maior importancia chegou mais uma vez a prender-me a attenção.

Em todas as geographias, em todas as obras dos mais afamados geographos eu aprendera que o Tocantins é um simples tributario do Amazonas; todavia agora estava convencido do contrario.

Posso affirmar que antes o Amazonas é que

poderia ser citado como tributario do Tocantins.

Mais uma vez me convenci de que nada ha como vêr e conhecer.

As aguas do Tocantins correm independentes pela orla meridional de Marajó, ao passo que as do Amazonas banham a orla septentrional do mesmo *archipelago* sem que entre ellas se estabeleça a mesma confusão. Pelos canaes de Tajipurú e Breves, o Amazonas é que envia uma pequena parte de suas aguas que se unem ás do Tocantins nas bahias de Melgaço e de Breves.

Os leitos dos dois grandes rios estão á distancia de quarenta leguas um do outro. Completa a separação o *archipelago* de Marajó, que véda a permixtão de ambas as aguas.

Finalmente a mistura d'ellás só tem logar com as do oceano.

Paraenses illustres são d'esta opinião que adopto e bom seria que os senhores hydrographos lançassem uma vista d'olhos sobre as posições d'estes rios.

A'cerca de Marajó, tenho a informar os leitores que longe de ser uma ilha, como quasi todas as geographias affirmam, é simplesmente um dos maiores archipelagos do globo. Conta cerca de duas mil e tantas ilhas separadas por canaes e formando um conjuncto isolado completamente da terra firme, pelo canal do Tagipurú e pelos dois grandes rios.

Na maior d'estas ilhas ha campos vastissimos onde se cria gado bovino e cavallar. Este ultimo tem desapparecido nos ultimos annos.

As marés dos plenilunos chegam a cobrir quasi

todos os pontos e fazendo-se um estudo sobre a natureza d'estes terrenos, ver-se-ha que ainda estas ilhas estão no seu periodo de formação.

E' até crivel que seculos atraz alli existisse apenas uma grande praia sobre a qual fossem parar lias e sedimentos levados pelas marés e pelas aguas dos dois rios originando a sua fórma e volume. (V. *O Amazonas*).

Isto assim se afigura pela existencia de outras pequenas ilhas que se vão formando em volta do mesmo archipelago.

O calor ahi, apesar de excessivo pela situação equatorial, é mitigado no emtanto pelas brisas maritimas.

. . . .

O vapor acabára de passar a pequena distancia de duas ilhas quando notei que ligeira sombra roçava a superficie das aguas. Levantei o olhar e vi que uma garça de azas pandas, librando-se suavemente, cortava o espaço, vindo passar a pequena distancia da mastreação do vapor.

Logo depois ouvi uma voz que me chamava. Era a de um companheiro de viagem que me annunciava estar o Pará á vista. Debruçada a cidade sobre as aguas da formosa bahia de Guajará, ella se distinguia perfeitamente á distancia de poucos kilometros.

Dentro em uma hora pisavamos terra.

Estavam terminadas as minhas excursões pelo Tocantins.

FIM

VOCABULARIO

INDIOS APINAGÉS — RIO TOCANTINS

Abesdim — Bom
Acuca êu — Abraçar
Aga-to — Fazer cozer
Agunto — Fugir
Amanpa — Temor, medo.
Anibobuita — Espelho
Ancro — Porco

Baati — Bonito
Brèy — Carne
Bruaman — Caçar
Budivrên — Lua
Burè — Sol
Buruá — Lua

Cancanè — Preguiçoso
Capáto — Campo
Capran — Tartaruga
Cli — Aldeia.
Craikô — Lagarta, Gafanhoto
Cramatu — Amigo
Cricaã — Casa
Cruá — Flexa
Cuari — Não
Cucrumunhaem — Machado
Cucuvú — Fogo
Cuâpai-congrangran — Branco
Cuâpai-tigrè — Negro
Cupipi — Esteira

Cutahy — Arco
Cuti — Espingarda
Cuvejayé — Ninho de ave
Cuverahy — Passarinho
Cuveê — Fogo

Dejuá — Dentes
Deïpenkaitu — Mulher velha

Enchepé — Morcego

Gno-cran — Fronte
Gnotu — Lingoa
Guncra — Mão
Gnu-cran — Dedo

Iama — Barba
Icoya — cay-i-cotucu — Côres
Icra — Filho
Icrahy — Casa
Imbo — Cervo
Impô — Logo
Impudu — Garganta
Inko — Agua (Rio pequeno)
Inta — Chuva
Intu — Olho
Iprié — Homem
Iprirê — Creança
Iprom — Mulher
Iscran — Cabeça
Ismaniganca — Triste
Istêpa — Braço
Itahy — Perna
Itan — Tolo — coração
Itiki — Cabello
Itipari — Pé
Ituk — Farinha

Kankô-chêi-ti — Aguardente
Kanô — Cobra
Kamapêtoyé — Escravo

Kambeo — Sangue
Kampato — Noite
Kateroni — Paina
Katôa — Sol
Kènè — Pedra
Keni-kran-manga-ti — Serra
Kocreyuti — Anta
Kokni — Macaco
Kreú — Frio
Kreynú — Caminho

Main-crèrè — Cantar, dansar
Moeri — Frio
Megaperey — Fallar
Megupi — Matar
Menteya — Mulher
Meteretelai — Febre
Mi — Jacaré
Nampura — Chorar
Natai-kini — Estar alegre
Ninlhú — Nariz
Noatê — Relampago.

Ogopreyu — Penna
Ogoraty — Passaro grande
Okelein-têchira — Pescar
Onchê — cauco — Leite
Omtui — Mão
Omturais — Feio
Oujacuro — Espingarda
Oyapo — Faca
Oyen — Doente

Pâ — Bosque, Matto
Pagu-cray — Comer
Paï — Chefe
Paicon — Agua
Paidcy-supari — Cascavel
Pamorú — Dormir
Pamro-nimu — Nadar
Paniè — Assentar-se

Papay — Homem
Pariraty — Canoa grande
Pari — Canoa
Paricréré — Canoa pequena
Patecrau-morú — Mergulhar
Patonca — Ferir
Pêka — Terra
Peti — Bello
Pi — Arvore
Pliê — Estrella
Pran-mau — Fome
Prety — Sapo
Promangati rê — Correr
Punturin — Mão

Robo — Cão
Robocrori — Onça, tigre
Robotik — Onça escura
Ropari — Coqúeiro
Roti — Cobra Sucury
Ru-cranati — Arma de guerra

Tagor — Calor
Taman — Sim
Tebai — Peixe
Tereu-ti — Bananas
Tono-ti — Tatu

Vacon — Cutia
Vaenga — Diabo
Vasemai aprana — Deos

NOTAS

Como se vê d'este pequeno vocabulario os Apinagés usam de mais de um termo para denominar o mesmo objecto, o que não é para admirar quando se saiba que muitos d'elles viveram ou teem vivido isolados dos seus, fóra de suas aldeias e muitas vezes em contacto com outros indigenas que habitam as margens do Tocantins e Araguaya.

Muitas vezes em certas palavras não ha mais do que o effeito da pronuncia, como em *Pi* — arvore, que alguns dizem *Pry* ou *Pri*.

A sua arithmetica é das mais elementares. Só conhecem a numeração até quatro. Acima dizem em lugar de cinco — quatro e um; em lugar de seis — quatro e dois etc.

Puchi —Um. *At-crudi* —Dois. *At-crudi-pshi*—Tres. *Aguta-acruda* – Quatro.

Como em quasi todas as linguas selvagens e compostas de onomatopeas a pronuncia é muitas vezes aspirada.

Consignando tambem alguns termos novos que não podiam outr'ora existir entre os antigos Apinagés, é para notar que uzam de certa facilidade, quando querem dar nome a um objecto para elles antes desconhecido completamente, a terem de recorrer a qualquer outra lingua, o que em todo o caso tambem succede.

Infelizmente o vocabulario que ahi fica é muito pobre de termos novos e para tal difficiencia concorreu um desastre succedido durante a viagem em que perdi não só um caderno de notas e apontamentos, como objectos de não menor importancia. Perdendo com isto muito a parte scientifica da obra, não o perdeu porem a parte descriptiva e talvez interessante, porque para isso encontrei facil substituição na lingua geral, de uma ou outra phrase, na troca dos versos e cantos, que bem podem dar uma ideia como cultivam as musas alguns dos naturaes do Brazil.



ERRATAS

Pag. 29: onde diz — «concentrada» — deve lêr-se — «reconcentrada».
» 54: onde diz — «um luz» — deve lêr-se — «uma luz».
» 68: onde diz — «as mattas» — deve lêr-se — «das mattas».
» 83: onde diz — «Steam Marajó» — deve lêr-se — «Steam e Marajó».
» 168: onde diz — «d'este rio do Pará, etc., etc.» — deve lêr-se — «d'este rio, do Pará até perto da aldeia dos indios Anambés, até cheio etc.»
» 180: onde diz — «das manhã» — deve lêr-se — «da manhã».

O proprio leitor fará as outras emendas.

INDICE

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

INDICE DAS GRAVURAS